UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ENSINO, APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

EU, CRIANÇA: PEDAGOGIAS CULTURAIS DAS INFÂNCIAS NEGRAS NAS MÍDIAS DIGITAIS

TAYNÁ WIENNE ADORNO TOMÁS

MARINGÁ
2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ENSINO, APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

EU, CRIANÇA: PEDAGOGIAS CULTURAIS DAS INFÂNCIAS NEGRAS NAS MÍDIAS DIGITAIS

Dissertação apresentada por Tayná Wienne Adorno Tomás, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Linha de Pesquisa: Ensino, aprendizagem e formação de professores

Orientadora:
Prof.ª Dra.: Fabiane Freire França

MARINGÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

Adorno Tomás, Tayná Wienne

T655e Eu, criança : Pedagogias culturais das infâncias negras nas mídias digitais / Tayná Wienne Adorno Tomás. -- Maringá, PR, 2023.
123 f.tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Freire França.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teoria e Prática da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

1. Educação racial. 2. Instagram. 3. Infâncias negras. 4. Mídias digitais. I. França, Fabiane Freire, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teoria e Prática da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 23.ed. 370.11

Ademir Henrique dos Santos - CRB-9/1065

TAYNÁ WIENNE ADORNO TOMÁS

EU, CRIANÇA: PEDAGOGIAS CULTURAIS DAS INFÂNCIAS NEGRAS NAS MÍDIAS DIGITAIS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Drª. Fabiane Freire França (Orientadora) – UEM

Prof. Drª. Marcilene Garcia de Souza – IFBA - Salvador

Prof. Dr. Delton Aparecido Felipe – UEM

Data de Aprovação: 23/06/2023

Dedico este trabalho às mulheres negras que ainda não puderam ocupar o espaço acadêmico, às mulheres conhecedoras das coisas, das gentes, do mundo. Mulheres sabidas que fazem o mundo girar e que têm saberes tão grandiosos quanto os que encontramos nos livros famosos. Este espaço também é de vocês!

AGRADECIMENTOS

Às minhas ancestrais, por toda força e valentia passada através das gerações e que sinto correr em minhas veias.

À minha mãe Aracy Adorno Reis, que me motivou, incentivou e apoiou em todas as etapas desta trajetória. Ela que é a minha maior inspiração. A pessoa que me ensinou a sonhar, a lutar e a amar, de forma revolucionária. E por isso minha gratidão eterna, Donamãe.

Ao meu companheiro, Wellington Bruno de Oliveira Adorno, e ao meu filho Francisco Adorno de Oliveira, por me lembrarem todos os dias dos encantos da vida. Vocês foram meu respiro diário, o que tornou essa produção possível.

À toda minha família, essa rede de apoio poderosa que me envolve e fortalece em todos os meus percursos.

Às/aos amigas/os que contribuíram de alguma forma para que este trabalho acontecesse, seja ouvindo, auxiliando ou simplesmente me cercando de afeto.

À minha querida orientadora Fabiane Freire França, por me guiar na trajetória do mestrado com humanidade, generosidade e afeto. Os seus olhos sorridentes sempre me fizeram sentir importante. Obrigada.

À professora Marcilene Garcia de Souza e ao professor Delton Aparecido Felipe, pelo aceite em fazer parte da banca e pela forma carinhosa e potente com que fizeram suas contribuições.

Às/os participantes da minha pesquisa, que me permitiram conhecer um pouco das suas histórias e trazê-las em minha dissertação.

As/os colegas de turma, pelas/os quais nutro profundo respeito e bem-querer. Desejo que os caminhos de vocês sejam cheios de realizações.

À Universidade Estadual de Maringá, a toda equipe do PPE, especialmente ao Hugo, por atender às nossas inúmeras demandas de forma competente e gentil, e a todas/os professoras/es por serem tão belos faróis em nossos caminhos.

“Que o meu grito soe tão alto, que ultrapasse a barreira do preconceito e da discriminação racial”.

(Aracy Adorno Reis)

TOMÁS, Tayná Wienne Adorno. **Eu, Criança: Pedagogias Culturais de infâncias negras nas mídias digitais**. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof.ª Dra. Fabiane Freire França. Maringá, 2023.

RESUMO

Resumo: A pesquisa tem por objetivo analisar as pedagogias culturais que envolvem as crianças negras e a educação pelas mídias digitais. Os objetivos específicos são: propor discussões sobre educação e mídias digitais considerando a perspectiva das crianças negras; identificar elementos que ilustrem como se dá a educação pelas redes sociais, em especial pelo Instagram, por meio do levantamento de publicações e conhecer narrativas de crianças negras que criam conteúdo para o Instagram e a visão de suas famílias sobre estas vivências. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico referente às temáticas julgadas pertinentes para abordagem do assunto, como: racismo, mídia, infâncias, entre outros, e também uma revisão de literatura em que se optou por não fazer um recorte temporal devido ao número limitado de resultados encontrados na pesquisa dos termos relevantes. Posteriormente, foram levantados dados acerca de publicações relacionadas às hashtags #criança e #infância no *Instagram,* resultantes da pesquisa no mecanismo de busca da rede. Foram convidadas para participar da pesquisa 07 (sete) crianças negras que criam conteúdo para o *Instagram* e seus responsáveis, a fim de conhecer suas narrativas. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada. Os dados coletados foram analisados e categorizados de acordo com a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016). Como referencial teórico, utilizamos os Estudos Culturais. O estudo identificou estratégias de subalternização do negro nas redes sociais, que reproduzem estereótipos raciais e perpetuam desigualdades. No entanto, observou-se um movimento importante liderado pelas crianças, que estão encontrando maneiras de utilizar a plataforma de forma positiva, aprendendo com crianças negras e também ensinando.

Palavras-chave: Educação racial; Infâncias negras; Mídia digital; Instagram.

TOMÁS, Tayná Wienne Adorno. **Me, Child: Cultural Pedagogies of black childhood in digital media.** 123f. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Phd. Fabiane Freire França. Maringá, 2023.

ABSTRACT

Abstract: The research aims to analyze the cultural pedagogies involving black children and education through digital media. The specific objectives are: to propose discussions on education and digital media considering the perspective of black children; to identify elements that illustrate how education takes place through social media, particularly Instagram, through the collection of posts; and to understand the narratives of black children who create content for Instagram and their families' perspectives on these experiences. To achieve this, a literature review was conducted on relevant topics such as racism, media, childhood, among others, without a specific time frame due to the limited number of results found in the search of relevant terms. Subsequently, data were collected regarding posts related to the hashtags #criança and #infância on Instagram using the platform's search engine. Seven black children who create content for Instagram and their guardians were invited to participate in the research in order to learn about their narratives. A semi-structured interview guide was used as the data collection instrument. The collected data were analyzed and categorized using content analysis techniques proposed by Bardin (2016). Cultural Studies served as the theoretical framework. The study identified strategies of subordination of black individuals on social media, which reproduce racial stereotypes and perpetuate inequalities. However, an important movement led by children was observed, as they are finding ways to use the platform positively, learning from and also teaching other black children.

Keywords: Racial education; Black childhood; Digital media; *Instagram*.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Pesquisas que abordam educação étnico-racial, infância e mídia..... 44
QUADRO 2 - Distribuição da pesquisa por regiões brasileiras e por esfera administrativa/ instituição de pós-graduação..... 45
QUADRO 3 - Nomes fictícios das crianças..... 50
QUADRO 4 - Questionário para as responsáveis pelas crianças..... 53
QUADRO 5 - Perfil das crianças entrevistadas..... 54
QUADRO 6 - Perfil das responsáveis pelas crianças..... 54
QUADRO 7 - Roteiro de entrevista para as crianças participantes..... 55
QUADRO 8 - Roteiro de entrevista para as responsáveis..... 56
QUADRO 9 - 50 primeiras publicações que aparecem ao pesquisar a hashtag #criança na lupa de busca do *Instagram*..... 58
QUADRO 10 - 50 primeiras publicações que aparecem ao pesquisar a hashtag #infância na lupa de busca do *Instagram* …….....… 64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: DE ONDE EU VENHO E COMO CHEGUEI ATÉ AQUI 12

2 "A INFÂNCIA É UM CHÃO QUE A GENTE PISA A VIDA INTEIRA": OS ATRAVESSAMENTOS DAS MÍDIAS DIGITAIS NA INFÂNCIA……..... 19

2.1 EU NÃO SOU UMA CRIANÇA?..... 23

2.2 SER CRIANÇA NEGRA NO BRASIL HOJE 28

2.3 AS MÍDIAS DIGITAIS E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS: O FUTURO É AGORA..... 30

2.4 REDES SOCIAIS E O RACISMO DOS ALGORITMOS …….…….... 34

2.5 EDUCAÇÃO PELAS MÍDIAS DIGITAIS: BARREIRAS E POSSIBILIDADES..... 38

3 UNI-DU-NI-TÊ: REVELANDO OS CAMINHOS ESCOLHIDOS NA PESQUISA..... 43

3.1 REVISÃO DE LITERATURA: AMPLIANDO REPERTÓRIO..... 43

3.2 RECALCULANDO ROTAS …..... 46

3.3 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA ……..……..... 47

3.4 CAMPO DA PESQUISA: O INSTAGRAM …….……... 48

3.5 PARTICIPANTES DA PESQUISA …….…… 50

3.6 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS ……..… 55

3.7 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS …….…. 56

3.8 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS …….…… 68

4 "EU APRENDO A ME GOSTAR, A AMAR OUTRAS PESSOAS, A AMAR O MEU CABELO!"..... 70

4.1 A CRIANÇA ENQUANTO CONSUMIDORA E CRIADORA DE CONTEÚDO NAS MÍDIAS DIGITAIS 70

4.2 AS PEDAGOGIAS CULTURAIS E O USO DE MÍDIAS DIGITAIS NA INFÂNCIA.....74

4.3 AS POSSIBILIDADES DE AQUILOMBAMENTO ATRAVÉS DA INTERNET …….....…….... 79

4.4 O PODER DO ESPELHO: OS ENTRELACES ENTRE PESQUISADORA, PESQUISA E SUJEITOS..... 82

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 85
REFERÊNCIAS 88
APÊNDICES..... 96

1 INTRODUÇÃO: DE ONDE EU VENHO E COMO CHEGUEI ATÉ AQUI

Sou uma mulher negra. Fui uma menina negra. Tudo que vivi, experienciei e construí na minha jornada de vida teve como pavimento a luta contra o racismo. Entranhando e atravessando todas as coisas. Sou filha de uma mãe, neta de uma avó, também negras. Nasci em uma família predominantemente matriarcal, em que as mulheres são o arrimo, o colo e a valentia. A maior parte das nossas vidas foram também invadidas pelo machismo. Eu louvo essas mulheres, mãe, vó, irmã, tias e sobrinha, pela ousadia em seguir em frente, cada uma à sua maneira. Peço licença às mais velhas para trazer um pouco do conhecimento que reuni nesta dissertação, na intenção de alcançar lugares antes ditos inalcançáveis para nós e agradeço por terem sido vanguarda.

Antes de apresentar especificamente a temática da minha pesquisa, abordar os objetivos, metodologia e referencial teórico; antes de escrever sobre os resultados da pesquisa ou sobre os instrumentos escolhidos, acho indispensável dizer por quais caminhos tenho percorrido e como eles me moldaram enquanto pessoa e, consequentemente, como pesquisadora. Digo isso porque pode-se cair na armadilha de se pressupor um lugar universal de que surgem todas as pessoas que fazem pesquisa ou todas as pesquisadoras, ou todas as pesquisadoras negras. E penso que isso compromete a percepção de quem lê, sobre o olhar que trago[1].

A percepção do mundo ao meu redor se desenvolveu em mim na infância, conforme assimilava as pedagogias das mulheres da família, em especial minha mãe, que ensinava por meio do cuidado, do trabalho, da disciplina, do discurso e, principalmente, do afeto. Aliado a isso, cresci inserida nos movimentos sociais de luta pela educação, nos movimentos negros, movimentos feministas, acompanhando minha mãe e suas amigas e amigos, enquanto aprendia sobre coletivo e pertencimento.

Durante a adolescência eu via minha mãe, professora de matemática na rede pública, organizar apresentações de dança, saraus, tardes culturais, oficinas de

[1] Ao longo dessa pesquisa, o texto apresenta a alternância entre a primeira pessoa do singular e a primeira do plural. No primeiro caso, trata-se de uma marcação importante à identidade à subjetividade da pesquisadora. No segundo caso, trata-se de momentos em que há diálogos e construções em parceria, seja com as autoras e autoras evocadas/os na pesquisa, seja pela análise construída em processo de interlocução com a orientadora da Dissertação.

poemas, debates e rodas de conversa que contemplavam a temática da diversidade racial, dentro e fora de sala de aula. Ela encaixava os conteúdos programáticos exigidos com as questões de cidadania, identidade e subjetividades. O que eu hoje reconheço como uma brilhante utilização do princípio da transversalidade na abordagem dos conteúdos. Anos após se aposentar, incontáveis vezes encontramos ex-alunas e ex-alunos que vinham sorridentes ao seu encontro, sempre com um discurso agradecido de como ela foi importante para suas trajetórias. E eu, vendo uma professora de matemática, matéria temida por muitas alunas e alunos, cercada de afeto, sendo tão competente no objetivo de auxiliar pessoas em seus processos educativos, entendi que o processo de aprendizagem é amplo, dinâmico e não se limita aos muros da escola. Entendi que a escola é viva, assim como a informação, o conhecimento e as relações que se estabelecem neste entorno.

Na época de pensar em um curso de graduação, escolhi a psicologia, encantada pelos gigantescos universos internos que cada uma e cada um de nós carrega em si e no que pode ser construído nos encontros entre gentes. Como psicóloga, entre 2014 e 2016, atuei com crianças na primeira infância (entre 0 e 6 anos de idade), em um centro social. Neste período, me aprofundei no estudo das infâncias, conheci melhor a potência desta fase para absorver informações e realidades e como isso impacta as habilidades de se relacionar, a formação e o desenvolvimento. De como o início da vida é tão importante.

Cinco anos se passaram e eu segui atuando na área social, sempre em contato com pessoas invisíveis para parte da sociedade, invisíveis para o Brasil oficial, caricato e burlesco, como diria Machado de Assis (1938). Pessoas em situação de rua, mulheres em situação de violência, adolescentes que cometeram atos infracionais, mulheres presas e seus filhos, imigrantes negros e negras. Quase sempre eu era a única negra da equipe de trabalho, mas, do outro lado, das pessoas atendidas, entre as usuárias e usuários do serviço, eu sempre me via racialmente representada. Foram mais de 10 anos de trabalho da graduação até a pós-graduação.

Na minha cabeça, existia um grande abismo entre o ambiente dos estudos e pesquisas acadêmicas e o lugar do povo. E eu só sabia existir concretamente, pessoal e profissionalmente, no lugar do povo. Eu olhava para o meio acadêmico e não me enxergava ali. Eu já acumulava algum conhecimento das minhas jornadas, mas seria considerado academicamente significativo? Eu sempre gostei de escrever e achava

que me comunicava bem, mas seria da forma certa, com vocabulário adequado para ser validada neste espaço? Mais tarde eu leria a incrível pesquisadora Carla Akotirene (2018) dizendo de como não esperam da mulher preta a intelectualidade e muitas angústias tomariam lugar.

Minha mãe, então, mais uma vez me fez entender o coro das ancestrais. Eu as ouvia, mas não entendia bem o que tinham a me dizer a este respeito. Talvez estivessem usando um idioma antigo, que eu ainda não domino, mas ela sim. Me falou que o que eu faço ninguém mais poderia fazer, porque o que eu sou ninguém mais é. Que se quero que algo seja dito, que eu use a minha voz. E que nada é ganho individual quando se está de mãos dadas com tantas outras. Eu a ouvi, porque minha mãe é, de fato, dona de muita sabedoria e decidi fazer o processo seletivo para o mestrado.

Escolhi o mestrado em educação e a linha Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores do Programa de Pós-Graduação da UEM, porque abrange investigações sobre os processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento, com a compreensão de que o contexto histórico, social, cultural e político orienta as concepções e práticas pedagógicas na contemporaneidade.

Assim, quando pensei em um tema de pesquisa, sabia que abordaria a educação racial, e ao pensar no meu encantamento pelas infâncias, decidi que seria por esse viés. Ao delimitar o tema, me interessei pela questão das mídias digitais, que eu, mãe de uma criança de 3 anos à época, observava e me impressionava com o contato mais natural dessa geração com esse tipo de tecnologia.

Apesar de não podermos falar efetivamente de toda uma geração, considerando que 19% das brasileiras e brasileiros ainda não têm acesso à internet e sofrem com a exclusão digital, o uso da internet segue aumentando no país (AGENCIA, 2020). O número de usuários de internet no Brasil é, atualmente, o 5º maior do mundo e o maior da América Latina (AGENCIA, 2020). Pensei em como os processos educativos são afetados nesse contexto, e nesta direção consolidei os rumos da minha pesquisa: a educação racial das crianças em mídias digitais: reflexões sobre racismo e diversidade[2].

---

[2] Diversidade é um conceito que se refere à variedade e à pluralidade de características, elementos, ideias, valores, identidades e expressões presentes em uma determinada sociedade, grupo social ou contexto. Envolve a coexistência e o reconhecimento das diferenças individuais e coletivas, como

Durante a infância vivemos uma fase de profundo aprendizado, de captura de imagens, histórias e discursos que serão essenciais para a nossa construção como seres sociais. É um período de muita potência para absorver informações, realidades e de grande dinamicidade em nosso processo de formação e desenvolvimento. Quando pensamos na construção de um mundo mais inclusivo, faz sentido que nossos esforços e cuidados para isso sejam investidos ainda na infância, quando somos tão mais acessíveis e possíveis. Somos indivíduos complexos e formados por múltiplos aspectos; dar conta de perceber e compreender essa diversidade é tarefa trabalhosa, o desafio é o desenvolvimento da capacidade de olhar para a(o) outra(o) e tentar compreendê-la(o), para além de ideias preconcebidas.

No processo de educação e aprendizagem, todos elementos pedagógicos da cultura ensinam, formam e afetam. Ao considerar que crianças absorvem muito mediante a fantasia, os conteúdos infantis das mídias digitais dialogam diretamente com suas subjetividades[3]. Dessa forma, o que chega até uma criança pelas diversas formas de mídia, constroem um repertório, um padrão (de comportamento ou de imagem) que se repete e, consequentemente, caso não haja intervenção na sua captação dessas informações, aquela mensagem tende a ser absorvida como uma verdade para ela (MORAN, 2000).

Como as narrativas são contadas, quem as conta e quando são contadas, dependem do poder. E em um país estruturalmente racista como o Brasil, os espaços de poder não contemplam negras e negros de forma proporcional e legítima. Termos uma ou duas apresentadoras negras entre dezenas de profissionais brancas na mesma função, por exemplo, ou algumas atrizes e atores negras e negros, num contingente substancial de atores e atrizes brancos, em um país que, em torno de 56% da população é negra (preta ou parda), é sinal de ainda temos muito a avançar (IBGE, 2020).

Da mesma forma que a representatividade do/a negro/a na política, nos cargos profissionais em destaque, no judiciário, entre outros, ainda é pequena. Já entre o

---

gênero, etnia, raça, religião, orientação sexual, idade, habilidades e outras formas de identificação e singularidade (LACERDA, 2021).

[3] A subjetividade é um conceito fundamental na psicologia, referindo-se à experiência individual e única de um sujeito, que inclui sua percepção, pensamentos, emoções, crenças, desejos e experiências pessoais. Ela se desenvolve por meio da interação do indivíduo com seu ambiente, das relações interpessoais e das influências socioculturais (VYGOTSKY, 1996).

número de encarcerados/das nas prisões e hospitais psiquiátricos, somos maioria, assim como entre os/as mais pobres (FBSP, 2022). As estruturas sociais são construídas de forma que essa parcela da população sucumba nas mais diversas violências advindas do racismo.

A baixa presença de negros e negras e da cultura afro-brasileira[4] nos espaços de poder também fala, educa, constrói, destrói, violenta. Sua construção verbal e simbólica, no que se refere a estereótipos como objetos imagéticos, é bastante complexa (CARNEIRO, 2011). Neste cenário, combater o racismo e promover a diversidade é indispensável enquanto elemento para qualquer transformação social efetiva. Como orienta bell hooks (2013), se queremos construir uma sociedade inclusiva, isso passa por um projeto social que contemple a diversidade nos contextos culturais e educativos. E é preciso investir neste olhar desde o início da construção de nossas subjetividades, ainda quando crianças.

Considerando a premissa de que os conteúdos midiáticos estão estreitamente vinculados às demais relações sociais, emocionais e políticas, ou seja, influenciam essas dimensões e interferem no modo como elas existem, é relevante refletir sobre o que tem sido transmitido, dia após dia, às inúmeras crianças conectadas por todo país.

Para o estabelecimento de uma cultura de inclusão e que celebre as pluralidades, é necessário levantar questões críticas sobre raça/cor. Temos contemplado a diversidade racial nas realidades que apresentamos hoje para as crianças que esperamos que construam um mundo mais inclusivo? Temos refletido sobre os possíveis impactos da exposição aos conteúdos digitais, em especial as redes sociais, nas crianças brasileiras? Buscamos, aqui, tratar desses questionamentos e contribuir para a discussão na área mediante levantamento de conteúdos relacionados a crianças e infância no *Instagram* e entrevista de crianças negras que criam conteúdo para a rede e seus responsáveis.

O objetivo desta pesquisa foi analisar as pedagogias culturais que envolvem as crianças negras e a educação pelas mídias digitais. Os objetivos específicos são: propor discussões sobre educação e mídias digitais considerando a perspectiva das

---

[4] A cultura afro-brasileira refere-se ao conjunto de expressões artísticas, religiosas, culinárias, musicais, linguísticas e sociais que são influenciadas pelas tradições e heranças africanas presentes no Brasil. Desempenha um papel fundamental na formação da identidade brasileira (MOURA, 2020).

crianças negras; identificar elementos que ilustrem como se dá a educação pelas redes sociais, em especial pelo *Instagram*, por meio do levantamento de publicações; e conhecer narrativas de crianças negras que criam conteúdo para o Instagram e a visão de suas famílias sobre estas vivências, a fim de refletir sobre os impactos desse conteúdo em seus processos educativos.[5]

Para isso, foi realizado levantamento bibliográfico por temática, considerando os temas julgados pertinentes para abordagem do assunto, como: racismo, mídias digitais, educação, infâncias, entre outros, que serão discutidos ao longo do texto. Posteriormente, foram realizadas buscas no Instagram com as hashtags: #infantil e #criança, e feito um levantamento das 50 primeiras postagens que apareceram como resultado dessas buscas. Foram entrevistadas 07 (sete) crianças negras[6] que criam conteúdo para o *Instagram* e seus responsáveis (um responsável por criança). As(os) participantes foram entrevistadas(os) de forma online, via *Google Meet*. Os dados coletados foram analisados e categorizados de acordo com a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016), usando como referencial teórico os Estudos Culturais.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que busca compreender um fenômeno específico em profundidade (MARCONI; LAKATOS, 2006). Nessa modalidade de pesquisa, a coleta e análise de dados são realizadas de forma interpretativa e descritiva, buscando compreender a complexidade dos fenômenos sociais. Em vez de números e estatísticas, a pesquisa qualitativa se concentra em explorar significados, percepções, experiências e contextos das pessoas envolvidas no estudo. Ao utilizar entrevistas como método de coleta de dados, a pesquisa qualitativa permite que as vozes e experiências dos participantes sejam ouvidas, proporcionando uma compreensão mais completa dos fenômenos estudados (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

O texto desta dissertação está organizado em cinco seções. A primeira é composta pela introdução, em que conto um pouco da minha trajetória enquanto

---

[5] Os Estudos Culturais oferecem uma perspectiva ampla e crítica sobre os processos educativos, entendendo-os como atividades sociais complexas que envolvem a produção, a transmissão e a negociação de significados e conhecimentos dentro de contextos culturais específicos. Sob essa abordagem, os processos educativos são vistos como práticas culturais em constante transformação, influenciadas pelas relações de poder, identidades sociais e contextos históricos (HALL, 2003).

[6] O Instagram permite apenas que maiores de 13 anos criem um perfil. Os perfis de crianças e pré-adolescentes precisam ter um adulto responsável monitorando e mencionando seu nome na biografia da página.

pessoa pesquisadora. A segunda seção tem como objetivo de trazer conceitos sobre infâncias, questões raciais, mídias digitais e propor discussões a respeito das interseções destas temáticas. A terceira seção trata da metodologia, onde apresentamos os instrumentos utilizados na pesquisa, os sujeitos participantes e os procedimentos para coleta e análise de dados. A quarta seção contempla a análise, em que trazemos os dados analisados em quatro categorias. E para encerramento do texto são apresentadas as considerações finais.

Ao propor um olhar sobre estas questões, estou orientada pelo desafio contemporâneo de fortalecer pedagogias culturais que incorporem de fato a experiência do convívio com o diferente, oferecendo meios para a construção de novo conhecimento. Propomos valorizar as experiências culturais e narrativas que foram historicamente preteridas e lutar para que sejam reconhecidas como riquezas que constituem nossa formação plural, possibilitando a construção de visões de mundo mais amplas, múltiplas, inclusivas e realistas.

A jornada, recente, como pesquisadora, tem sido exaustiva, ainda que potente. Além do esforço intelectual a que se pressupõe um trabalho acadêmico, as barreiras concretas que se apresentam a uma mulher-negra-jovem-mãe-esposa-trabalhadora são inúmeras. E se ocupar de produzir conhecimento em um contexto de morte iminente, real e simbólica, a que o racismo nos submete diariamente, é desgastante e doloroso. Sigo, porque não estou só e, quando fraquejo, as minhas ancestrais de ontem e de hoje me nutrem em seus [a]braços. E sigo, principalmente, porque acredito que tem algo de valoroso sendo criado aqui.

2 “A INFÂNCIA É UM CHÃO QUE A GENTE PISA A VIDA INTEIRA”: OS ATRAVESSAMENTOS DA RAÇA E MÍDIAS DIGITAIS NA INFÂNCIA

Intitulo a seção teórica com essa frase da educadora brasileira[7] Ariane Oshiro (2021), que acho sensível e pertinente ao conceituar a[s] infância[s]. Quando se pensa a infância enquanto começo, enquanto terreno base de nossos principais pilares de desenvolvimento, temos a perspectiva do impacto das suas vivências no decorrer de nossa vida adulta.

O pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott (1975) compreende a infância como o período em que o potencial criativo está a serviço da construção de uma identidade pessoal. Nesse período, há exploração das experiências, se revelam e constituem aspectos subjetivos, se descobrem desejos, se apresentam limites, se experimentam dúvidas e crenças, e a criança desenvolve gradativamente sua percepção de si mesma e do mundo, a caminhar em direção a vida adulta.

A base do desenvolvimento cerebral é construída nos primeiros anos de vida, em que as conexões neurais aumentam exponencialmente. A capacidade de mudança do cérebro é menor com o tempo, pois a plasticidade cerebral diminui com a idade. Além dos fatores especificamente biológicos, o desenvolvimento cognitivo está ligado à comunicação social, ao afeto e às emoções assimiladas pelas informações recebidas e interpretadas (DAVIDSON, 2013).

Maria Montessori (2006), psiquiatra italiana que se dedicou ao estudo das infâncias, definiu a mente das crianças nos anos iniciais de vida como “mente absorvente”, por apreender tudo que acontece ao seu redor. Primeiro, inconscientemente, captura as imagens e estímulos do ambiente; depois, ao formar a consciência, inicia a conquista de novas habilidades e busca interagir com mais autonomia com o mundo. Dos 06 aos 12 anos de idade, a criança aprofunda seu interesse pela sociedade e pela cultura e constrói sua formação moral, tenta entender o que é certo e errado para orientar suas ações.

Vivemos numa sociedade adultocêntrica, em que a criança é percebida como alguém que ainda vem a ser e não como quem já é. A criança ainda não trabalha e

---

[7] Informamos a nacionalidade das autoras e autores citados no texto considerando oportuno localizar geograficamente e por consequência, culturalmente, o seu discurso.

não produz (no sentido de capital), só demanda investimentos, e numa sociedade capitalista isso a coloca em segundo plano (CORSARO, 2017). E nos relacionamos com ela, dessa forma, não oportunizamos que ela fale de si e por si, que nomeie seus sentimentos, que seja respeitada integralmente enquanto indivíduo hoje e não apenas em consideração à(ao) adulta(o) que vai ser um dia (SANTOS, 2019).

Além de trazer este olhar para o lugar designado à criança socialmente, as literaturas sobre esta temática produzidas na contemporaneidade têm questionado também a que nos remetemos quando idealizamos infância. A ideia construída social e culturalmente da infância como um lugar nostálgico e, muitas vezes, como uma abstração, ainda é acolhida por muitas pessoas como legítima, ainda que cada vez mais tenhamos debatido sobre diversidade. Não existe uma só infância, existe uma multiplicidade de vivências possíveis de infâncias, daí o convite a pensarmos infâncias, no plural.

A depender do lugar que ocupa na sociedade, dos marcadores sociais que carrega, a criança se relaciona de uma forma com o mundo ao redor, permeado pelas condições de classe social, raça, se tem deficiência ou não, entre outros fatores, que estabelecem acessos e barreiras em suas experiências infantis. É comum escutarmos relatos saudosos de infâncias encantadas, sendo que quem conta se lembra de brincadeiras divertidas, das melhores amigas(os) na escola, passeios maravilhosos e afins. Em contrapartida, há quem tenha na infância a marca dos dias mais sombrios, violências sofridas, insuficiência econômica, abandono familiar, tudo isso aliado ao sentimento de impotência da criança, num mundo feito por e para adultos (CORSARO, 2017).

São muitos os retalhos que constroem nossa subjetividade desde muito cedo: as pessoas que compõem a família em que nascemos e que serão nossa primeira noção do outro, os lugares que frequentamos, as pessoas com quem interagimos fora do contexto familiar, as características físicas e psicológicas que possuímos e/ou expressamos, os estímulos que recebemos das variadas formas de mídias. A forma com que nos relacionamos com cada elemento desses vai produzir um retalho, que são alinhavados ao longo da vida formando a colcha imaterial da nossa subjetividade.

O tempo passa, a criança cresce, o corpo se estica, a imaginação se apequena, a urgência do mundo adulto nos alcança de forma categórica. O que fica da criança que fomos? Quando precisamos nos relacionar nas diferentes esferas da vida, o que

revisitamos do que vivemos na infância? O nosso repertório afetivo construído tem sua base no começo da vida. A escritora, educadora, feminista e ativista social estadunidense bell hooks[8], no seu livro *Tudo sobre amor: novas perspectivas* (2020), assegura que todos(as) adultos(as), independente de classe, raça ou gênero, denunciam a família, no sentido de que trazem e comunicam algo dos seus mundos da infância, nos seus itinerários da vida adulta.

Se nossa formação é impactada pelos múltiplos atores que constituem a nossa existência enquanto seres sociais, consequentemente as pedagogias que utilizamos também estão impregnadas de quem somos. A educadora parental brasileira Elisama Santos (2019), ao discutir aecerca do quanto os elementos que permeiam nossas subjetividades estão intimamente relacionados com a forma que nos propomos a educar, pontua que

> educar fala muito sobre nós. Sobre as nossas dores, as nossas alegrias, a nossa infância, a nossa solidão. O grito fala sobre a nossa sobrecarga, sobre a rotina que atropela, sobre sonhos desfeitos. Sobre o nosso próprio silenciamento. Não é sobre eles. Os comportamentos das crianças são gatilhos para as dores que já estão em nós. [...] Educar fala sobre nós. Sobre nossas limitações, sobre as nossas potencialidades. Educar é escola, é crescimento, é aprendizado. Educar pode ser fonte de transformação: nossa, deles, do mundo (2019, s.p.).

Partindo do princípio de que criança corresponde a uma fase cronológica da vida, sendo a infância uma construção social e histórica, nos direcionamos mais uma vez à pluralidade das infâncias (ARIÈS, 1981). Vivemos num país estruturalmente racista, de quais retalhos são formadas as colchas das subjetividades de nossas crianças? Em especial das crianças negras, para as quais direcionamos nosso olhar nesta pesquisa.

A psicóloga social estadunidense e ativista pelos direitos civis Mamie Phipps Clark (1939), nos seus estudos sobre o desenvolvimento da identidade e autoconsciência racial durante a infância, constatou que a criança ainda nos primeiros anos de idade, à medida que se percebe como um ser social de modo mais expansivo,

---

[8] A autora bell hooks emprega seu nome com iniciais minúsculas como um posicionamento político que pretende romper com as convenções linguísticas, objetivando destaque em sua escrita e não à sua pessoa.

começa a reproduzir o que já foi cognitivamente desenvolvido desde os primeiros meses de vida.

Clark (1939) foi precursora no experimento de interação de crianças negras com bonecas. Em 1939, ela finalizou seu mestrado que abordava a autoconsciência racial, e, a partir dele, iniciou uma série de experimentos que têm sido reproduzidos até os dias de hoje. O experimento, de modo geral, consistia em apresentar para crianças negras entre 03 e 07 anos de idade, bonecas brancas e negras[9] e questionar qual era a mais legal, qual era feia, entre outras perguntas que atribuíam valor positivo ou negativo às bonecas. Por fim, era perguntado qual boneca a criança achava que se parecia com ela. Como resultado, a maioria das crianças atribuiu à boneca negra as características pejorativas e muitas não a reconheciam como parecida com elas. Algumas crianças chegavam a ter crises de choro com o questionamento, denunciando o impacto do racismo em sua subjetividade e percepção de identidade (O'CONNELL; RUSSO, 1983).

Correlacionando com conceitos de cultura e identidade sob a ótica do sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2000), que refuta a ideia de concepções universais para explicar fenômenos sociais, de que forma as experiências atravessadas pela raça impactam os processos de socialização infantil? Como as crianças interpretam e elaboram essas vivências? De acordo com Hall (2000), a cultura desempenha um papel fundamental na construção da identidade de um indivíduo, fornecendo significados, símbolos e práticas compartilhadas que moldam sua visão de mundo e sua maneira de se posicionar na sociedade.

Para Hall (2006), os conceitos universais tendem a homogeneizar e generalizar a diversidade das experiências sociais. Eles tendem a reforçar visões hegemônicas[10] e excluir visões marginais ou secundárias. Ele argumenta que a busca por explicações universais pode negligenciar as particularidades e nuances das realidades sociais, e consequentemente as desigualdades estruturais e opressões existentes. Ao invés disso, propõe uma abordagem que valoriza as diferenças e reconhece a complexidade

---

[9] As bonecas negras tiveram que ser pintadas de marrom para o experimento, já que não eram vendidas bonecas(os) que retratassem bebês negras(os) na época.

[10] As visões hegemônicas são aquelas que possuem um amplo consenso e influenciam fortemente um grupo ou sociedade. Elas detêm poder e autoridade para estabelecer normas, valores e crenças que são amplamente aceitos como padrão ou "verdade" em um contexto social específico (HALL, 2006).

da sociedade. No contexto das experiências atravessadas pela raça, as crianças são expostas a interações e situações que podem influenciar significativamente seu processo de socialização e a construção de sua identidade. Elas interpretam e elaboram essas vivências a partir das lentes culturais e sociais em que estão inseridas, filtrando suas percepções e construindo significados a partir dos discursos e representações que circulam em sua comunidade.

As experiências relacionadas à raça podem ser marcadas por desigualdades, discriminação e estereótipos, que podem afetar profundamente a autoimagem e a autoestima das crianças. Elas podem internalizar noções de inferioridade ou superioridade racial, refletindo e reproduzindo os valores e normas sociais dominantes. No entanto, é importante destacar que as crianças não são meramente passivas diante dessas experiências. Elas possuem agência e capacidade de agir sobre o mundo social. As crianças interpretam e reinterpretam as mensagens que recebem, constroem suas próprias narrativas e estabelecem estratégias de resistência e empoderamento (HALL, 2000).

Nesse sentido, Eliane Cavalheiro (2003), pedagoga brasileira, em sua pesquisa “Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil”, discute o quanto a construção de imagens negativas para o sujeito negro e imagens positivas para o sujeito branco dificultam os recursos de socialização infantil. E conclui que as crianças internalizam e podem reproduzir o racismo sofrido, impactando a percepção de si mesmas e do mundo ao seu redor.

A subjetividade comporta a complexidade de ligações e intersecções entre indivíduo e sociedade, a criança enquanto sujeito está implicada de forma constante nos métodos pedagógicos em todas suas práticas. Assim, ao nos ocuparmos das temáticas que envolvem a educação das crianças, é importante localizarmos essas crianças no contexto sócio-histórico e compreender as encruzilhadas que as alcançam, para daí nos propormos a abordar algo a respeito dos procedimentos educativos estabelecidos.

2.1 NÃO SOU EU UMA CRIANÇA?

Parafraseamos, aqui, a militante abolicionista estado-unidense Sojourney Truth em seu poderoso discurso *Não sou eu uma mulher?*, em uma convenção de mulheres em Akron, Ohio, em 1851. No mesmo sentido, questiono a universalidade dos sujeitos brancos como ponto de partida de qualquer teoria, inclusive ao abordar as infâncias (GELEDES, 2014).

Quando nos propomos a realizar uma compreensão histórica do que é ser criança, nos deparamos com referências atreladas majoritariamente à perspectiva ocidental de sujeito. O epistemicídio[11] invisibiliza as contribuições sociais e culturais dos povos africanos e demais culturas contra-hegemônicas. À medida que determinados sistemas de poder e estruturas dominantes excluem, desvalorizam ou reprimem sistemas de conhecimento alternativos, isso resulta em uma restrição no acesso a diferentes formas de compreender e interpretar o mundo. O resultado é uma visão estreita e unilateral, baseada em conceitos hegemônicos que, muitas vezes, constituem a principal base teórica disponível. Reconhecer a necessidade, em determinados contextos, de partir de conceitos hegemônicos como ponto de partida em discussões teóricas é crucial, já que esses conceitos se tornam uma referência comum devido à sua predominância e disponibilidade na literatura acadêmica e nos debates intelectuais.

No entanto, é fundamental ter consciência de que essa limitação pode perpetuar relações de poder e excluir perspectivas marginalizadas. Por isso, é essencial empreender um esforço consciente para questionar e ampliar essas bases teóricas, buscando integrar e valorizar conhecimentos subalternos e não hegemônicos (SANTOS; MENEZES, 2014).

Desse modo, explanamos alguns pontos e teorizações feitas por autores(as) que produzem conhecimentos significativos na área das infâncias, ainda que aliados(as) à concepção europeia, mas concatenando com o que reunimos da historicidade da criança sob o prisma de outros berços filosóficos.

Philippe Ariès (1981), historiador francês, teórico estudioso das infâncias, relata que, até por volta do século XII, não havia o sentimento de infância que observamos, de certo modo, na contemporaneidade, muito menos um projeto sociocultural e

---

[11] Epistemicídio é um conceito utilizado para descrever o processo pelo qual conhecimentos, perspectivas e formas de saber de grupos sociais específicos são aniquilados, marginalizados ou subjugados (SANTOS; MENEZES, 2014).

político específico para as crianças. Não havia lugar para elas em razão da forma com que eram vistas e tratadas na sociedade, e isso continuou até o final do século. As crianças eram tratadas como adultos em miniatura, sem a devida atenção às suas características particulares, sendo tratadas de acordo com essa percepção inclusive ao que se referia ao trabalho.

No século XVII, os primeiros passos foram dados para separar adultos e crianças por meio da escolarização. Anteriormente, como não havia discriminação de idade, todos estudavam da mesma forma e sobre os mesmos temas. No final desse século, observamos se consolidarem as primeiras mudanças no conceito de infância. Um dos maiores contribuintes para essa mudança foi a igreja, que teve papel fundamental ao associar a imagem das crianças à dos anjos, que refletiam inocência e pureza, impondo a necessidade de amar as crianças e tornando a educação obrigatória, contrariando a indiferença que existia (ARIÈS, 1981).

O final desse século traz um marco no desenvolvimento dos sentimentos da infância, pois começou a se falar sobre a fragilidade das crianças, em suas peculiaridades e se preocupar com a formação moral e criação dessas. A partir do século XVIII, passaram a ser reconhecidas em suas particularidades, a ocupar um espaço maior no meio social. Assim nascia a concepção de infância ocidental, em que a infância é vista como uma fase da vida que merece muito cuidado, orientação e educação (ARIÈS, 1981). É importante destacar que a perspectiva trazia por Ariès (1981) não contempla todas as crianças. Com relação a isso, bell hooks (2001) contribui para uma compreensão mais ampla e crítica desse período crucial de desenvolvimento humano. Ela nos lembra que a infância não é uma experiência universal, mas sim uma construção social que varia de acordo com o contexto cultural, racial e social em que as crianças estão inseridas. A autora questiona os sistemas de poder que perpetuam desigualdades e marginalizam as vozes e experiências das crianças negras e de outras minorias. Ela busca ampliar o diálogo sobre a infância, trazendo à tona as diferentes formas de socialização, aprendizado e construção da identidade que podem ser moldadas pelos diferentes marcadores sociais.

Estudar as crianças permite compreender a realidade em que vivem, além de entender como elas simbolizam ou representam as relações sociais na contemporaneidade. Segundo o pesquisador das infâncias, Manuel Jacinto Sarmento (2005), o estudo da infância é legítimo e necessário, pois permite não só conhecer um

segmento geracional específico, mas também refletir sobre o que está acontecendo na sociedade como um todo.

Tuntufye Mwamwenda (2007), autor sul-africano, pesquisador na área do desenvolvimento cognitivo das crianças em contexto africano, expõe que, na tradição africana, uma criança é definida pela idade social e tamanho físico (puberdade, menstruação e outros sinais) que determinam a participação em rituais e atividades tradicionais definidas para adultos.

Devido ao sistema familiar alargado que ainda hoje prevalece na África, a criança goza da atenção da mãe e do pai, mas também de outros familiares como irmãos, tios, tias e avós e comunidade. Mwamwenda (2007) afirma que as crianças africanas se desenvolvem cedo, de forma geral, em diferentes idades. Isso ocorre porque eles recebem muita estimulação social e física, o que fortalece seu desenvolvimento.

A criança é educada de acordo com as regras, atitudes e comportamentos da cultura ou grupo a que pertence. Assim, o patrimônio cultural é transmitido por meio dos mecanismos de socialização e endoculturação[12]. A interação de um indivíduo com a sociedade e a cultura determina a maioria de seus padrões de comportamento e também suas respostas emocionais. À medida que a criança cresce, ela começa a se comportar bioculturalmente[13], deixa de lado os aspectos puramente biológicos de seu comportamento e consentindo os valores culturais. Uma criança educada na África aprenderá hábitos e costumes africanos, internalizando-os como se fossem naturais (MWAMWENDA, 2007).

A pesquisadora brasileira e militante do movimento negro, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2001), afirma que, do ponto de vista das tradições africanas, aprender e conhecer são práticas de vida em que nos relacionamos com pessoas e, assim, alcançamos a percepção de quem somos e de onde viemos. Nesse sentido, o encontro que educa uma pessoa, do ponto de vista das tradições africanas não depende apenas da escolarização, uma vez que

---

[12] A endocultura refere-se à internalização e assimilação das normas culturais, valores, crenças e comportamentos de um determinado grupo social pela pessoa que pertence a ele (MACHADO, 2017).

[13] O termo "bioculturalmente" descreve a complexa relação entre fatores biológicos e culturais na constituição e manifestação da identidade humana. Essa abordagem reconhece que aspectos biológicos e culturais estão intrinsecamente ligados, influenciando-se reciprocamente e moldando o comportamento, as crenças, os valores e as práticas individuais e coletivas (MACHADO, 2017).

> esse processo tem início simultaneamente na família e na comunidade, já que todos os adultos são responsáveis pela felicidade e aprendizagens de cada criança. A palavra educação não expressa propriamente as aprendizagens feita antes da escola, pois na família, na comunidade, se aprende a se tornar pessoa, ou seja, a conduzir a vida, a se fortalecer para tornar a comunidade mais forte. Então, uma pessoa educada é aquela que frequentou escola, é portadora de diplomas de ensino superior, é capaz de produzir conhecimentos, mas antes de tudo respeita idosos, as outras pessoas e também o meio ambiente. Além disso constrói sabedoria quando colabora para que sua comunidade tenha vigor e veja respeitados seus valores, garantidos seus direitos. Alguém pode ter muito estudo e diplomas, mas se os usar somente em benefício próprio, não só não está conduzindo com propriedade a vida, como não conseguiu de fato se educar (SILVA, 2011, p. 149).

No Brasil, em seu trágico passado escravocrata, por quase 400 (quatrocentos) anos, crianças negras foram escravizadas. Iss corresponde a dizer que crianças negras foram sequestradas, espancadas, mutiladas, estupradas e assassinadas por quase quatro séculos. Separadas da mãe, do pai, das pessoas da sua comunidade. Negociadas como coisas, consideradas desalmadas. Não podemos ignorar esse violento registro histórico ao falarmos de crianças negras no Brasil e todos os símbolos que ele carrega (HUNT, 2009). Quais as consequências dessas marcas de dor e vergonha na história de um povo? Em que níveis atinge a vida de cada uma e cada um, os ideais, a autoestima, a qualidade do afeto e da aprendizagem?

A maneira como pensamos, sonhamos, como somos outros/as, a capacidade de sermos felizes é que nos faz pessoas. Estamos, enfim, falando de cidadania, de sermos únicos/as e irrepetíveis, como bem pontua o escritor moçambicano Mia Couto (2011). A infância é onde podemos buscar elementos para recomeçar, recompor modos de narrar e ficcionar, pois “[...] o que mora no meu lugar de infância é o indomesticável, aquilo que ficará para sempre ingovernável” (COUTO, 2005, p. 145).

Para isso, ao refletir sobre a educação das crianças, aqui em especial das crianças negras, é preciso perceber que não existe um repertório histórico universal infantil. Que existem outras formas de pensar o sujeito, a família, a sociedade, as infâncias. Que para construir outras possibilidades de intervenções, de pedagogias e educação é preciso nos conhecer, acolher e conectar.

Considerando a crescente digitalização das experiências educativas em diferentes aspectos, e que estas interações impactam subjetivamente as crianças

envolvidas, é importante conhecer sobre como a educação racial tem se dado neste campo, olhar para as infâncias e para o que vem se transformando ao seu entorno.

2. 2 SER CRIANÇA NEGRA NO BRASIL HOJE

No Brasil, uma criança negra tem 25% mais chances de morrer antes de completar um ano do que uma criança branca. Tem 70% mais risco de ser pobre e 30% mais de chance de estar fora da escola. 64,78% das crianças e adolescentes que trabalham no país são negras e negros. Esse é um pouco do contexto que envolve a realidade de ser uma criança negra no Brasil (UNICEF, 2020). Nascer e crescer em uma sociedade estruturada nos pilares do racismo é estar exposta/o a violências diárias precocemente. Violências que podem iniciar-se em casa, já que as famílias consolidadas e educadas em uma sociedade racista também podem reproduzir ou naturalizar o racismo. Depois, continua na escola, sendo o segundo espaço de socialização da criança, em que ela se percebe cada vez mais pelo olhar do outro, em que ela constata sua diferença.

A pedagoga brasileira Nilma Lino Gomes discorre sobre a noção de identidade (GOMES, 2019, p. 28), afirmando que

> qualquer processo identitário é conflitivo na medida em que ele serve para me afirmar como um “eu” diante de um “outro”. A forma como esse “eu” se constrói está intimamente relacionada com a maneira como é visto e nomeado pelo “outro”. E nem sempre essa imagem social corresponde à minha autoimagem e vice-versa. Por isso, o conflito identitário é coletivo, por mais que se anuncie individual.

As crianças negras se deparam com a ausência de representatividade legítima nos espaços pedagógicos, seja na escola, no corpo docente ou no material didático. Na mídia, em que pouco vê outras crianças como ela e quando vê muitas vezes a imagem está atrelada a uma condição de vulnerabilidade social ou é a única negra entre tantas outras crianças brancas na mídia. Nos demais espaços e posições de poder também não se reconhecem. Tem acesso restrito a cidades, ruas, bairros e estabelecimentos em que seu corpo é barrado ou repelido. Cria-se a noção de lugares a que ela pertence ou não. A oscilação entre o sentimento de invisibilidade e uma adultização com que é tratada a ensina como se comportar cria limites, barreiras (GOMES, 2019).

Não se veem nas protagonistas dos desenhos infantis, nem nos super-heróis (ainda que tenhamos avançado neste sentido, a diferença é proporcionalmente exorbitante). Nas profissões consideradas de grande prestígio, não se veem representadas. Quantas médicas negras e médicos negros elas já viram? Quantas juízas e juízes? Quantas vezes receberam afagos nos cabelos na escola? O que aprenderam de valoroso sobre o povo negro nas aulas? Quantas brincadeiras, cantigas, apelidos e afins ouviram relacionando suas características físicas ao que não é legal ou bonito?

Sofrem duplamente as desigualdades pelo encontro das opressões enquanto criança e enquanto pessoa negra. Não sendo possível pensar em opressões interseccionais de forma separada, como apresenta a assistente social e pesquisadora brasileira Carla Akotirene, em seu livro *Interseccionalidade* (2020). As crianças negras, quando não exterminadas, são folclorizadas, estereotipadas. São cuidadas, quando em famílias negras, por pessoas que também sofrem diariamente as mazelas do racismo. É dito que as crianças são o futuro da nação. Mas quais crianças? Qual projeto político temos desenvolvido enquanto sociedade para cuidar das nossas crianças? Da educação e desenvolvimento de todas elas.

O processo educativo genuíno é afetivo e envolve primeiramente o afeto a si mesma/o. As violências do racismo também impactam a autoestima, a maneira de se ver, o valor que dá a si, a forma de perceber e sentir afeto. É importante associar as relações afetivas com outros aspectos do desenvolvimento infantil, como o físico, o cognitivo e o social.

De acordo com o Centro para o Desenvolvimento Infantil de Harvard, que compila pesquisas sobre como o racismo afeta o desenvolvimento infantil, seus efeitos vão desde o aumento dos níveis de estresse tóxico[14] até o aumento das chances de desenvolver doenças crônicas mais tarde na vida. A exposição constante ao racismo sistêmico e à discriminação cotidiana são gatilhos eficazes para o estresse. Por outro lado, o estresse tóxico, a vivência de dificuldades intensas, frequentes e prolongadas sem o apoio adequado dos adultos, podem representar riscos para a construção de estruturas cerebrais em crianças. Isso pode ter algumas consequências a curto prazo,

[14] O estresse tóxico refere-se a uma forma crônica e grave de estresse que ocorre em resposta a eventos traumáticos ou adversidades prolongadas, principalmente durante a infância (ROSSI, 2016).

como distúrbios do sono, irritabilidade, desenvolvimento de medo e diminuição da imunidade.

A médio e longo prazo, pode ocasionar atrasos no desenvolvimento, transtornos de ansiedade, depressão, declínio do desempenho acadêmico e tendência a viver estilos de vida pouco saudáveis na idade adulta. O corpo passa a ficar sempre em alerta. As áreas do cérebro dedicadas a lidar com medo, ansiedade e respostas impulsivas geram muitas conexões neurais, enquanto áreas do cérebro dedicadas a racionalizar, planejar e controlar o comportamento geram menos conexões (BBC, 2020).

Durante a infância, começamos a desenvolver nossa capacidade de acreditar que temos potencial para viver nesse mundo. A exposição frequente ao racismo obriga as crianças compreenderem cognitivamente um mundo em que, sistematicamente, as desvaloriza e as marginaliza (BBC, 2020). É imprescindível o nosso cuidado com a vida por meio do olhar para as infâncias.

Cada criança que brinca, que aprende algo novo, é uma parada no tempo, na formalidade burocrática dos(as) adultos(as) para contemplar o fio da vida. Cada criança negra que brinca e aprende algo novo, é um ato de transgressão. É a resistência às estatísticas que a planeja morta. É homenagem às ancestrais, na dança com a arte, a natureza e o imaginário. Que haja tempo de construirmos um mundo em que todas as crianças amem e sejam amadas, brinquem e cresçam.

2. 3 AS MÍDIAS DIGITAIS E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS: O FUTURO É AGORA

Com os avanços da tecnologia, o mundo está cada vez mais digital. O futuro que tanto previmos com ultra velocidade das comunicações, evolução dos dispositivos digitais, maior complexidade de sistemas eletrônicos, entre outras coisas, já chegou. Nunca antes tanto conteúdo foi disponibilizado em tantos formatos. E o consumo desses conteúdos nunca foi tão pessoal, fácil e rápido.

No entanto, na prática, o futuro não é apenas uma questão de tempo, mas também de geografia e poder aquisitivo. Desse ponto de vista, podemos dizer que a tecnologia atua como um verdadeiro termômetro da desigualdade na realidade atual.

De acordo com a pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC domicílios (2021), o percentual de domicílios que podem acessar a rede aumentou de 71% para 82% nos dois últimos anos. Apesar disso, 35,5 milhões de pessoas no país ainda não têm acesso à internet. A inversão desse contexto (ou seja, a promoção de uma digitalização mais democrática) significa também melhores oportunidades de educação e entrada no mundo do trabalho.

Ao falar especificamente sobre mídia digital, é preciso fazer referência à sua complexidade ao estabelecê-la como um produto desenvolvido a partir da década de 1940, no contexto da ordem industrial (que foi marcada pelo surgimento da energia nuclear, dos eletrônicos e dos computadores). Na época, a intensidade econômica e administrativa associada ao desenvolvimento da tecnologia deu origem a esse tipo de mídia com semelhanças estruturais ao cinema, rádio e as revistas.

O sociólogo brasileiro Richard Miskolci (2011) conceitua:

> [...] Mídias digitais são uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se – ao mesmo tempo – à conexão e ao seu suporte material. Há formas muito diversas de se conectar em rede e elas se entrecruzam diversamente segundo a junção entre tipo de acesso e equipamento usado [...] (MISKOLCI, 2011, p.12).

A mídia digital inclui muitos formatos e plataformas usados para a transmissão e troca de informações, conteúdo e entretenimento. Entre os tipos de mídia digital, podemos distinguir entre mídia interativa e não interativa. Mídias interativas são mídias que proveem interação, *feedback* imediato e personalização com a participação ativa do usuário. Exemplos usuais são jogos eletrônicos, aplicativos móveis, realidade virtual e mídias sociais. Essas mídias proporcionam uma experiência imersiva e envolvente, permitindo que os usuários interajam, criem e explorem conteúdos de forma personalizada. Os pontos fortes da mídia interativa incluem a capacitância de envolver e entreter, promover o aprendizado ativo e facilitar a comunicação e a colaboração. No entanto, algumas desvantagens podem incluir o vício em jogos de azar, questões de privacidade e a possibilidade de divulgação de conteúdo inapropriado ou danoso (LEMOS, 2018).

Por outro lado, as mídias não interativas são aquelas em que o usuário participa de forma mais passiva, como ler textos digitais, assistir a vídeos ou ouvir música online. Essas mídias não oferecem a mesma interatividade que as mídias interativas, mas proveem acesso rápido e fácil a informações e entretenimento. Os pontos fortes da mídia não interativa incluem a disseminação eficaz do conhecimento o acesso à ampla variedade de conteúdo e o potencial de entretenimento passivo. No entanto, também tem a desvantagem de não estar ativamente envolvido, o que pode levar à distração e à sobrecarga de informações (LEMOS, 2018).

O momento atual é o de ruptura com as práticas de tempos anteriores, o manual deu espaço à conectividade, ao digital. Necessitamos de novas maneiras de experimentar a comunicação, o fazer das nossas tarefas diárias, as ferramentas de trabalho, por essa perspectiva. As mídias digitais são utilizadas para uma infinidade de atividades humanas: comunicar-se em tempo real, aprender por meio de aplicativos e plataformas digitais, para entretenimento, compra e venda de produtos de diferentes tipos, conhecer lugares, pesquisar e várias outras possibilidades.

O uso de ferramentas tecnológicas avançou e atingiu diversos setores da vida social, inclusive a educação, dentro e fora da escola. O impacto desse avanço se efetiva como ordem social, adentrando muitas instituições públicas e privadas. Invadindo nossas vidas, nossas casas, nosso trabalho, as ruas, o comércio, as salas de aula, etc. Assim, a influência dessas mídias sobre as atrizes e os atores sociais determina suas ações e relações com os outros e com o meio.

Como aponta Manoel José Jacinto Sarmento (2013), são mudanças que ocorrem nas práticas sociais de crianças e adultos, bem como nos padrões de interação entre eles; mudanças no estado da infância em relação às famílias e outras instituições sociais. Além disso, deve-se entender que a mídia digital e a *internet* podem ser consideradas não apenas como um auxílio ou recurso para a educação infantil, mas como espaços sociais por onde crianças e adolescentes circulam, muitas vezes, sem conhecer ou explorar todas as suas possibilidades.

> As tecnologias de informação e comunicação estão alterando a relação entre ensinar e aprender. Abrem novos horizontes e oferecem aos educadores a possibilidade de utilizar diversas ferramentas que podem melhorar o processo de ensino aprendizagem, tornando o ato de aprender mais interativo, concreto e cooperativo (NUNES, 2013, p. 24).

A aprendizagem acontece na interação da criança com o ambiente ao seu redor. Numa visão vygotskiana[15] (1998), quando nasce, a criança entra imediatamente em contato com um mundo repleto de representações simbólicas. Para que possa internalizar, em sua consciência, os produtos sociais produzidos pela humanidade, a criança depende dessa mesma sociedade, a qual lhe repassará os significados contidos nas representações.

As mídias digitais se apresentam como uma possibilidade de aprender de forma dinâmica. Despertam a curiosidade e a criatividade das crianças, utiliza mecanismos que incentivam a explorar, descobrir e/ou aprender. Os pesquisadores holandeses Win Veen e Bem Vrakking (2009) apontam uma relação de intimidade formada por crianças, adolescentes e jovens com a tecnologia, visualizando uma imensidão de possibilidades oferecidas pelos inúmeros recursos tecnológicos e as diversas formas como esses sujeitos os utilizam. Entre outras coisas, grande parte dessa geração se apresenta como um processador ativo de informações, resolvendo problemas com habilidade, usando estratégias de jogo, se comunicando bem, exibindo comportamentos ativos e aprendendo brincando. Ou seja, as crianças que têm todo o desenvolvimento e formação influenciados pelo uso da tecnologia digital também são incentivadas à consolidação da autonomia e à multiplicidade de execução de tarefas e atividades.

Ao analisar as relações estabelecidas com os recursos tecnológicos, precisamos ultrapassar o viés das funcionalidades técnicas como questão central. O entendimento desse tema está atrelado ao contexto sócio-histórico cultural e aos significados atribuídos pelos sujeitos que se apropriam dos recursos tecnológicos.

> O contexto é parte integrante do uso: tanto ou mais do que a funcionalidade técnica. O que as pessoas fazem e também o que elas dizem que fazem, tornam aparentes as estreitas articulações entre os objetos técnicos, os lugares e as situações. Diversos fatores estão em jogo, e não apenas as questões de ordem técnicas: a mudança do contexto, a natureza dos objetos e a natureza dos conteúdos. Tudo isso se articulam em configurações complexas e não apenas em relação de causa e efeito (PEIXOTO, 2012, p. 8).

[15] Referente a teoria do psicólogo bielo-russo Lev Vygotsky (1896-1934).

Partindo da constatação de que as crianças, como todos os sujeitos sociais, não formam um grupo social homogêneo, elas pertencem a diferentes contextos sociais, culturais e econômicos; em geral, acredita-se que a aprendizagem e o desenvolvimento não ocorrem de forma linear e isolada. Esta é uma trajetória social que se dá nas relações que os sujeitos constroem nesses contextos. Imaginar a formação de um sujeito que saiba viver em um mundo em transformação, também caracterizado pelo desenvolvimento tecnológico, requer mais do que o reconhecimento das aptidões para lidar com as inovações tecnológicas ou para lidar com as mudanças por elas geradas. Isso inclui muitos fatores, tanto individual quanto coletivamente. Exige conhecer as crianças e a forma como elas usam a mídia a que tem acesso.

2. 4 REDES SOCIAIS E O RACISMO DOS ALGORITMOS

O racismo é uma forma de discriminação e opressão que se fundamenta na raça ou etnia de um indivíduo. Caracteriza-se pela crença na superioridade de determinados grupos raciais e pela disseminação de estereótipos negativos e preconceituosos em relação a outros grupos. Essa forma de discriminação pode se manifestar em diversos níveis, desde atitudes e comportamentos individuais até estruturas sociais e institucionais que perpetuam desigualdades raciais (RIBEIRO, 2017).

A ideologia do branqueamento é uma das expressões do racismo, que surge como uma tentativa de valorizar a ancestralidade e as características associadas aos traços brancos, ao mesmo tempo em que nega, desvaloriza ou suprime a identidade e cultura de grupos raciais minoritários. Essa ideologia busca promover a miscigenação racial como um meio de "clarear" a população e reduzir a presença cultural e física dos grupos não brancos (SILVA, 2014).

Os episódios de racismo, que são uma realidade nos mais diversos espaços, podem alcançar, com as mídias sociais, instantaneamente milhões de pessoas devido a velocidade e potência de alcance do que é lançado nas redes.

As redes sociais, no mundo virtual, são sites e aplicativos que operam em diferentes níveis — como profissional, relacional, entre outros — e permitem a troca de informações entre pessoas e/ou empresas. Os dados mais recentes, de abril de

2022, mostram que os(as) brasileiros(as) gastam em média 3 horas e 47 minutos por dia conectados(as) às redes. Segundo dados do relatório de fevereiro de 2023, produzido em parceria pelas agências *We Are Social*[16] e *Meltwater*[17], as 10 redes sociais mais usadas atualmente no Brasil são (VOLPATO, 2023):

1. WhatsApp - 169 milhões de usuários(as)
2. YouTube - 142 milhões de usuários(as)
3. Instagram - 113 milhões de usuários(as)
4. Facebook - 109 milhões de usuários(as)
5. TikTok - 82 milhões de usuários(as)
6. LinkedIn - 63 milhões de usuários(as)
7. Messenger - 62 milhões de usuários(as)
8. Kawai - 48 milhões de usuários(as)
9. Pinterest - 28 milhões de usuários(as)
10. Twitter - 24 milhões de usuários(as)

Em setembro de 2020, alguns usuários do *Twitter* decidiram testar o algoritmo da plataforma e os resultados demonstraram o racismo do sistema, que optou por retratar brancos(as) ao invés de negros(as) na sua página. O teste consistiu em criar uma montagem de uma foto de uma pessoa branca e uma pessoa negra, separadas por uma longa linha branca vertical, para que a inteligência artificial tivesse que escolher uma das fotos para exibir na linha do tempo da página. Os usuários perceberam que o algoritmo sempre selecionava o rosto da pessoa branca, independentemente de onde estivesse na montagem e mesmo quando era um rosto negro de um famoso, como o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama (FERREIRA, 2020).

Em março do mesmo ano, a rede *TikTok* foi acusada de orientar seus/suas moderadores/as a esconder de sua plataforma pessoas consideradas feias, pessoas com deficiência e até casas consideradas pobres. Segundo matéria do The Intercept

[16] A We Are Social é uma agência global de marketing e consultoria digital especializada em estratégias de mídia social (WE ARE SOCIAL, 2023).
[17] A Meltwater é uma empresa de tecnologia global especializada em soluções de monitoramento de mídia e inteligência de mercado (MELTWATER, 2023).

Brasil (2020), a recomendação interna era evitar pessoas e ambientes que não fossem bonitos, que estivessem fora do “padrão”. A abordagem dos estudos culturais permite uma análise dessa ocorrência a partir de uma perspectiva que considera as relações de poder, as normas estéticas e as construções sociais que moldam a percepção de beleza e valor. Plataformas de mídia social, como o *TikTok*, exercem influência ao determinar o que é visível e considerado relevante. Ao ocultar certos indivíduos e ambientes, com base em critérios como a aparência física ou a condição socioeconômica, o *TikTok* está reforçando estereótipos discriminatórios de beleza e promovendo a exclusão. Esta situação ressalta a importância de promover uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder subjacentes e trabalhar para construir plataformas mais inclusivas e respeitosas da diversidade.

O *Instagram*, a terceira rede social mais usada no Brasil, em 2022, com 122 milhões de usuários, foi a rede que escolhemos para analisar alguns conteúdos nesta pesquisa e conhecer narrativas de crianças negras com perfil na página.

O *Instagram* foi uma das primeiras redes sociais para acesso somente móvel. Embora agora seja possível visualizar publicações no desktop[18], o formato permanece centrado em dispositivos móveis. É uma rede social para compartilhamento de fotos e vídeos entre usuários que podem aplicar filtros[19] nas suas imagens. Originalmente, era uma característica do *Instagram* limitar as fotos ao formato quadrado, imitando fotografias antigas, como câmeras Polaroid. Em 2012, o aplicativo foi adquirido pelo *Facebook* por mais de US$ 1 bilhão. Desde a aquisição, a rede social mudou muito, e hoje é possível postar fotos em diferentes proporções, vídeos, *stories*, *boomerangs* e outras formas de publicação (FERREIRA, 2020).

Houve também uma grande popularização dos filtros para fotos e vídeos. A criação de alguns filtros no *Instagram* não leva em consideração os traços fenotípicos das pessoas negras, modificando radicalmente essas características para torná-las mais próximas dos traços das pessoas brancas. Essas modificações incluem o afinamento do nariz, alteração da cor da pele e mudança da cor dos olhos para tons de verde ou azul. Essa falta de representatividade ocorre porque a tecnologia não é

---

[18] O termo desktop é utilizado para se referir aos computadores fixos, de mesa. Ou, ainda, para a área de trabalho de um computador

[19] Filtros do Instagram são recursos que permitem aos usuários alterar a aparência de suas fotos e vídeos, aplicando efeitos visuais que modificam cores, tonalidades, texturas e outros elementos visuais (INSTAGRAM, 2021).

neutra, os filtros são desenvolvidos em um contexto social específico e por indivíduos com visões particulares. Por essa razão, eles podem refletir juízos de valor presentes na sociedade e serem influenciados por preconceitos em relação às pessoas negras (CODING RIGHTS, 2021). Essa problemática está relacionada à ideologia do branqueamento, pois, ao promover a clareza e a "melhoria" da aparência, por meio de filtros que exibem características branqueadas, estamos perpetuando uma visão estereotipada e limitada de beleza, que exclui e marginaliza pessoas de diferentes raças e etnias.

A influenciadora digital e *YouTuber* brasileira Sá Ollebar, criadora do projeto digital Preta Pariu, realizou um experimento no *Instagram*. Depois de perceber a queda progressiva dos índices de alcance digital da sua página, ela publicou fotos de modelos brancas em seu perfil e analisou métricas de engajamento. Surpreendentemente, as ferramentas estatísticas aumentam o alcance nas redes sociais em 6.000%. Após o experimento alcançar grande visibilidade, diversos/as digital influencers negros/as decidiram aderir e testar o experimento em seus perfis. Como resultado, em publicações praticamente iguais, o alcance das postagens com pessoas negras foi substancialmente menor do que com pessoas brancas (MORAIS, 2020).

Sobre o chamado racismo dos algoritmos, a pesquisadora brasileira Silvana Bahia, co-diretora do Olabi[20] e fundadora do PretaLab[21] pontua:

> Os algoritmos são um conjunto de instruções que consultam bancos de dados para executar sua função/ação. Se não há diversidade na produção de novas tecnologias, e tecnologias são produzidas por pessoas, as ações dos algoritmos não considerará muitos aspectos e/ou reforçará outros. Os algoritmos trabalham com probabilidades, não com certezas, o problema é que estamos delegando muitas das nossas decisões para as máquinas sem levar isso em consideração. E além de tudo, não somos estimulados a pensar sobre ‘quem produz as tecnologias’. Já é possível perceber que a falta de diversidade no setor pode gerar um aprofundamento das desigualdades, tamanha a dimensão que todos esses aparatos tecnológicos têm nas nossas vidas (VIEIRA, 2018, s.p.).

Também presente nas redes, o discurso de ódio aparece como uma reação contra pessoas que, com o apoio do coletivo que representam, conseguiram romper

[20] Organização focada em inovação social, tecnologia e diversidade.
[21] Iniciativa focada em estimular mulheres negras e indígenas nas tecnologias.

as barreiras impostas pelo racismo e conquistaram alguma visibilidade na rede. Como salienta bell hooks (2021, p.21), “quando somos ensinados que a segurança está na semelhança, qualquer tipo de diferença parece uma ameaça”.

A questão das mídias digitais e redes sociais traz duas perspectivas relacionadas à educação e à questão racial. Por um lado, podemos nos conectar, produzir conteúdos que valorizem a identidade negra, mas, ao mesmo tempo, quando vemos os dados, percebemos que o que acontece *offline* é replicado *on-line*, no que diz respeito ao racismo, no sentido de continuarmos subvalorizados/as em relação as pessoas brancas. Para mudar o jogo, é preciso incentivar as pessoas a querer entender melhor essas metodologias, não apenas do ponto de vista técnico, mas principalmente quanto aos efeitos disso. Reforçamos que a tecnologia não é neutra, que reproduz atitudes, visões de mundo, a cultura de quem a cria, e sabemos que as tecnologias que usamos são em sua maioria gerenciadas por homens, brancos, heterossexuais, cisgêneros (SILVA, 2019).

Nesse sentido, os símbolos presentes nas ferramentas e instrumentos de mídias digitais alcançam todas e todos que estão nas redes, isso inclui as criançasque, diariamente, ao se conectarem recebem dezenas de informações, imagens, anúncios e outros elementos que comunicam padrões, linguagens, comportamentos, estéticas.

O espaço das redes sociais também pode ser uma ferramenta educativa de combate, existem perfis focados em pessoas negras, pessoas LGBTI+, pessoas com deficiência entre outros grupos, que têm se organizado como rede de apoio mútuo e como espaços de troca de informações e fortalecimento de autoestima, pertencimento e identidade.

2. 5 EDUCAÇÃO PELAS MÍDIAS DIGITAIS: BARREIRAS E POSSIBILIDADES

Com a chegada da era digital, muitos serviços foram substituídos ou readequados, hoje o celular é um dos dispositivos mais essenciais do nosso dia a dia. Nós trocamos a câmera, o *pager*, o videogame portátil, a agenda eletrônica, o MP3 *player* e o telefone residencial por um só dispositivo, com tudo incluso, e que ainda cabe no bolso ou na bolsa. Com isso, possibilitamos o acesso rápido e amplo à *internet* e aos inúmeros conteúdos que ela proporciona.

Segundo estudo divulgado pela Fundação Getúlio, realizado em 2022, o Brasil possuía uma média de mais de um *smartphone*[22] por habitante. O país conta com cerca de 214 milhões de habitantes, enquanto o número de celulares inteligentes (smartphones) em uso chega a 242 milhões. Além disso, ao considerar também *notebooks* e *tablets*, o total de dispositivos portáteis no Brasil alcança a marca de 352 milhões, o que equivale a uma média de 1,6 dispositivo por pessoa (CNN BRASIL, 2022).

Na *internet*, as redes sociais e mídias digitais têm suscitado discussões como a da falta de privacidade e o excesso de exposição, mas também tem servido para atividades sociais importantes, como meio de convocação para manifestações públicas, em protestos, por exemplo, e outras formas de organização popular, além de ser uma ferramenta múltipla de conhecimento e interação. Essas plataformas criaram, também, uma nova forma de relacionamento entre empresas e clientes, abrindo caminhos tanto para interação quanto para o anúncio de produtos ou serviços, movimentando economicamente vários setores.

Em relação às crianças, as mídias digitais, por meio inclusive das redes sociais, têm sido usadas como ferramenta de apoio para ajudar a melhorar o desempenho escolar e desenvolver inteligências. Pode ser utilizada também no sentido de estimular o vocabulário e o raciocínio. Além disso, é uma forma de comunicação e relacionamento com pessoas próximas ou distantes, entre outras ações.

O desenvolvimento infantil inclui o desenvolvimento de habilidades motoras, de linguagem e sociais. Inclui também o desenvolvimento do conhecimento, da inteligência, da razão, da personalidade e, durante a adolescência, da criação de autonomia, do senso de individualidade e de valores. Don Tapscott (1999), pesquisador canadense, garante que tudo isso foi melhorado no mundo interativo. Tapscott (1999) afirma que, quando estão no controle de seu ambiente, o que acontece na interação com o mundo digital, em vez de observá-lo passivamente, as crianças crescem mais velozes. O autor sugere que as crianças podem se beneficiar das possibilidades oferecidas pelas mídias digitais, pois, por meio delas, podem se comunicar, brincar, experimentar, aprender, desenvolver a autoestima, adquirir

[22] Um smartphone é um dispositivo eletrônico que combina as funcionalidades de um telefone celular com recursos avançados, como acesso à internet, capacidade de executar aplicativos e realizar tarefas diversas, como enviar e-mails, tirar fotos, reproduzir música e vídeos, entre outros (COSTA, 2020).

conhecimentos, desenvolver novas formas de pensar, socializar, conhecer e criar culturas.

A pesquisadora norte-americana, Lynn Schofield Clark, tem trabalhado a questão de como os pais e mães têm sido trazidos/as para o digital e como podem lidar com este desafio. Ela diz que essa dinâmica pode proporcionar um ambiente novo de mediação, que é um ambiente de aprendizagem em conjunto. Os/as filhos/as ensinarem os pais e mães e eles/as virem a aprender com os/as filhos/as os aspectos técnicos; ao mesmo tempo, podem perceber situações em que as crianças não têm total consciência ainda, como circunstâncias que envolvem questões sociais que demandam maior repertório de conhecimento de mundo. Principalmente quando as crianças têm entre 07 e 10 anos, que ainda não estão vivendo as crises da adolescência e, possivelmente, tenham uma relação próxima com os pais e mães (PONTE, 2016).

Dentro da mídia, as redes sociais de relacionamentos como, *Twitter*, *Instagram*, dentre outros, configuram-se como um cenário amplo em que é permitido construir e divulgar a concepção identitária que se deseja. São espaços abstratos em que se estabelecem vínculos e representações emocionais. A constituição da identidade, virtual ou não, ocorre em um espaço simbólico. Cada concepção de identidade é traçada na forma de representação e, no caso das redes, a representação de um indivíduo ocorre por meio da publicização do eu.

Ao encontro da perspectiva de Hall (2000), percebemos a relação entre identidade e força produtiva da cultura como fundamental para a compreensão do fenômeno da mídia moderna em diversas dinâmicas. Particularmente do ponto de vista da prática comunicacional que é indissociável da prática cultural. Segundo o sociólogo, a noção de identidade é definida como multifacetada, ao contrário da tradição em que a identidade era assegurada pelo grupo, agora é uma questão pessoal e subjetiva que depende também de escolhas individuais.

Dessa forma, discutir a educação das crianças pelas mídias digitais é também olhar para quem são essas crianças, do lugar social que ocupam e de como se dá a interação com o ambiente social em que estão inseridas e com as tecnologias digitais a que tem acesso. Analisar o uso das mídias digitais pelas crianças como um grupo heterogêneo (considerando a intersecção das variáveis classe, raça/cor gênero,

idade, etc.) em contextos sociais e culturais desiguais, é dar um passo no sentido de quebrar visões homogêneas e polarizadas sobre as crianças e a mídia.

Desde a tenra idade, as crianças podem enfrentar experiências de discriminação, preconceito e exclusão com base em sua raça ou etnia. Essas vivências afetam negativamente seu desenvolvimento emocional, social e acadêmico. No ambiente escolar, por exemplo, o racismo pode se manifestar de diversas maneiras. Crianças negras e de outras origens étnicas minoritárias estão mais propensas a serem alvo de *bullying*, comentários ofensivos e tratamento diferenciado por parte de colegas e até mesmo de professores/as. Essas experiências dolorosas impactam sua autoestima, confiança e senso de pertencimento, prejudicando seu envolvimento acadêmico e seu desempenho escolar.

Além disso, a mídia e a cultura popular também exercem influência na vida das crianças e, infelizmente, muitas vezes perpetuam estereótipos e representações negativas de certos grupos sociais. A falta de diversidade nas mídias e nos materiais educativos pode limitar a visão de mundo das crianças, reforçando ideias preconceituosas e excluindo narrativas e histórias diversas (GOMES, 2018).

O racismo na infância não se restringe apenas a situações explícitas de discriminação. Ele também pode se manifestar de forma sutil e velada, por meio de microagressões[23], olhares, piadas e comentários aparentemente inofensivos, mas que afetam profundamente a autoimagem e a autovalorização das crianças. A educação antirracista desempenha um papel crucial na prevenção e combate ao racismo na infância. A inclusão de conteúdos e discussões sobre diversidade racial no currículo escolar é de extrema importância. Além disso, a representatividade é um elemento essencial na educação racial das crianças. É necessário garantir que elas tenham acesso a materiais e mídias que retratem de forma positiva diferentes grupos étnicos, proporcionando modelos e referências diversos (GOMES, 2018).

A educação racial na infância vai além do combate ao racismo, envolvendo também a celebração da diversidade. É fundamental que as crianças aprendam sobre as diferentes culturas e tradições, reconhecendo a riqueza que a pluralidade racial traz para a sociedade. Ao cultivar a consciência crítica e o respeito mútuo desde cedo,

---

[23] Microagressões são formas sutis, porém ofensivas, de expressão e comportamento que discriminam e menosprezam indivíduos com base em sua raça, gênero, orientação sexual ou outras características (ALMEIDA, 2018).

incentivamos as crianças a se tornarem agentes de mudança, contribuindo para a construção de uma sociedade melhor.

Nos ancoramos na visão transgressora de hooks (2013), ao pensar estratégias de enfrentamento ao racismo, por exemplo, quando ressalta a necessidade do trabalho multicultural como ato ético e político. A pedagogia crítica e a educação para a liberdade estão entre os fundamentos da construção da educação como prática social humana, que reforça as mudanças de mentalidade e essas mudanças afetam a estrutura política. Nesse contexto, a educação engajada visa evidenciar vozes historicamente silenciadas que também absorvem, criam e compreendem realidades, buscando uma representação plural, inclusiva e legítima da sociedade.

3 UNI-DU-NI-TÊ: REVELANDO OS CAMINHOS ESCOLHIDOS NA PESQUISA

O processo de pensar a pesquisa, refletir sobre o que gostaria de aprofundar os estudos, sobre o que seria interessante produzir conhecimento científico por meio da elaboração de uma dissertação, e tudo que isso envolve, é desafiador. A partir das trajetórias pessoal e profissional, sabia que dialogava com algo que me convoca, as pautas raciais. Ao delimitar um tema, partimos para o esboço do desenho de como as peças se encaixam. Como trazer os pontos julgados necessários, a ordem dos conteúdos a fim de garantir a coerência e fluidez do texto. Buscar referências e perspectivas que agregassem a discussão da temática. Escolher os instrumentos a serem utilizados. E as demais demandas que envolvem a metodologia.

Ainda que não exista a pretensão de preencher todas as lacunas ou dizer tudo que possa ser dito a respeito, até porque as abordagens de um mesmo tema são inúmeras, buscamos promover um debate profícuo acerca das questões trazidas neste trabalho. A seguir, trazemos um retrato dos caminhos que percorremos ao longo da pesquisa.

3. 1 REVISÃO DE LITERATURA: AMPLIANDO REPERTÓRIO

O primeiro passo ao definir que abordaria a educação étnico-racial[24] pelas mídias digitais foi realizar uma revisão de literatura. A revisão fornece informações para contextualizar o alcance e a importância do tema que está sendo abordado. Ela apresenta possíveis caminhos para discussões semelhantes e oferece metodologias que têm sido utilizadas para a abordagem do tema em questão. Por intermédio da revisão, é possível aprimorar seu conhecimento sobre o assunto e elucidar seus objetivos ao lidar com desenvolvimentos bem-sucedidos em outras pesquisas.

Ainda não tínhamos a definição nítida das especificidades que abordaríamos, realizamos, então, a revisão de literatura com um enfoque mais amplo, a fim de

[24] Após a banca de qualificação, analisando as considerações da professora e professor participantes, pudemos perceber que a pesquisa se ocupa de olhar as questões que envolvem a educação racial e não étnico-racial, considerando que as discussões que propomos caminham neste sentido. Por isso o termo aparece na revisão de literatura e, posteriormente, é suprimido nas demais seções do texto.

conhecer os materiais científicos produzidos que abordassem o processo de educação étnico-racial das crianças pelas mídias digitais em diferentes aspectos, que poderiam servir de embasamento teórico para as discussões propostas em nossa pesquisa. Para isso, selecionamos pesquisas cadastradas no Banco de Teses e Dissertações na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior (CAPES) e na Base Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT).

Realizamos as análises das publicações eleitas com base em Bardin (2016). Analisamos 04 (quatro) dissertações e 02 (teses). Para a análise do material selecionado, elaboramos um quadro (quadro 1) com o ano de defesa de cada tese e dissertação e em qual banco de teses e dissertações estão cadastradas. Em seguida, organizamos um segundo quadro (quadro 2), no qual consta a distribuição das pesquisas por regiões brasileiras e por esfera administrativa/instituição de pós-graduação.

Quadro 1 – Pesquisas que abordam educação étnico-racial, infância e mídia

Ano	Dissertações	Teses	Base de dados	Total
2005	1	-	CAPES	1
2009	1	-	BTDT	1
2010	1	-	CAPES	1
2018	1	1	CAPES/BDTD	2
2020	-	1	CAPES	1
TOTAL	**4**	**2**	**4 CAPES/2 BDTD**	**6**

Fonte: Elaboração da autora, a partir das teses e dissertações pesquisadas na BDTD e no portal da CAPES (2021).

Conforme os dados do Quadro 01, analisamos 04 (quatro) dissertações e 02 (teses). Não estipulamos um recorte temporal em virtude da escassez de produções encontradas que contemplassem nossos objetivos de pesquisa.

Quadro 2 - Distribuição da pesquisa por regiões brasileiras e por esfera administrativa/instituição de pós-graduação

Regiões brasileiras	Teses (T) Dissertações (D)		Esferas administrativas			TOTAL
	T	D	Públicas Federais	Públicas estaduais	Privadas	
Norte	-	-	-	-	-	-
Nordeste	-	-	-	-	-	-
Centro-oeste		1		1		1
Sudeste	3		3	-	-	3
Sul	1	1	2	-	-	2

TOTAL	**4**	**2**	**5**	**1**	**-**	**6**

Fonte: Elaboração da autora, a partir das teses e dissertações pesquisadas na BDTD e no portal da CAPES (2021).

De acordo com os dados do Quadro 2, não foram encontrados trabalhos nas regiões norte e nordeste que abrangessem satisfatoriamente as temáticas selecionadas para o nosso estudo. A região sudeste foi a que concentrou mais produções, o que vai ao encontro dos dados do MEC que informam que o sudeste concentra o maior número de pós-graduandos. O quadro também apresenta outro dado a ser destacado: todos os estudos foram realizados por pesquisadores(as) de universidades públicas. Vivemos recentemente, no Brasil, tempos de grande negacionismo científico, em que a ciência sofreu com cortes de verba; vivemos agora um novo cenário, um tempo de respiro, em que se faz preciso evidenciar, sempre que possível, a relevância das pesquisas das universidades públicas para compreensão e transformação da realidade social.

Na sequência, apresentamos uma síntese dos 06 (seis) trabalhos analisados, organizados em 03 (três) categorias semânticas. Categoria 1) – A representação de negros e negras na mídia e as repercussões na infância; Categoria 2) - Relações raciais e os processos educativos infantis; e Categoria 3) – Educação étnico-racial, mídias digitais e infância.

Na primeira categoria, reunimos 03 (três) pesquisas. A primeira trata-se de uma dissertação intitulada *Negros e negras na publicidade televisiva - na ótica das educadoras negras da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte*, redigida por Rosália Estelita Diogo, defendida no ano de 2005. A pesquisadora buscou estudar como as professoras negras da rede municipal de educação de Belo Horizonte relacionam a representação social do negro na publicidade televisiva e a educação escolar.

O segundo estudo refere-se a uma dissertação, intitulada *Narrativas de negros na tv: o que dizem as crianças?,* de Agnaldo Afonso de Sousa, defendida em 2009. O trabalho tem como objetivo discutir os processos de recepção vivenciados por crianças tendo por referência as narrativas sobre o negro na TV. E a terceira pesquisa que compôs essa categoria é uma dissertação de mestrado profissional de autoria de Isaldete Ribeiro Silva Passero, cujo título é *Diversidade étnico-racial: uma releitura do estereótipo da mulher negra em textos publicitários*, de 2018. Foi realizada uma

intervenção pedagógica em uma turma formada por 11 meninas e 13 meninos com faixa etária de 13 a 15 anos de idade.

A segunda categoria englobou dois estudos. Uma dissertação intitulada *Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil*, redigida por Débora Cristina de Araújo e defendida em 2010. A pesquisa teve como objeto de análise os discursos sobre os grupos raciais brancos e negros, produzidos a partir de leituras de obras infanto-juvenis em salas de aula. O segundo estudo trata-se de uma tese com o título *Cabelos Crespos em Movimento(s): Infância e Relações Étnico-raciais*, defendida em 2020, pela autora Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro. A tese teve como objetivo analisar a articulação entre relações étnico-raciais, infância e estética negra a partir das reflexões em marchas e encontros de valorização do cabelo crespo.

A terceira categoria foi composta por uma tese de autoria de Jussara Nascimento dos Santos, intitulada *Infância negra e mídias digitais: uma análise de canais do youtube realizados por meninas negras*, defendida em 2018. A pesquisa teve como objetivo analisar quatro canais do *YouTube* de meninas negras, com idade entre 7 e 11 anos, com a finalidade de verificar a presença da temática relacionada à questão racial nos vídeos postados.

A partir da leitura do material resultante da revisão de literatura, observamos, nos pontos de proximidade das pesquisas, diferentes discussões que tratam do atravessamento das questões étnico-raciais nas infâncias e dos impactos ou relações com os processos educativos, e neste sentido, pudemos conhecer perspectivas que contribuem para diferentes olhares sobre o assunto. Aliado a isso, as publicações analisadas também apresentaram reflexões referentes à identidade, subjetividade e processos educativos, o que também enriqueceu e ampliou nossa visão. A partir daí, fomos delineando o tema da pesquisa.

3. 2 RECALCULANDO ROTAS

Após a revisão de literatura, quando iniciamos o detalhamento do projeto, a ideia era fazer um levantamento dos canais infantis em evidência (com maior número de visualizações) na plataforma de mídia social *Youtube* e analisar os elementos culturais destas produções. E em paralelo, conhecer narrativas de crianças negras

que têm canais no *Youtube* e a perspectiva de suas famílias sobre essas vivências. No entanto, ao realizar a busca por canais de crianças negras, tivemos dificuldade em encontrá-las. Buscamos no *Google* listas de canais infantis no *Youtube*, em que apareciam pouquíssimos canais de *youtubers* negras e negros crianças (até 12 anos de idade). Quando localizávamos algum, buscávamos nos vídeos relacionados outros canais. Localizamos dois perfis e tentamos contato mediante as informações disponibilizadas na página, via *e-mail* e/ou telefone*,* mas não tivemos êxito.

Tendo em vista a necessidade da participação das crianças na pesquisa, como forma de garantir o protagonismo e a visibilidade delas em um trabalho que se propõe a discutir infâncias, decidimos focar em outra plataforma de mídia digital, o *Instagram*, para não renunciarmos à possibilidade de conhecer suas narrativas. Escolhemos essa rede por ser uma das mais utilizadas atualmente no nosso país (CANALTHECH, 2022).

Buscamos por crianças negras criadoras de conteúdo no *Instagram*, procuramos indicações nos sites sobre mídias digitais, também no *Google*, em sites que listam perfil de *influencers* mirins, e não conseguimos encontrar crianças negras. Pesquisamos também no *Instagram*, em perfis de empoderamento negro infantil, encontramos alguns perfis e localizamos novos perfis por meio dos seguidores das páginas localizadas. Assim, iniciamos os procedimentos para coleta de dados.

3. 3 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca compreender um fenômeno específico em profundidade (MARCONI; LAKATOS, 2006). Na abordagem qualitativa de pesquisa, os dados são coletados e analisados de maneira interpretativa e descritiva, com o objetivo de compreender a complexidade dos fenômenos sociais. Ao invés de se basear em números e estatísticas, essa abordagem concentra-se em explorar significados, percepções, experiências e contextos das pessoas envolvidas no estudo. A utilização de entrevistas como método de coleta de dados permite que as vozes e experiências dos participantes sejam ouvidas, proporcionando uma compreensão mais completa dos fenômenos estudados (BOGDAN; BIKLEN, 1994). A pesquisa classifica-se, ainda, como sendo de campo, pois o objeto é estudado em

seu ambiente próprio, e a coleta dos dados é realizada nas condições naturais dos fenômenos (SEVERINO, 2013).

Utilizamos um procedimento metodológico de abordagem qualitativa que caracteriza a pesquisa exploratória, cuja aplicação tem por finalidade a elaboração de instrumento de pesquisa adequado à realidade. Possui ainda a finalidade básica de desenvolver e problematizar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores. Dessa forma, esse tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o/a pesquisador/a acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores (GIL, 2006).

A pesquisa foi realizada nas mídias digitais, nas redes sociais, em especial na rede social *Instagram*. Foi realizada uma busca no campo pesquisar do *Instagram*, com as hashtags: #infantil e #criança, e feito um levantamento das 50 primeiras postagens que apareceram como resultado destas buscas. A intenção ao realizar esta pesquisa foi verificar se os resultados das buscas apresentariam conteúdos relacionados à educação racial, seja por meio de como se apresenta a presença/ausência de pessoas negras nas postagens, brinquedos, personagens ou algum tipo de conteúdo que sinalizasse raça. As *hashtags* foram propositalmente amplas, escolhemos não inserir termos que indicassem raça, pois a ideia era perceber o que de racial surgiria em termos universais relacionados à infância.

Elaboramos um quadro com as informações principais das postagens elencadas, que, posteriormente, utilizamos para complementar as discussões e análises das narrativas resultantes das entrevistas. Os dados coletados foram analisados e categorizados de acordo com a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016), usando como referencial teórico os Estudos Culturais.

Foram entrevistadas 07 (sete) crianças negras que criam conteúdo para o *Instagram* e seus responsáveis (um responsável por criança). As(os) participantes foram entrevistadas/os de forma *on-line*, via *Google Meet*. Os dados coletados foram analisados e categorizados de acordo com a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016), usando como referencial teórico os Estudos Culturais.

3. 4 CAMPO DA PESQUISA: O *INSTAGRAM*

O Instagram foi criado em 2010, pelo norte-americano Kevin Systrom e o pelo brasileiro Mike Krieger. Em apenas alguns meses, essa rede social tornou-se um dos aplicativos mais promissores da *App Store*[25]. Em apenas um ano, o *Instagram* alcançou 10 milhões de usuários, embora estivesse limitado ao ecossistema da *Apple*[26] e disponível, até então, apenas no iPhone[27]. A versão para Android só foi lançada em 2012, após a aquisição de US$ 1 bilhão pelo *Facebook* (GIANTOMASO, 2018).

Inicialmente, o aplicativo ganhou popularidade devido ao seu *layout* simples. Isso inclui imagens publicadas com filtros artísticos cuidadosamente selecionados. Com o tempo, o aplicativo eliminou algumas de suas limitações e permitiu o compartilhamento de fotos e vídeos em uma variedade maior de formatos. Em 2016, o *Instagram* lançou o *Stories*, um formato de postagem temporário com vídeos de até 15 segundos que desaparecem após 24 horas. A ideia foi bem recebida e abriu as portas para mais ferramentas, como transmissões de vídeo ao vivo (GIANTOMASO, 2018).

Em 2021, o *Instagram* ultrapassou 2 bilhões de usuários ativos mensais, tornando-se a segunda maior rede social do mundo. A constante expansão de novos recursos e o forte investimento no *Instagram* já fizeram da rede uma das mais populares do mundo. No Brasil, o *Instagram* é uma das redes sociais mais visitadas. Os brasileiros têm destaque nas estatísticas do aplicativo desde 2015. Entre os usuários do *Instagram*, a participação dos brasileiros é superior à média global. O Brasil é o segundo país em número de usuários do *Instagram*, atrás apenas dos Estados Unidos (CANALTHECH, 2022).

A popularidade da rede continua a crescer, já que a porcentagem de usuários que acessam o *Instagram* pelo menos uma vez por dia saltou de 84% para 92%. Desses, 53% entram várias vezes por dia. E a proporção de usuários que mantém o aplicativo aberto o dia todo dobrou de 11% para 22%. Durante a pandemia o uso aumentou bastante, 73% passaram a usar mais o Instagram (CANALTHECH, 2022).

---

[25] A App Store é uma plataforma digital em que os usuários podem explorar, baixar e instalar diversos aplicativos projetados para o sistema operacional iOS da Apple (APPLE, 2021).

[26] A Apple é uma renomada empresa de tecnologia com sede nos Estados Unidos, reconhecida por sua ampla gama de produtos eletrônicos inovadores, como smartphones, tablets, computadores e dispositivos de áudio (APPLE Inc., 2021).

[27] O iPhone é uma linha de celulares (smartphones) desenvolvida e comercializada pela empresa Apple Inc.

O público do Instagram abrange todas as idades, no entanto, a maioria dos usuários da plataforma é mais jovem, com mais da metade dos usuários globais do *Instagram* com menos de 34 anos (CANALTHECH, 2022).

É importante pontuar que, apesar de existirem inúmeros perfis de crianças nesta rede social, oficialmente, o *Instagram* permite apenas que maiores de 13 anos criem um perfil. Para crianças e pré-adolescentes, é obrigatório que uma pessoa seja responsável pelo monitoramento e tenha seu nome indicado na biografia da página. Os perfis contêm a foto das crianças, seu nome e demais informações, e na descrição é sinalizado: “gerenciado ou administrado por” e o perfil do responsável pela criança, esta é a conduta orientada pela rede (ALVES, 2021). Os perfis das crianças que entrevistamos eram todos gerenciados pelas responsáveis.

3. 5 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram da pesquisa 07 (sete) crianças negras que criam conteúdo para o *Instagram* e seus/suas responsáveis (um/a responsável por criança). Consideramos criadores/as de conteúdo quem posta textos, imagens ou vídeos no *Instagram* com certa frequência, produz material especificamente para o perfil, tem um número significativo de seguidores e se dedica à interação através da rede. Os/as participantes foram entrevistados/as de forma *online*, via *Google Meet*, totalizando 14 entrevistas realizadas.

Para preservar o anonimato dos/das participantes da pesquisa, usamos nomes fictícios para identificá-los/las. Escolhemos nomes de grandes intelectuais negros e negras, brasileiros e brasileiras, que contribuíram em várias frentes e de diversas formas para a educação racial no país. Entre muita gente potente, escolhemos alguns que já não estão conosco em vida, mas vivem através de suas ideias e, simbolicamente, aqui nomeiam crianças negras, sementes de continuação de vida e, consequentemente, de luta e conhecimento. Na sequência, apresentamos o Quadro 03 com os nomes fictícios usados no decorrer do texto.

Quadro 3 – Nomes fictícios das crianças entrevistadas

Participante	Nome	Inspiração

1	Abdias	Abdias do Nascimento – foi um ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras (GELEDÉS, 2022).
2	Alberto	Alberto Guerreiro Ramos - foi um sociólogo e político brasileiro. Foi figura de grande relevo da ciência social no Brasil, estudando a questão racial, e suas ideias influenciaram intelectuais e pensadores de todo o mundo e na sociologia e na política (BASTOS; SADER,1996).
3	Beatriz	Beatriz Nascimento – foi uma historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres brasileira. Tornou-se influente nos estudos das relações raciais no Brasil após sua notoriedade em organizações acadêmicas do movimento negro (GELEDÉS, 2022).
4	Carolina	Carolina Maria de Jesus - foi uma escritora, compositora e poetisa brasileira, mais conhecida por seu livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, publicado em 1960. Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do país (GELEDÉS, 2022).
5	Lélia	Lélia Gonzales – foi uma intelectual, autora, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira. Foi pioneira nos estudos sobre Cultura Negra no Brasil e co-fundadora do Instituto de

		Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro, do Movimento Negro Unificado e do Olodum (GELEDÉS, 2022).
6	Milton	Milton Santos – foi um geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor universitário brasileiro. Considerado um dos mais renomados intelectuais do Brasil no século XX, foi um dos grandes nomes da renovação da geografia no Brasil ocorrida na década de 1970 (GELEDÉS, 2022).
7	Neusa	Neusa Santos Souza - foi uma psiquiatra, psicanalista e escritora brasileira. Sua obra é referência sobre os aspectos sociológicos e psicanalíticos da negritude, inaugurando o debate contemporâneo e analítico sobre o racismo no Brasil (GELEDÉS, 2022).

Fonte: Elaboração da autora (2022).

Foi realizada uma busca virtual e identificamos alguns perfis de crianças criadoras de conteúdo. Por meio dos contatos disponibilizados nas redes sociais dessas crianças, fizemos o convite aos responsáveis para participação na pesquisa, solicitando também o aceite da criança.

Os critérios de inclusão para participação na pesquisa foram: crianças brasileiras, negras, que tenham entre 06 e 12 anos de idade, tenha um perfil no *Instagram* e produza conteúdo para rede.

Para o recorte etário, consideramos o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), que estipula até a idade de 12 anos para classificação como criança e a partir dos 12, já se configura adolescente. Definimos a partir dos 06 anos por entender que, nesta idade, a criança já apresenta habilidades de linguagem bem desenvolvidas, tanto para produção dos conteúdos, quanto para realização da entrevista. Também estabelecemos um número mínimo de seguidores do *Instagram* (a partir de 5000), entendendo que os perfis com número considerável de seguidores demandariam certa

frequência e dedicação na produção de conteúdo, e que possivelmente contemplariam melhor as questões trazidas na entrevista.

Como todas as crianças entrevistadas moram com as responsáveis, e por algumas ainda serem pequenas (entre 06 e 12 anos), disponibilizamos um pequeno questionário (quadro 03) apenas para as responsáveis responderem e construirmos o perfil dos/das participantes.

Quadro 4 – Questionário para as responsáveis pelas crianças

1. Nome
2. Gênero
3. Raça/cor
4. Idade
5. Estado Civil
6. Escolaridade
7. Cidade e estado
8. Número de filhos/as e idade de cada um/a:
9. Profissão / ocupação:
10. Está trabalhando atualmente:
11. Sua renda mensal, aproximadamente:
12. Participa ou já participou de algum movimento social? Se sim, qual/is?

Fonte: Elaboração da autora (2022).

O questionário foi elaborado em formulário *on-line* e encaminhado às/aos participantes junto aos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE[28] e de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE[29], para preenchimento antes da realização das entrevistas.

No Quadro 5 apresentamos o perfil das crianças entrevistadas e, na sequência, um quadro com o perfil das responsáveis.

[28] O TCLE é um documento utilizado em pesquisas e procedimentos médicos, garantindo que os participantes tenham informações claras e concordem voluntariamente em participar.
[29] O TALE é uma versão adaptada do TCLE para estudos com crianças e adolescentes, exigindo o consentimento do responsável legal e da própria criança, respeitando sua capacidade de compreensão e autonomia dentro dos limites legais.

Quadro 5 – Perfil das crianças entrevistadas

Nome	Gênero	Idade	Cidade	Número de seguidores no perfil
Abdias	Masculino	11	Lauro de Freitas - BA	20.600
Alberto	Masculino	07	São José - SC	8.590
Beatriz	Feminino	10	Rio de Janeiro - RJ	48.500
Carolina	Feminino	06	Rio de Janeiro - RJ	12.900
Lélia	Feminino	07	São José - SC	7.743
Milton	Masculino	10	Criciúma - SC	4.794
Neusa	Feminino	07	Rio de Janeiro - RJ	5.165

Fonte: Elaboração da autora (2022).

Quadro 6 – Perfil das responsáveis pelas crianças

Responsável por:	Abdias	Alberto	Beatriz	Carolina	Lélia	Milton	Neusa
Parentesco	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe
Raça/cor	Preta	Preta	Preta	Branca	Preta	Preta	Preta
Idade	31	28	37	46	40	38	31
Estado civil	União Estável	Casada	Casada	Solteira	Divorciada	Casada	Casada
Escolaridade	Graduação	Mestrado	Ensino Médio	Ensino médio	Mestrado	Ensino Médio	Ensino Médio
Cidade que reside	Lauro de Freitas - BA	São José - SC	Rio de Janeiro - RJ	Rio de Janeiro – RJ	São José - SC	Criciúma - SC	Rio de Janeiro - RJ
N° de filhos e idade	01 filho (11 anos)	01 filho (7 anos)	4 filhas (22, 11, 12 e 5 meses)	03 filhos (16, 10 e 06 anos)	01 filho (7 anos)	2 filhos	2 filhos (16 e 7 anos)
Profissão/ Ocupação	Nail designer	Assistente social	Produtor cultural	Do lar	Assistente social	Autônoma	Corretora de imóveis
Se está trabalhando	Sim	Sim	Sim	Fora não	Sim	Sim	Sim
Renda mensal	Até 01 salário-mínimo	De 03 a 06 salários mínimos	De 01 a 03 salários mínimos	Até 01 salário-mínimo	De 03 a 06 salários mínimos	De 01 a 03 salários mínimos	De 03 a 06 salários mínimos
Participa ou participou de movimento social	Não	sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaboração da autora (2022).

A interação com as/os participantes para coleta de dados foi muito satisfatória, tanto as crianças quanto as/os responsáveis se apresentaram aparentemente animados/as em participar da pesquisa e confortáveis durante as entrevistas. A participação foi voluntária, por adesão, não havendo desistência durante a trajetória de pesquisa.

3. 6 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A presente pesquisa utilizou como instrumento para a coleta de dados um roteiro de entrevista semiestruturada elaborado pela autora. Os dados foram gravados pela plataforma *Google Meet* com prévia autorização de todos/as os/as participantes.

As entrevistas semiestruturadas permitiram uma maior flexibilidade, pois possibilitaram a ampliação dos questionamentos à medida que novas informações foram fornecidas pelos/as entrevistados/as. Para Triviños (1987, p. 152), a entrevista semi-estruturada "[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]", além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

As entrevistas abordaram a experiência das crianças em criar conteúdo para *internet* e o processo educativo envolvido, propositalmente não mencionamos a questão racial nas perguntas, a intenção era verificar o que surgiria livremente a esse respeito a partir de cada entrevista. Ao final da transcrição de cada entrevista, acrescentei breves anotações do caderno de campo, em que pontuei as impressões em relação aos processos das entrevistas e também minha percepção ao olhar as páginas das crianças entrevistadas.

Os quadros 07 e 08 evidenciam as questões dos roteiros:

Quadro 7 – Roteiro de entrevista para as crianças participantes

1. Quais perfis no *Instagram* você acompanha?
2. Quais seus perfis favoritos?
3. O que te chama atenção nestes perfis?
4. Como surgiu a ideia de fazer seu perfil?

5. Como se sente ao produzir conteúdo para o *Instagram*?
6. Quais temas ou assuntos você compartilha no seu perfil?
7. Quanto tempo você se dedica à produção destes conteúdos?
8. Você acredita que é possível aprender algo no *Instagram*? O quê? Pode nos citar algum exemplo?

Fonte: Elaboração da autora (2022).

Quadro 8 – Roteiro de entrevista para as responsáveis

1. Como foi o processo de criação do perfil da criança no Instagram?
2. Você percebeu alguma mudança de comportamento ou manifestação emocional após a criação do perfil? Se sim, qual/is?
3. Você acompanha outros perfis infantis no Instagram? Quais?
4. Considera que os perfis infantis têm um potencial educativo? Por quê?
5. Você acha seu/sua filho/filha tem apreendido com este processo de criar conteúdo para internet?
6. Quanto tempo a criança se dedica a produção de conteúdo no Instagram?
7. Como se dá a dinâmica de gestão do perfil e escolha do conteúdo?

Fonte: Elaboração da autora (2022).

A construção dos roteiros das entrevistas objetivou elencar questões que oportunizassem o conhecimento da experiência vivida pelas crianças, pelo viés da sua perspectiva e de sua família, sobre o processo de educação pelas mídias digitais.

3. 7 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para dar início à pesquisa, o projeto foi submetido ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual da UEM, para devida apreciação e aprovação.

Ao elaborarmos as perguntas que comporiam os roteiros de entrevista, foram realizadas duas entrevistas piloto com duas crianças e suas responsáveis, para verificar se o texto estava de fácil entendimento e se haveria necessidade de alguma alteração, o que não foi necessário. Após a aprovação do projeto, o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE foram transpostos para formulários *Google Forms* ®[30], e encaminhados aos/às participantes, juntamente ao roteiro da entrevista semiestruturada. Após a realização das entrevistas, elas foram transcritas e analisadas, organizadas em categorias.

Para o mapeamento de publicações de conteúdos relacionados às crianças no *Instagram,* foi feito um levantamento das 50 primeiras publicações relacionadas às hashtags “#infância” e “#criança” que apareceram ao utilizarmos o campo de busca da rede na data de 20 de julho de 2022.

Hashtags são uma forma de categorizar conteúdos relacionados ao mesmo tópico. Elas atuam como *tags* que contextualizam o conteúdo postado no *Instagram* para os usuários. Por exemplo, se você acessar a caixa de busca do *Instagram*, você encontrará uma guia *tags,* na qual poderá pesquisar tópicos específicos. Ao utilizar uma *hashtag* no *Instagram*, deve-se usar o caractere "#" e escrever sem espaços. Fazendo uma simples busca, usando a lupa no *app* ou no site, ao pesquisar com *hashtags,* todo o conteúdo usando as *hashtags* selecionadas será mostrado a você em um *feed* especial (LISBOA, 2022).

Elaboramos os Quadros 09 e 10 descrevendo o conteúdo principal das postagens, se havia imagem, e quando havia, se apresentava figura humana, se sinalizava raça, de que forma e o tipo de perfil que realizou a publicação.

Seguem os quadros abaixo:

Quadro 9 - 50 (cinquenta) primeiras publicações que apareceram ao pesquisar a hashtag #criança na lupa de busca do *Instagram*

Publicação	Tipo do perfil	Conteúdo principal da postagem	Imagem da publicação
1	Criador/a de conteúdo – perfil de exaltação da beleza de meninas coreanas	Foto de uma menina coreana.	Contém a imagem de uma criança, menina, coreana, que está sorrindo.

[30] *Google Forms* é uma ferramenta gratuita do Google para criar pesquisas e formulários *on-line*.

2	Perfil pessoal – psicóloga	Reflexão sobre psicoterapia.	Sem figuras, somente texto.
3	Perfil profissional - escola	Formas de ensinar crianças sobre dízimo e ofertas.	Sem figuras, somente texto.
4	Criador/a de conteúdo – perfil sobre educação	Promove reflexões sobre as diferentes formas de ensinar na educação infantil.	Sem figuras, somente texto.
5	Perfil Profissional – loja de carros	Exposição de uma coleção de carrinhos.	Foto de uma coleção de carrinhos de brinquedo.
6	Criador/a de conteúdo– perfil sobre brinquedos e atividades lúdicas	Ideia de brinquedo infantil para trabalhar coordenação motora.	Sem figuras, somente texto.
7	Criador/a de conteúdo – perfil sobre bebês considerados “fofos”.	Bebês “fofos”	Imagem de um bebê menina, branca, dormindo.
8	Criador/a de conteúdo - perfil sobre bebês considerados “fofos”.	Bebês “fofos”	Imagem de um bebê menino, branco, olhando e apertando sua própria barriga.
9	Criador/a de conteúdo – perfil sobre maternidade ativa	Maternidade	Imagem de uma mulher branca grávida, com algumas roupas de bebê, fotos de ultrassom e um bichinho de pelúcia.
10	Perfil profissional - joalheria	Joias para crianças.	Imagem de uma mão branca segurando pulseiras infantis coloridas.
11	Perfil profissional – odontopediatra	Alimentos que contribuem para a saúde bucal.	Sem figuras, somente texto.
12	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas como masculinas.

13	Perfil profissional – loja de produtos infantis	Utensílios para bebês e crianças	Imagem de um copo de plástico infantil.
14	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como femininas.
15	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como femininas.
16	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como masculinas.
17	Perfil profissional – escola dominical	Dados e endereço da escola.	Sem figuras, somente texto.
18	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Crianças modelando com roupas da loja.	Imagem de duas crianças brancas, uma menina e um menino, sorrindo.
19	Perfil pessoal	Uma criança na praia.	Imagem de uma criança branca, um menino sorrindo, posando para foto em frente ao mar.
20	Perfil profissional – loja de calçados	Calçados infantis.	Imagem de vários modelos de calçados infantis descritos na publicação como masculinos.
21	Perfil profissional – vendedora autônoma de bolos	Bolo de aniversário.	Imagem de um bolo de aniversário personalizado.
22	Perfil profissional – loja de molhos e condimentos	Imagem de um prato de comida.	Imagem de um prato de batatas fritas com molho.

23	Perfil pessoal.	Foto de uma criança.	Imagem de uma criança negra, menina sorrindo, posando para foto.
24	Perfil profissional - imobiliária	Venda de apartamento.	Sem figuras, somente texto.
25	Perfil profissional – escola de contraturno	Divulgação de festa infantil escolar - festa do pijama aberta ao público.	Imagem de duas crianças brancas, meninas rindo e brincando com travesseiros.
26	Perfil profissional – empresa de telas de proteção	Venda de tela de proteção para janelas.	Sem figuras, somente texto.
27	Perfil profissional – doceria	Bolo de festa.	Imagem de um bolo infantil personalizado.
28	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como femininas.
29	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como femininas.
30	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como femininas.
31	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Criança modelando para loja de roupas infantis.	Imagem de uma criança branca, menina, sorrindo, fazendo pose com as roupas da loja.
32	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como masculinas.

33	Perfil profissional – loja de brinquedos	Venda de brinquedos.	Vídeo de uma mulher branca, mostrando algumas bonecas brancas e carrinhos de bonecas.
34	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como femininas.
35	Perfil profissional – jornal online de tecnologia	Divulgação de entrevista com influenciadora adolescente.	Sem figuras, somente texto.
36	Perfil pessoal	Duas crianças na praia.	Imagem de duas crianças, meninos brancos, comendo chips na praia.
37	Perfil pessoal	Crianças brincando no parquinho.	Imagem de quatro crianças, três meninos e uma menina, todos brancos, brincando em um escorregador de parquinho.
38	Perfil pessoal	Mulher em festa infantil em igreja evangélica.	Imagem de uma mulher negra sorrindo, com balões nas mãos, em uma festa com decoração infantil na igreja.
39	Perfil profissional – loja de enxovais	Vendas de enxovais de bebês.	Vídeo ilustrativo mostrando diferentes modelos de enxovais, aparecem mãos brancas mostrando os produtos.
40	Perfil profissional – escola de modelos	Divulgação de concurso de beleza infantil.	Sem figuras, somente texto.
41	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como femininas.

42	Perfil pessoal	Criança posando para foto em parque.	Imagem de uma criança negra, menina, posando para foto, sorrindo olhando uma flor em parque.
43	Perfil profissional – igreja evangélica	Crianças, adolescentes e jovens posando para foto em piquenique.	Foto de várias crianças e adolescentes e jovens, meninos e meninas, brancos/as e negros/as posando para foto, sorrindo, com os braços levantados.
44	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como femininas.
45	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como femininas.
46	Perfil pessoal	Provérbio bíblico.	Sem figuras, somente texto.
47	Perfil pessoal	Criança posando para foto.	Imagem de uma criança negra, menina, sorrindo posando para foto em frente a uma residência.
48	Perfil profissional – igreja evangélica	Divulgação de acampamento cristão.	Sem figuras, somente texto.
49	Perfil profissional – loja de roupas infantis	Roupas infantis.	Foto de roupas infantis descritas na publicação como femininas e masculinas.

50	Perfil profissional – associação de motociclistas	Divulgação política do atual governo.	Dois homens, o atual presidente e outro homem, ambos brancos, se cumprimentando num aperto de mãos.

Fonte: Elaboração da autora (2022).

Quadro 10 - 50 (cinquenta) primeiras publicações que apareceram ao pesquisar a hashtag #infância na lupa de busca do *Instagram*

Publicação	Tipo do perfil	Conteúdo principal da postagem	Imagem da publicação
1	Criador/a de conteúdo – perfil sobre arte-educação	Tópicos sobre desenvolvimento infantil	Sem figuras, somente texto.
2	Criador/a de conteúdo – perfil de jogos e memes	Sobre desenhos antigos.	Imagem da personagem Stefanie do desenho LazyTown (adolescente branca com peruca rosa), sorrindo.
3	Perfil profissional - pedagoga	Sobre Grafomotricidade e coordenação motora	Sem figuras, somente texto.
4	Perfil profissional – pedagogia	Reflexões sobre desenvolvimento infantil na escola	Sem figuras, somente texto.
5	Criador/a de conteúdo – perfil sobre desenvolvimento psíquico da criança	Sobre como não se deve envergonhar ou constranger uma criança.	Imagem de um menino branco com as mãos tapando o rosto.
6	Criador/a de conteúdo – perfil dedicado as musas do universo infantil	Informações sobre programa de televisão antigo Show do malandro	Foto do apresentador Sergio Malandro no palco do programa.
7	Perfil profissional - psicanalista	Informações sobre o que significa cada comportamento das crianças	Imagem de três crianças brancas com os braços cruzados, dois meninos e uma menina, com cara de bravo/ emburrados.

8	Perfil profissional – psicóloga	Reflexão sobre o autismo	Sem figuras, somente texto.
9	Criador/a de conteúdo – perfil sobre paternidade	Reflexão sobre como educar uma criança é trabalhoso e requer tempo e paciência	Sem figuras, somente texto.
10	Perfil profissional - psicóloga	Citação da frase: “a infância é o chão sobre o qual caminharemos o resto de nossos dias”	Imagem de uma menina branca, andando sob a ponta dos pés, com um gato ao lado.
11	Criador/a de conteúdo – perfil sobre nostalgia e coisas retrô	Sobre conteúdo e personagens televisivos que dão saudade.	Imagem do Seu madruga do seriado Chaves.
12	Perfil profissional - psicóloga	Importância da amizade na infância	Duas crianças brancas, de costas, com os braços para cima.
13	Criador/a de conteúdo – perfil sobre poemas para as infâncias	Poema sobre diálogo.	Sem figuras, somente texto.
14	Perfil profissional – psicóloga	Reflexão sobre a repetição de atividades na infância	Sem figuras, somente texto.
15	Perfil profissional – advogado da área da saúde	Tratamentos ABA e Denver para crianças autistas	Imagem de uma mulher branca olhando uma criança, menino, branco, enquanto ele brinca com um xilofone.
16	Perfil profissional – ateliê de bonecas	Divulgação de produto – bonecas de tecido.	Imagem de uma boneca de tecido negra.
17	Criador/a de conteúdo – perfil sobre paternidade	Reflexão sobre a brevidade da infância	Sem figuras, somente texto.
18	Perfil profissional – ateliê de bonecas	Divulgação de produto – bonecas de tecido.	Imagem de uma mulher branca com várias bonecas brancas.

19	Perfil profissional – ateliê de bonecas	Divulgação de produto – bonecas de tecido.	Imagem de uma mulher branca com uma boneca negra.
20	Criador/a de conteúdo – perfil sobre desenhos	Desenhos antigos	Imagem com vários personagens do desenho pica-pau.
21	Criador(a) de conteúdo – perfil sobre poemas	Poema sobre infância.	Sem figuras, somente texto.
22	Perfil profissional - professora	Alfabeto lixa.	Imagem do alfabeto lixa (letras cortadas no papel lixa).
23	Criador/a de conteúdo – perfil sobre escrita criativa	poema sobre crianças	Sem figuras, somente texto.
24	Perfil profissional - psicanalista	Sobre a resposta ao trauma nas crianças.	Imagem de uma criança branca com as mãos ao lado do rosto, com semblante triste.
25	Perfil profissional – vendedor autônoma de laços	Laços infantis de cabelo.	Imagem de vários laços de cabelo, de diversas cores.
26	Perfil profissional – educadora	Sobre as dificuldades do cotidiano dos professores	Imagem de uma professora jovem branca.
27	Criador/a de conteúdo – perfil sobre desenvolvimento pessoal	Sobre crianças crescem rápido.	Sem figuras, somente texto.
28	Perfil profissional – Centro infantil	Parceria entre centros infantis para a valorização da primeira infância.	Imagem de homens e mulheres brancas ao redor de uma mesa de reunião.
29	Perfil profissional – educador	Matemática lúdica	Imagem de um jogo com números, aparece uma mão (branca) de criança segurando um dos números.

30	Perfil profissional - jornalista	Informações sobre dislexia e a tratamento	Imagem de uma carteirinha de faculdade do curso de comunicação social.
31	Criador/a de conteúdo – perfil sobre desenvolvimento pessoal	Reflexão sobre a simplicidade da vida	Sem figuras, somente texto.
32	Criador/a de conteúdo – perfil sobre psicologia infantil	Reflexão sobre família disfuncional	Imagem de um adolescente branco sentado à mesa, apoiando a cabeça com uma das mãos, semblante triste.
33	Criador/a de conteúdo – perfil sobre educação infantil	Sobre criar o hábito de ouvir os filhos na hora de dormir	Imagem de duas crianças negras gêmeas, meninas, dormindo num quarto confortável.
34	Criador/a de conteúdo – perfil sobre educação infantil	Processos educativos das crianças.	Sem figuras, somente texto.
35	Criador/a de conteúdo – perfil sobre divórcio	Desenhos antigos.	Imagem dos personagens do desenho “A Turma do bairro”.
36	Perfil profissional – psicóloga	Os danos que a família pode causa, mesmo com uma infância agradável.	Sem figuras, somente texto.
37	Perfil profissional - psicóloga	Cuidados para quando os filhos forem na casa de colegas.	Imagem de mãe e filha brancas, sentadas a mesa, olhando uma para a outra sorrindo.
38	Criador/a de conteúdo – perfil sobre divórcio	O impacto do divórcio nos filhos.	Sem figuras, somente texto.
39	Criador/a de conteúdo – perfil sobre educação	Como organizar o espaço para crianças.	Sem figuras, somente texto.
40	Criador/a de conteúdo – perfil sobre filmes	Filmes da sessão da tarde	Sem figuras, somente texto.
41	Perfil profissional - escola	Rotina do maternal na escola	

			Imagem dos alunos, distante, sem nitidez de rostos.
42	Perfil profissional – Loja de brinquedos educativos	Brinquedos educativos sensoriais.	Imagem de um painel sensorial.
43	Criador/a de conteúdo – perfil sobre educação	Carta para uma professora	Imagem de um menino branco, de capa e óculos, com uma das mãos para o alto imitando um super-herói.
44	Perfil profissional - psicóloga	Qual o estilo parental mais adequado para as crianças.	Imagem de uma família branca, pai e mãe beijando cada um uma bochecha do filho.
45	Perfil profissional – educadora	A importância da auxiliar de ensino na escolha.	Sem figuras, somente texto.
46	Perfil profissional – pediatra	Reflexão sobre o castigo na infância.	Sem figuras, somente texto.
47	Criador/a de conteúdo – perfil sobre paternidade	Reflexão sobre a importância de trabalhar as emoções com meninos	Sem figuras, somente texto.
48	Criador/a de conteúdo – perfil sobre educação	Reflexão sobre o respeito na infância.	Sem figuras, somente texto.
49	Perfil profissional – Centro Educacional Infantil	Divulgação da festa da “folmília”.	Foto dos alunos de longe, aparentemente crianças negras e brancas.
50	Perfil profissional – artesã	Brinquedos de madeira.	Foto de uma casinha de boneca feita de madeira.

Fonte: Elaboração da autora (2022).

Entendendo que as crianças constroem sua visão de mundo e de si mesmas por meio do que absorvem do meio, mediante símbolos, estímulos e interações,

processo este que também acontece no campo digital, conhecer conteúdos relacionados às crianças nas redes pode nos trazer perspectivas interessantes para discutir a educação pelas mídias digitais.

Ao finalizar a coleta de dados, tanto o mapeamento quanto as entrevistas realizadas, seguimos para análise dos dados.

3. 8 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta de dados, a fase seguinte da pesquisa foi de análise. Para a sistematização dos dados, foram elaboradas categorias de análise, segundo técnica de análise de conteúdo proposta de Bardin (2016), que compreende três etapas fundamentais: a) Pré-análise; b) Exploração do material; c) Tratamento dos resultados - inferência e interpretação.

A primeira etapa, chamada de pré-análise, é a etapa que inclui a organização do material a ser analisado para executá-lo e a organização das ideias iniciais. Existem quatro processos: (i) leitura flutuante (estabelecimento dos documentos de coleta de dados, familiarização do texto pelo pesquisador, transcrição das entrevistas); (ii) escolha dos documentos (seleção do que será analisado); (iii) formulação de hipóteses e objetivos (proclamações provisórias, que o pesquisador pretende verificar); (iv) elaboração de indicadores (por meio de recortes de texto nos documentos analisados, se atentando aos temas mais repetidos) (BARDIN, 2016).

A exploração do material é o segundo passo. Trata da codificação do material e da definição da categoria analítica, um título ou classe que reúne um grupo de elementos sob um nome genérico. Esse agrupamento emerge devido à generalização desses elementos e a identificação de unidades de registro. Essa etapa permitirá outras interpretações e inferências. Ao criar uma categoria, a/o pesquisadora deve obedecer aos critérios de exclusividade para que um elemento não pertença a mais de uma categoria (BARDIN, 2016).

A terceira e última etapa consiste no processamento dos resultados, inferências e interpretações. Nessa etapa, os dados são condensados e destacados para análise, tem o maior efeito na interpretação inferencial. É o momento de análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2006).

Propomos analisar o material coletado sob as lentes dos Estudos Culturais, que tomam como princípio um viés metodológico interdisciplinar. Tendem, nesse sentido, a interagir com as práticas políticas, sociais e culturais. Na próxima seção, apresentamos os resultados de nossa análise interpretativa dos dados coletados e as categorias que delas emergiram.

4 “EU APRENDO A ME GOSTAR, A AMAR OUTRAS PESSOAS, A AMAR O MEU CABELO![31]”

Nesta seção, analisamos os dados obtidos a partir do mapeamento das publicações e das entrevistas semiestruturadas realizadas por meio de videochamadas gravadas e depois transcritas[32]. Conforme exposto anteriormente, com base na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), foram desenvolvidas quatro categorias de análise: 1) A criança enquanto consumidora e produtora de conteúdo nas mídias digitais; 2) As pedagogias culturais e o uso de mídias digitais na infância; 3) Das possibilidades de aquilombamento através da *internet*; e 4) O poder do espelho: os entrelaces entre pesquisadora, pesquisa e sujeitos.

4. 1 A CRIANÇA ENQUANTO CONSUMIDORA E CRIADORA DE CONTEÚDO NAS MÍDIAS DIGITAIS

Com o avanço da tecnologia e o acesso facilitado à *internet*, as crianças estão cada vez mais engajadas em diversas plataformas digitais, seja assistindo a vídeos, jogando jogos *on-line*, interagindo em redes sociais ou criando seu próprio conteúdo. No que diz respeito ao consumo de conteúdo, é importante destacar o papel influente que as mídias digitais exercem sobre as crianças. Elas são expostas a um vasto universo de informações, entretenimento e publicidade, muitas vezes direcionados especificamente para esse público. Estudos como o de Coutinho e Moura (2016) ressaltam a necessidade de um consumo consciente e crítico por parte das crianças, bem como o papel dos pais e educadores em orientá-las nesse processo.

No levantamos que realizamos com a *hashtag* #criança, das 50 publicações, 25 eram divulgação de produtos infantis, como roupas, brinquedos, doces. Nas entrevistas com as crianças criadoras de conteúdo aparece o relato de que realizam muitas publicações relacionadas a esses nichos, marcas de roupa infantis, acessórios e afins, e também consomem esse tipo de conteúdo. Beatriz em entrevista diz o que

[31] Um trecho da fala da Lélia de 07 anos, uma das crianças entrevistadas.
[32] Foi realizada a transcrição literal das entrevistas, sem correção.

chama atenção nos perfis que ela acompanha: “o conteúdo né. As danças, a maneira que elas se vestem, as músicas que elas gravam, os penteados delas, e o empoderamento também”. Em relação ao que o filho consome nas mídias digitais, a mãe de Abdias relata: “[...] também tem outras questões, como música, ele gosta muito de aprender, dos instrumentos, ele vê outras crianças tocando, fica interessado. Aulas de inglês, tem crianças que divulgam, né. Crianças de outros estados, com outros sotaques, ele quer saber, conhecer”.

Essa relação de produção e consumo de conteúdo envolvendo as crianças e as mídias são complexas. As crianças estão em uma fase de desenvolvimento em que são facilmente influenciadas por apelos emocionais, personagens e elementos lúdicos presentes nas propagandas. A publicidade voltada para crianças e o marketing direcionado ao público infantil utilizam gatilhos emocionais, como o medo de perder uma oportunidade, o desejo de pertencimento ou a busca pela satisfação pessoal, para estimular o apelo à compra (TAVARES, 2014).

No levantamento das postagens do *Instagram* que realizamos, é possível destacar alguns dados. Das 50 postagens com a *hashtag* #infância, em 14 aparecem imagens de pessoas, entre essas, 12 são imagens de crianças. Das 50 postagens com a *hashtag* #criança, em 19 aparecem imagem de pessoas, entre essas, 14 são imagens de crianças. Ou seja, crianças se vendo nas redes, consumindo e produzindo nesse espaço. São criadas estratégias para estabelecer uma conexão emocional entre as crianças e os produtos anunciados e a identificação é uma delas. Como são essas pessoas? Se parecem comigo?

Das 19 publicações com a *hashtag* #criança, nas quais aparecem a figura humana, 14 são de pessoas brancas e 5 pessoas negras. Na busca pela *hashtag* #infância, das 17 publicações em que aparecem a figura humana, 16 são pessoas brancas e apenas 1 negra.

Consideramos que as mídias têm o poder de negar ou confirmar uma realidade e assim estabelecer parâmetros, num contexto de invisibilização e preterimento da população negra, forjado pelo racismo estrutural que alcança diariamente as crianças, isso se apresenta também na relação com as mídias digitais. Em encontro a isso, a mãe de Alberto pontua sua preocupação:

> [...]chegou um momento que eu parei pra analisar e pensar o que meu filho estava consumindo sabe, muito conteúdo branco realmente que é o que mais se vê, então eu disse nossa, eu preciso buscar desenhos, referências negras pra ele também nesse sentido. Eu usei muito destas páginas tanto para a questão dos livros, quanto também para a questão dos desenhos, o que pra mim é ótimo poder contar com essas ferramentas, com pesquisadores, que trazem a temática à tona pra ser trabalhado com ele (Dados da entrevista com a responsável).

Outro ponto a ser destacado é que entre as 5 publicações com a *hashtag* #criança em que aparecem pessoas negras, 4 foram publicadas por perfil pessoal, ou seja, a própria pessoa ou um familiar publicou em seu perfil. Nas postagens profissionais ou perfil de criação de conteúdo, aparecem predominantemente pessoas brancas. Diferente de uma foto publicada por um perfil profissional ou por criadores(as) de conteúdo para mídias digitais, que geralmente estão relacionados a marcas e/ou empresas.

Nas entrevistas, na fala da mãe de Abdias é sinalizada a questão da diferença no relacionamento com as marcas: “[...] quando você faz matéria, um trabalho que envolve crianças com a pele mais clara, a gente vê nitidamente que existe aquela divisão, elas ficam mais juntas entre si, o grupo fica mais na frente, a propaganda passa mais tempo dessas crianças”

Outra questão que apareceu nas entrevistas foi o modo como as diferentes realidades de vida impactam a disponibilidade de fazer conteúdos e investir no perfil. Sobre isso, a mãe de Alberto menciona que,

> estava bem pesado, tinha que produzir bastante conteúdo, havia uma cobrança bem grande, inclusive eu até comecei a me questionar pois ele era o único negro que tinha na plataforma, a realidade das outras mães era muito diferente da minha realidade, mães que poucas delas trabalhavam e passavam boa parte do dia voltadas para o grupo e produzindo conteúdo para os filhos. Eu me sentia numa corrida, minha realidade era totalmente diferente (Dados da entrevista com a responsável).

Mães negras frequentemente enfrentam desafios adicionais advindos das desigualdades sistêmicas que contribuem para um estado de sobrecarga. Além de todos estes fatores também é preciso lutar com os algoritmos das redes, como a mãe de Milton exemplifica em sua fala:

> [...]porque realmente nessa fase é muito complicado, pois a gente cria uma página no Instagram para crianças pretas e a gente entende que o alcance da gente é sempre menor do que de uma criança branca. É muito mais difícil a gente ter um grande número de seguidores comparado a uma criança branca que as vezes tem um conteúdo muito inferior e ainda assim consegue muito mais seguidores. Tanto é que já faz seis anos que fizemos o Instagram dele e mantemos praticamente o mesmo número de seguidores, enquanto tem criança que a gente acompanha, que criou o perfil em menos de um ano e já estão com dezoito mil seguidores (Dados da entrevista com a responsável).

A parcialidade que costuma ser considerada uma característica puramente humana, pode ser perpetuada pelos sistemas de aprendizado de máquina presentes nas redes sociais, como o *Instagram*. Esses sistemas são alimentados por dados criados e selecionados por pessoas, o que possibilita a incutação de vieses humanos em sua programação. Os algoritmos do *Instagram*, por exemplo, são construídos com base em dados identificados e aprendidos ao longo do tempo (TRAMA, 2021).

Devido à baixa presença de pessoas negras na construção desses algoritmos, ocorre a invisibilização de conteúdos com diversidade racial. O *Instagram*, assim como outras redes sociais, impulsiona principalmente publicações com rostos humanos. No entanto, os códigos de reconhecimento facial mais comuns utilizados pelos programadores foram treinados com bancos de dados enviesados e têm dificuldade em reconhecer pessoas negras. Isso resulta em um impulsionamento majoritário de conteúdos de pessoas brancas, enquanto campanhas com influenciadores negros e outras postagens que abordam diversidade racial são frequentemente invisibilizadas pela plataforma (TRAMA, 2021).

No entanto, as mídias sociais estão começando a revisar seus algoritmos para enfrentar esses problemas. Essa mudança é importante para garantir que influenciadores negros e outros grupos marginalizados não sejam prejudicados pelas desvantagens algorítmicas e possam mostrar sua relevância e criar um ambiente mais inclusivo nas plataformas de mídia social. Vale pontuar que esse ainda é um movimento tímido por parte das redes (LOUREIRO, 2020).

Dessa forma, é necessário encontrar estratégias de furar as várias barreiras que se apresentam. Uma das possibilidades é valorizar conteúdo de pessoas negras, estar em contato, se organizar para se fortalecerem mutuamente, como podemos ilustrar com outra fala da mãe de Milton, que diz:

> como a gente sabe que o Instagram é seletivo na entrega de conteúdo se tratando de questões raciais, eu sempre dou prioridade em acompanhar perfis de crianças pretas. Eu sigo pessoas brancas também, mas a prioridade são crianças pretas como forma de tentar fortalecer.

O fortalecimento da visibilidade de conteúdos produzidos por crianças negras em redes sociais reverbera o movimento das pedagogias culturais que fomentam e fortalecem os jogos das identidades plurais, como expresso por Hall (2009).

4. 2 AS PEDAGOGIAS CULTURAIS E O USO DAS MÍDIAS NAS INFÂNCIAS

A pesquisadora brasileira Maria Vorraber Costa (2008) destaca o potencial das mídias como ferramentas de aprendizagem, oferecendo linguagens diversificadas e oportunidades de interação. Ela ressalta a importância de uma abordagem crítica das mídias que envolva a reflexão sobre seu conteúdo, produção e impacto na sociedade. Ao combinar os princípios das pedagogias culturais, que valorizam a diversidade e as experiências dos sujeitos, com as oportunidades oferecidas pelas mídias, é possível promover uma educação contextualizada, crítica e participativa.

As pedagogias culturais são abordagens educacionais que valorizam a cultura como elemento central no processo de ensino e aprendizagem. Elas reconhecem a importância das experiências culturais, saberes locais e práticas sociais na formação dos indivíduos (COSTA, 2008). Ao incorporar as perspectivas de bell hooks (2013) às ideias de Maria Vorraber Costa, podemos ampliar a compreensão das pedagogias culturais ao abordar a interseccionalidade das opressões e a importância de uma educação que empodere os sujeitos e os encoraje a desafiar as normas estabelecidas. Ambas as autoras compartilham o compromisso de promover uma educação crítica e contextualizada, que considere as complexidades das identidades e promova a justiça social.

O uso das mídias requer uma atenção ao seu papel essencial na educação contemporânea. É necessário que se possa oferecer novas oportunidades de interação, construção do conhecimento e expressão cultural. A articulação do uso das mídias com as pedagogias culturais podem favorecer a valorização das experiências

e saberes dos sujeitos, promovendo a inclusão de diversas formas de expressão cultural.

As crianças entrevistadas relataram que aprenderam diferentes coisas por meio das mídias digitais. Abdias diz:

> [...] dá para aprender várias coisas. Eu mesmo me desenvolvi, a falar mais e tal, para o público. Antes era muito tímido, sempre que via uma pessoa que vinha falar comigo, me escondia atrás da minha mãe. Agora respondo, falo: oi, tudo bem? E me comunico bem melhor.

Em outro momento, Beatriz pontua sobre aprender no *Instagram*:

> [...] dá pra aprender bastante coisa. Eu aprendi a gostar do meu cabelo. Até tem um vídeo que eu fiz há mó tempão sobre isso, que ficou conhecido. Também aprendi várias danças. Tem danças no Instagram que eu vejo várias e junto numa coreografia só.

Quando as crianças contam o quanto apreenderam sobre si mesmas, em especial sob o viés racial e como pretendem compartilhar ou compartilham isso também com outras crianças, isso é pedagogia cultural. Em diferentes momentos, como quando Neuza diz:

> Sim. Você aprende a ter empoderamento. Teve um dia na escola que eu defendi um menino, um aluno. Foi pelo empoderamento que eu sabia falar sobre as diferenças das pessoas, dizendo que cada pessoa é diferente da outra, cada uma tem uma cor de pele, alguns tem cabelo loiro, alguns tem cabelo preto, crespo, liso, de vários tipos.

Ou quando sua mãe relata: “Aprende diariamente através da representatividade a se empoderar, que ela tem o seu espaço, que crianças como ela também conseguem ir longe, que são talentosas”. Esses relatos nos evidenciam as dinâmicas dessas pedagogias.

As pedagogias culturais valorizam a diversidade cultural, as experiências dos sujeitos e reconhecem a cultura como um espaço de produção de conhecimento e significados. Nesse contexto, Hall (2000) destaca a importância de uma abordagem crítica da cultura, que envolva a análise dos discursos e das representações presentes nas mídias e nas práticas culturais. Ele ressalta que as identidades são construídas e negociadas nesses espaços, e que as lutas simbólicas desempenham um papel fundamental na formação de subjetividades.

As mães na gestão das páginas, auxiliam nos conteúdos, se conectam a outros criadores/as de conteúdo também. e disseram estar aprendendo, de maneira geral; e na interação com o/a filho/a, consequentemente, ensinando. O meio digital pode apresentar múltiplas possibilidades. A mãe de Abdias conta que:

> [...] a partir do momento que a gente começou nesse caminho, ele passou a se abrir, a falar, se desenvolver, comecei a buscar ajuda de profissionais como fono, coloquei no teatro, mas foi tudo através do Instagram, que me abriu assim um mundo que meu filho poderia ter, que não tinha só aquilo ali para oferecer a ele.

Mesmo sem o direcionamento para a temática racial nas perguntas, a pauta foi unanimidade entre os/as entrevistados/as. Entendendo a raça como central e estruturante na subjetividade das pessoas negras, faz sentido que o assunto surja e atravesse as diversas experiências narradas. Como relata a mãe de Beatriz:

> [...] a Beatriz já viralizou com vídeos sobre coisas pessoais, como desabafo, como o vídeo que ela fala do cabelo dela, que estourou o vídeo. Fomos fazendo assim conforme ela foi se descobrindo enquanto menina negra e crespa, a gente sempre compartilhou coisas que achamos que seria relevante ajudar outras meninas [...].

É evidente que o racismo alcança todas e todos que vivem em uma sociedade racista, de forma que essas famílias não se depararam com um contexto digital tão distante do contexto fora das redes. Abdias narra:

> Assim, eu já sofri preconceito. Um dia eu tava em uma festa do pijama, minha mãe me deixou lá. Como tinha cama elástica e tal, todo mundo brincando. Aí tinha uma menina lá, ela tava sozinha eu chamei ela pra brincar, e ela falou: não quero brincar com você não preto! Aí eu fiquei magoado, fiquei lá no canto.

Aqui percebemos o impacto dessas vivências nas crianças. Sua mãe, na hora de ser entrevistada, complementa:

> [...] as partes negativas, o preconceito, como esse ambiente que ele contou, foi numa festa do pijama com digitais influencers. Ele nunca tinha dormido fora de casa, longe do pai e de mim. E aconteceu isso. As meninas que trabalhavam no local acolheram ele e tal. E ele não quis contar, só soube um mês depois. Isso é comum nesse meio.

Das mães entrevistadas, apenas uma não participa ou participou de algum movimento social (como consta no quadro do perfil das responsáveis), talvez esse

dado esteja relacionado ao fato de os relatos trazerem a presença de diálogo sobre pautas raciais com os/as filhos/as. A intenção ao inserir esta pergunta no roteiro de entrevista foi justamente investigar se haveria uma possível relação de famílias com maior letramento racial fazerem parte de algum movimento social. Isso porque o movimento social normalmente proporciona um espaço de aprendizado coletivo, no qual as pessoas compartilham conhecimentos, experiências e reflexões. Essa troca de informações e ideias auxilia na ampliação do repertório crítico.

Segundo Paulo Freire (1970), renomado educador brasileiro, os movimentos sociais desempenham um papel fundamental como espaços de educação popular, nos quais os participantes são convidados a refletir criticamente sobre a realidade, problematizar questões sociais e desenvolver um senso de coletividade. Essa reflexão coletiva promove o letramento crítico, permitindo que os indivíduos ampliem seu repertório de conhecimento e aprofundem sua compreensão das questões raciais. Através desse processo, as mães envolvidas em movimentos sociais têm a oportunidade de adquirir um maior conhecimento sobre o racismo estrutural e suas consequências, tornando-se agentes de transformação social (Freire, 1970).

Outra teoria relevante para compreender a relação entre movimentos sociais e letramento racial é a teoria do capital social. Segundo o cientista político norte-americano Robert Putnam (2000), o capital social refere-se aos recursos disponíveis para os indivíduos através de suas redes sociais e do engajamento coletivo. Participar de movimentos sociais proporciona oportunidades de interação e troca de ideias com outras pessoas que compartilham das mesmas preocupações e lutas. Essa interação fortalece os laços sociais e amplia o acesso a recursos, conhecimentos e perspectivas, contribuindo para o letramento racial e a formação de um repertório crítico mais amplo. Dessa forma, as mães que participam de movimentos sociais têm a chance de se envolver em discussões e práticas que promovem uma educação antirracista (PUTNAM, 2000).

As mães entrevistadas, mulheres pretas, que também são filhas, da mesma forma viveram seus processos educativos em uma sociedade racista, muitas receberam repertório para lidar com estas questões quando jovens, outras tiveram acesso ao conhecimento necessário já mães. Algumas buscam romper ciclos na criação dos filhos, como conta a mãe de Abdias:

> [...] então eu comecei a estudar, a ler mais sobre isso. Porque a gente fica sem saber o que fazer nas primeiras vezes. Comecei a trabalhar com ele, você é lindo, sua cor é linda. E também através desse primeiro preconceito, veio a questão do cabelo dele também. Porque em casa minha mãe, que também é negra, sempre teve o cabelo alisado. Eu também não sabia muito bem lidar com o meu, porque alisava o cabelo desde criança. Foi aí que eu deixei o cabelo dele crescer, natural, para entender que ele era bonito daquele jeito, para ele se conhecer. E hoje ele faz isso através do perfil dele, pra outras crianças.

Em outro momento, ela menciona um episódio de racismo sofrido pelo filho:

> Uma vez um coleguinha da sala disse que ele não podia ter olho azul, porque ele era preto, não branco, que ele tinha que se pintar de branco. [Abdias interrompe a entrevista da mãe e diz: lembra que nesse dia, no carro, na volta eu perguntei: mamãe, eu posso me pintar de branco?]. Ele tinha uns três anos.

Quando crianças desenvolvem a percepção de que se consideram feias, elas podem sentir um desejo de não querer mais ser como são. Elas podem desenvolver sentimentos de inadequação, insegurança e até mesmo vergonha em relação à sua aparência física (SILVA, 2014).

Lembrando que são pessoas em desenvolvimento, crianças que ainda estão consolidando suas primeiras relações com o mundo. Encontrar metodologias que deem conta de fortalecer a autoestima das crianças sem endurecê-las também é um desafio das mães pretas. A mãe da Beatriz faz um relato interessante sobre isso:

> Eu sempre falo isso, eu acho injusto com a criança a gente tacar assim, ó o mundo é racista, então você vai ter que sempre militar, porque perde a infância e perde a inocência. Mas acho que ela tem que ter consciência, de uma forma leve. Ó, seu cabelo é bonito, você é linda, olha essa música, olha esse autor aqui, esse livro. Para que ela construa a militância sem que ela tenha que sofrer tanto. Porque quando a gente não constrói isso, a gente já vem com várias pedras, isso é cruel com a criança.

São muitas as nuances, incertezas, angústias que encontram as pedagogias culturais entre mães e filhos/as no que diz respeito ao racismo. A mãe de Milton resume em sua fala: “é muito triste a gente ter que ensinar nossas crianças a serem fortes desde muito pequenas para aprenderem a lidar com o racismo”.

Ao encontro do que a mãe de Beatriz traz na fala anterior, temos, por exemplo, as produções cinematográficas, filmes como *Pantera Negra*, que apresentam personagens negros como protagonistas, que têm o potencial de promover uma mudança significativa na narrativa dominante, ao oferecer modelos positivos e empoderadores para crianças e jovens negros/as. Essas representações visíveis e positivas desafiam as narrativas tradicionais e ampliam as possibilidades de identificação e protagonismo para crianças e jovens negros/as

Além disso, a questão da mudança de personagens principais brancos para personagens negros, como o exemplo da Ariel, do filme *A Pequena Sereia*, também está relacionada às discussões sobre representatividade e inclusão. Essas mudanças são importantes para ampliar as vozes e experiências de grupos historicamente marginalizados e para reconhecer a diversidade existente na sociedade. Elas promovem uma maior identificação e pertencimento das crianças e jovens negros/as, fortalecendo sua autoestima.

No contexto das pedagogias culturais, essas representações cinematográficas podem ser ferramentas poderosas para promover discussões sobre identidade, racismo e empoderamento, proporcionando às crianças negras modelos positivos e inspiradores e incentivando a reflexão crítica sobre as estruturas de poder e a luta pela igualdade racial. Assim, as pedagogias culturais se tornam um espaço de resistência e aquilombamento, em que mães e filhos/as podem enfrentar juntos os desafios do racismo.

4. 3 DAS POSSIBILIDADES DE AQUILOMBAMENTO POR MEIO DA INTERNET

Aquilombar é compreender a importância de estabelecer conexões com as nossas raízes e reconhecer que não somos seres isolados, mas sim parte de uma comunidade. O ato de aquilombar-se envolve nutrir-se da ancestralidade e entender as tecnologias e métodos que foram construídos ao longo dos séculos, permitindo-nos chegar até o momento atual (SOUZA, 2023).

À medida que o tempo passa e a sociedade se desenvolve, surgem diversas formas de aquilombar-se: encontramos esse sentido de coletividade nos grupos

dentro das universidades, nos coletivos de estudo e disseminação do conhecimento entre pessoas negras, nos grupos de trabalho dentro das empresas e nas empresas lideradas por indivíduos negros. Na era da informação e dos avanços tecnológicos, é crucial compreender e reconhecer como nos adaptamos para nos mantermos aquilombados no ambiente virtual. O aquilombamento digital é como uma atualização desse movimento, utilizando técnicas e ferramentas tecnológicas para buscar a equidade e criar uma rede de afeto no espaço digital (SOUZA, 2023).

No vasto universo da *internet*, emergem possibilidades mágicas de aquilombamento, onde as conexões virtuais tecem os laços de solidariedade e fortalecem vozes silenciadas. Nesse território que transcende as barreiras físicas, pode surgir um espaço de resistência e empoderamento. As vozes, antes isoladas, encontram eco e reverberam em cada clique, em cada compartilhamento, em cada curtida. É um espaço de refúgio para a expressão livre, para a troca de conhecimentos e para o fortalecimento mútuo.

Por meio das redes sociais, fóruns, grupos de discussão e demais plataformas *on-line*, as vozes marginalizadas ganham protagonismo. Compartilham experiências, saberes ancestrais e estratégias de resistência, construindo coletivamente um novo imaginário de transformação. É nesse espaço de encontro e troca que se forjam alianças e estratégias de enfrentamento aos desafios enfrentados por comunidades marginalizadas.

Nesse sentido, a mãe de Abdias diz que busca seguir outras crianças negras no *Instagram*: “[...] procuro seguir crianças negras. Crianças que falam de empoderamento negro, de cabelo, pele. Sempre procuro trazer pra ele, mostrando, olha que lindo filho, olha isso que legal”. A mãe de Beatriz também relata:

> [...] durante muito tempo eu fiz o trabalho de social mídia, auxiliando algumas mães nas redes sociais, lá no início, mas hoje não faço mais. Acompanho as crianças, mas não profissionalmente. Acompanho também outras produtoras ou projetos. Crianças negras estou sempre olhando. Assim, perfis que tenham mesmo segmento que o meu, sempre que posso acompanho.

Nas entrevistas, esee é um ponto em comum, em que as crianças e mães contam como se conectaram a outras pessoas pela *internet* e como essas experiências foram importantes. Sobre isso, a mãe de Beatriz relata:

> [...] os pais que estão dispostos a ir atrás, por exemplo, muita gente vem até a mim ou conhece a Beatriz por isso, o filho sofreu uma situação de racismo na escola, ou não tô conseguindo lidar com o cabelo dele, não sei o que eu faço, ou não tô conseguindo lidar com algumas questões raciais na minha família, e vou procurar quem possa me ajudar.

O aquilombamento digital se torna uma ferramenta poderosa na disseminação de informações, na mobilização social e na amplificação de pautas de interesse comum. Além de possibilitar esses encontros, através dessa rede virtual que se organizam campanhas, protestos, iniciativas de conscientização e ações de empoderamento.

Sobre a dinâmica de interação entre crianças na rede, a mãe de Milton narra: “ele aprende muita coisa nesse processo, a realmente se reconhecer como criança preta, o lugar que ele ocupa na sociedade, vendo outras páginas e conteúdos. Ele tem gostado de se comunicar e conhecer outras pessoas”.

A representatividade para uma criança negra desempenha um papel crucial na construção de sua identidade e autoestima. Por intermédio da representação positiva e inclusiva, as crianças negras podem se sentir valorizadas, inspiradas e empoderadas. As falas da mãe de Milton trazem essa perspectiva em determinado momento:

> [...] acho que desde trabalhar a representatividade, a trazer formas lúdicas da gente trabalhar isso sabe, ações, formas da gente se munir, materiais que a gente pode usar, desenhos animados com personagens pretos. Através destas páginas eu vou descobrindo conteúdo, formas de abordar, ou então mostro para o Akin também, porque teve um momento que ele estava bem desanimado com o cabelo dele, aí eu comecei a mostrar outras crianças pretas, meninos pretos com cabelo Black Power.

O cabelo é um elemento altamente visível e proeminente do corpo humano. Em todos os grupos étnicos, ele possui características distintas, como visibilidade, crescimento, cores e texturas variadas, permitindo diversas técnicas de manipulação, sem depender necessariamente de tecnologias sofisticadas. No entanto, a forma como o cabelo é tratado, manipulado e sua simbologia diferem de uma cultura para

outra. Essa dualidade entre o caráter universal e particular do cabelo evidencia sua importância como um ícone identitário.

Ao abordarmos o corpo, inevitavelmente nos deparamos com os padrões de beleza. Embora cada grupo cultural defina a beleza de acordo com sua própria perspectiva, essa autonomia é parcial, uma vez que os padrões eurocêntricos de beleza ainda exercem influência e são considerados universais, enfatizando o equilíbrio de formas e proporções. Além do princípio universal de apreensão do mundo e conhecimento dos objetos pelos sentidos, ao longo da história, a partir do século XV desenvolveu-se um padrão hegemônico de beleza baseado na Europa colonial (FELIPE; FRANÇA, 2013).

Ao aplicarmos esse padrão eurocêntrico de beleza aos corpos, passamos por um processo rígido de classificação e hierarquização. A aparência física carrega significados associados a atributos negativos ou positivos. Esse ideal de beleza é considerado universal dentro da tradição europeia, mas, na realidade, foi socialmente construído em um contexto histórico, cultural e político específico, e, portanto, pode ser ressignificado pelos sujeitos sociais. Essa é a importância do debate sobre cultura negra e política étnico-racial no Brasil: ressignificar e construir representações positivas sobre as pessoas negras, sua história, cultura, corporeidade e estética (FELIPE; FRANÇA, 2013).

4. 4 O PODER DO ESPELHO: OS ENTRELACES ENTRE PESQUISADORA, PESQUISA E SUJEITOS

Eu, enquanto pessoa pesquisadora negra, que já fui criança negra e agora mãe, compartilho muitas das vivências dos/as participantes desta pesquisa. Ao pensar os objetivos, a metodologia, e os demais tópicos do trabalho, eu já carregava muitas suspeitas. Eu supunha, por exemplo, que seriam a maioria de mulheres as responsáveis pelas crianças e, como consta nos dados das participantes, são todas mulheres, todas mães, mulheres pretas.

Mulheres são, frequentemente, as principais responsáveis por garantir o bem-estar, a educação e o desenvolvimento saudável de seus filhos. As mães negras, em especial, enfrentam desafios diários e lutam para oferecer oportunidades e enfrentar

as adversidades que seus filhos possam enfrentar devido às questões raciais. As mães se apresentam como figuras centrais na vida das crianças negras. Têm um papel vital na formação da identidade racial de seus filhos/as, transmitindo histórias, ensinamentos e valores que fortalecem sua autoestima e resiliência diante do racismo estrutural (COLLINS, 2009).

Quanto à temática racial, imaginei que apareceria de maneira robusta na fala das/os entrevistadas/os, mesmo sem esse direcionamento, foi o que aconteceu. A raça é um fator central e inegável na vida das pessoas negras, permeando todas as suas relações, incluindo o maternar e as demais interações com o meio, e eu como mulher negra sei e sinto isso.

A análise das responsabilidades maternas e das experiências das mulheres negras pode ser compreendida dentro dos estudos de gênero, que buscam examinar as relações sociais, políticas e culturais entre homens e mulheres. Essa perspectiva analítica nos ajuda a entender como as questões de gênero se entrelaçam com outras dimensões da identidade, como raça e classe social. No caso das mães negras, as questões de gênero se entrelaçam com as questões raciais, gerando vivências específicas. As mulheres negras são confrontadas com estereótipos e preconceitos que as colocam em desvantagem, afetando suas experiências maternas. Elas podem ser alvo de discriminação racial e sexista, o que impacta diretamente sua vida cotidiana e as demandas de cuidado com seus filhos.

Os estudos de gênero também apontam a importância de reconhecer o trabalho de cuidado realizado pelas mulheres, especialmente pelas mães. Historicamente, esse trabalho tem sido invisibilizado e desvalorizado, enquanto as mulheres são esperadas a desempenhar múltiplos papéis, incluindo o cuidado dos filhos. Essa sobrecarga de responsabilidades afeta as oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional das mulheres.

Nesse contexto, as pesquisas de bell hooks e a educadora brasileira Luana Tolentino fornecem contribuições significativas. hooks (2013) aborda a necessidade de reconhecer e valorizar as experiências das mulheres negras, trazendo à tona a importância do cuidado consigo mesmas, da construção de comunidades de apoio e da luta contra o racismo e o sexismo. Suas reflexões sobre o papel da educação como prática de liberdade também ressoam na discussão sobre a maternidade negra.

Por sua vez, Tolentino (2019) traz à tona as experiências das mães negras e suas lutas por justiça racial. Ela destaca a importância de romper com os estereótipos negativos associados às mães negras e de criar espaços de afirmação e valorização da maternidade negra. A autora também enfatiza a necessidade de ensinar às crianças sobre a história e cultura negra, fortalecendo sua identidade e resistência.

Assim, ao considerar as vivências das mães negras e suas relações com a maternidade, é fundamental levar em conta as perspectivas de gênero e raça. Os estudos de gênero nos ajudam a compreender as dinâmicas de poder, as desigualdades estruturais e as lutas por emancipação que permeiam essas experiências.

Nesse lugar de encontros, de identificação e representatividade, pudemos nos ver no espelho umas das outras, às vezes, explicitamente, como na entrevista da mãe de Alberto, quando ela diz: “bom, você com certeza entende o que estou falando!”; e, às vezes, apenas com aqueles olhares cumplices que, só quem é, sabe, como relato nas anotações dos cadernos de campo.

Muitos elementos se entrelaçam. O olhar de aprovação e o sorriso das crianças, ao verem uma pesquisadora negra, o conforto das mães negras ao dialogar com uma pesquisadora negra, a minha dor ao ouvir os receios das mães e inocência das crianças, ao abordar o racismo. São narrativas de amor e luta que me sinto honrada em ouvir e compartilhar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa foi um processo desafiador. Ainda trilhando o início da jornada acadêmica, alguns equívocos certamente se apresentam, mas a possibilidade de falar sobre uma temática que me convoca, foi uma experiência extraordinária.

Tivemos como objetivo, através da pesquisa, analisar as pedagogias culturais que envolvem as crianças negras e a educação pelas mídias digitais. Os objetivos específicos foram: propor discussões sobre educação e mídias digitais considerando a perspectiva das crianças negras; identificar elementos que ilustrem como se dá a educação pelas redes sociais, em especial pelo *Instagram*, por meio do levantamento de publicações e conhecer narrativas de crianças negras que criam conteúdo para o *Instagram* e a visão de suas famílias sobre estas vivências, a fim de refletir sobre os impactos desse conteúdo em seus processos educativos.

Por meio das análises, pudemos atingir nosso objetivo geral e compreender como as crianças negras utilizam as mídias digitais como ferramenta de aprendizado e expressão, evidenciando suas perspectivas e vivências.

Quanto aos objetivos específicos, no que diz respeito ao primeiro objetivo, de propor discussões sobre educação e mídias digitais, considerando a perspectiva das crianças negras, alcançamos esse propósito trazendo reflexões fundamentadas sobre infâncias, mídias e racismo, e lançando questionamentos atravessados pela perspectiva das infâncias. Quanto ao segundo objetivo específico, de identificar elementos que ilustrem como se dá a educação pelas redes sociais, especificamente pelo *Instagram*, conseguimos perceber alguns elementos ao examinar publicações e narrativas presentes nesta plataforma. Em relação ao terceiro objetivo, de conhecer as narrativas das crianças negras, obtivemos êxito ao realizar entrevistas com as crianças e seus familiares. A partir dessas entrevistas, foi possível compreender mais profundamente o impacto desse conteúdo em seus processos educativos, bem como a percepção das famílias em relação às atividades digitais das crianças

Neste momento de considerações finais, reforço a necessidade de uma reflexão crítica sobre a educação racial das crianças no contexto das mídias digitais. A análise realizada revelou a persistência de estratégias de subalternização do negro nas redes sociais, evidenciando a existência de ações que reproduzem estereótipos

raciais e perpetuam desigualdades. No entanto, constatamos também um movimento significativo protagonizado pelas próprias crianças, que têm encontrado formas de usar a plataforma ao seu favor, aprendendo com crianças negras e, por sua vez, ensinando.

É inegável que as mídias digitais desempenham um papel relevante na formação das crianças e na construção de suas identidades. No contexto da educação racial, a *internet* tem o potencial de ampliar o acesso a narrativas e experiências diversas, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e promovendo a valorização da diversidade racial. No entanto, a presença de conteúdos discriminatórios e estereotipados representa um desafio a ser enfrentado.

A promoção de conteúdos que valorizem a representatividade e o respeito à diversidade é essencial para que as crianças encontrem modelos positivos e se reconheçam como sujeitos capazes de aprender, ensinar e contribuir para um mundo mais justo e igualitário.

Além disso, é necessário estimular a participação ativa das crianças na produção de conteúdo, encorajando-as a compartilhar suas vivências, conhecimentos e perspectivas. Ao se tornarem agentes de transformação nas redes sociais, as crianças negras podem se empoderar e influenciar positivamente outras crianças, promovendo a valorização da diversidade e a desconstrução de estereótipos raciais arraigados na sociedade.

Diante disso, conclui-se que a educação racial das crianças, por meio da mídia digital, é um desafio complexo, mas também uma oportunidade de transformação. Ainda há muito a ser feito para enfrentar as estratégias de manutenção do racismo, mas é encorajador constatar que as crianças estão encontrando formas de se apropriar das plataformas, utilizando o sistema a seu favor e promovendo uma educação mais inclusiva e consciente.

É necessário um esforço coletivo para incentivar a produção e o compartilhamento de conteúdos educativos que valorizem a diversidade racial, fortalecendo a identidade e a autoestima das crianças negras. Somente assim poderemos construir uma sociedade na qual todas as crianças possam se desenvolver plenamente, respeitando e valorizando suas diferenças.

A presença de conteúdos discriminatórios e a falta de representatividade adequada são desafios que precisam ser enfrentados para garantir que as crianças, especialmente as negras, sejam expostas a narrativas e imagens que as valorize.

Essa participação ativa das crianças na produção de conteúdo também é uma forma de estimular o protagonismo infantil, permitindo que elas se sintam representadas e reconhecidas como sujeitos capazes de contribuir para um mundo mais justo e igualitário. Ao permitir que as crianças compartilhem suas vivências e perspectivas, estaremos promovendo uma educação mais inclusiva, que valoriza a diversidade e fortalece a autoestima das crianças negras.

No entanto, é importante ressaltar que a responsabilidade de promover uma educação antirracista e consciente não deve recair apenas sobre as crianças, até porque estão iniciando seus repertórios de vida. Nesse sentido, é fundamental que mães, pais, educadores/as e sociedade em geral estejam atentos aos conteúdos consumidos e compartilhados, promovendo um olhar crítico e proporcionando discussões sobre a importância da representatividade e do respeito às diferenças.

É preciso que as instituições de ensino, os formuladores de políticas públicas e a mídia como um todo estejam engajados nesse processo, criando espaços e oportunidades para que as vozes das crianças negras sejam ouvidas e valorizadas.

A presente pesquisa contribui para ampliar o conhecimento sobre as pedagogias culturais das crianças negras nas mídias digitais, destacando a importância de uma abordagem crítica e reflexiva nesse contexto. As reflexões e os resultados apresentados constituem um ponto de partida para futuras investigações e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis às questões raciais no âmbito das mídias digitais.

A educação antirracista é um farol a guiar nossas trajetórias. É por meio desta jornada conjunta, em que cuidadoras/es, educadoras/es e a sociedade como um todo caminham lado a lado, que erguemos pontes sobre os abismos que separam as experiências e culturas. Ao valorizarmos as diferenças e proporcionarmos um espaço de representatividade, cultivamos o florescer de identidades plenas, empoderando as crianças e iluminando trilhas de autenticidade. No palco virtual, elas protagonizam uma sinfonia de possibilidades, transmitindo harmonias ancestrais que abrem caminhos para construção de belíssimos futuros.

REFERÊNCIAS

ABDIAS DO NASCIMENTO. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Abdias_do_Nascimento&oldid=64078044>. Acesso em: 5 set. 2022.

AGÊNCIA BRASIL. **Brasil ainda tem 3,5 milhões de pessoas sem acesso à internet.** Disponível em:< https://www.poder360.com.br/tecnologia/brasil-ainda-tem-355-milhoes-de-pessoas-sem-acesso-a-internet/> Acesso em 8 jul. 2022.

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Diversidade, preconceito e discriminação. In: LOPES, M. J. M.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Dicionário da educação profissional em saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2018.

ALVES, Sarah. **Redes sociais**. Tilt. 2021. Disponível em: < https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/04/20/por-que-a-criacao-do-instagram-para-menores-de-13-anos-e-alvo-de-protestos.htm?cmpid=copiaecola >. Acesso em: 13 jul. 2022.

APPLE Inc. Sobre a Apple - Visão Geral da Empresa. Disponível em: https://www.apple.com/br/about/. Acesso em: 18 nov. 2022.

APPLE. App Store. (2021) Disponível em: https://www.apple.com/br/app-store/. Acesso em: 18 nov. 2022.

APPLE. iPhone. Disponível em: https://www.apple.com/iphone/. Acesso em: 18 nov. 2022.

ARAUJO, Débora Cristina de. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil** 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2010.

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSIS, Machado de. Comentários da semana. Publicado originalmente o 'Diário do Rio de Janeiro', Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1861. In:_____.**Obra Completa**. Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson,1938.

BARCELOS, Gilmara Teixeira; PASSERINO, Liliana Maria; BEHAR, Patrícia Alejandra. Redes sociais e comunidades: definições, classificações e relações. **CINTED-UFRGS, Novas Tecnologias na Educação**, v. 8, n. 2, jul. 2010.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASTOS, Elide Rugai; SADER, Emir. **Alberto Guerreiro Ramos**: Vida e Obra. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade:** Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2018.

BOWLBY, John. **Trilogia Apego e Perda**. Vol. 1: Apego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRASIL. **Ministério da Educação** (MEC). Dados divulgados em: http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/180-estudantes-108009469/pos-graduacao-500454045/2583-sp-2021081601. Acesso: 21 de ago. 2021.

CARLSSON, Vila e FEILITZEN, TABACOW, L. S. **Contribuições da neurociência cognitiva para a formação de professores e pedagogos**. Campinas: PUC Campinas, 2006.

CAROLINA MARIA DE JESUS. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022.Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carolina_Maria_de_Jesus&oldid=64346485>. Acesso em: 5 set. 2022.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, pre-conceito e discriminação na educação infantil. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa.. **Cabelos Crespos em Movimento(s): Infância e Relações Étnico-Raciais**. 2020. 194 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2020.

CNN BRASIL. Brasil tem mais smartphones que habitantes, aponta FGV. CNN Brasil, [2022]. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/economia/brasil-tem-mais-smartphones-que-habitantes-aponta-fgv/. Acesso em: 13 nov. 2022.

CODING RIGHTS. **Embelezar ou embranquecer**: filtros e algoritmos de IA no Instagram URL: https://medium.com/codingrights/embelezar-ou-embranquecer-201fc741257b. Acesso em: 02 dez. 2022.

COSTA, Luis Antônio. História do celular e smartphone. **Showmetech**, [S.l.], 2020. Disponível em: https://www.showmetech.com.br/historia-do-celular-e-smartphone/. Acesso em: 18 mai. 2022.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** e outras interinvenções. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

COUTO, Mia. **Pensatempos**: textos de opinião. Lisboa: Editorial Caminhos, 2005.

DAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

DAVIDSON, R.J.; BEGLEY, S. O cérebro plástico. In: DAVIDSON, R.J.; BEGLEY, S. **O estilo emocional do cérebro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

DIOGO, Rosalia Estelita Gregório. **Negros e negras na publicidade televisiva: na ótica das educadoras negras da rede municipal de educação de Belo Horizonte.** 2005. 95f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2005.

FELIPE, Delton Aparecido; FRANÇA, Fabiane Freire. Pedagogias culturais da corporeidade negra em revista. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2013.

FERREIRA, Levi Kaike. **Racismo Algorítimico não é apenas sobre engajamento nas redes sociais.** 2020. Disponível em: < https://mundonegro.inf.br/racismo-algoritmico-nao-e-apenas-sobre-engajamento-nas-redes-sociais/ > Acesso em: 8 jul. 2022.

FERREIRA, Ricardo Frankllin; CAMARGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, 2011.

FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. Morfologias da infância escrava: Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX. In: FLORENTINO, M. (Org.). **Tráfico, cativeiro e liberdade**. Rio de Janeiro, séculos XVII-XIX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2022. São Paulo: FBSP, 2022. Disponível em:<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf> . Acesso em: 03 jul. 2021.

GELDES. **E não sou uma mulher?** – Sojourner Truth. 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/ >. Acesso em: 8 jul. 2022.

GIANTOMASO, Isabela. Instagram: relembre as maiores mudanças da rede social de foto. **Techtudo**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/04/instagram-relembre-as-maiores-mudancas-da-rede-social-de-foto.ghtml>. Acesso em: 12 jul. 2022.

GLOBALWEBINDEX. Disponível em: https://www.globalwebindex.com/. Acesso em: 18 nov. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a Raiz**: Corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e subjetividade:** uma aproximação histórico-cultural. Trad. Raquel Souza Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GUERREIRO RAMOS. In: **WIKIPÉDIA,** a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Guerreiro_Ramos&oldid=63856775>. Acesso em: 24 jun. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. 2. rev. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

hooks, bell. **Anseios:** Raça, Gênero e Política Cultural. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Editora Record, 2001.

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir:** a Educação como prática de liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

IG TECNOLOGIA. 19% dos brasileiros não têm acesso à internet; número de usuários cresceu. 2021. Disponível em: < https://tecnologia.ig.com.br/2021-08-18/brasil-acesso-internet.html > Acesso em: 12 jul. 2022.

INSTAGRAM. (2021). "Filtros". Disponível em: https://www.instagram.com/about/filters/. Acesso em: 20 nov. 2022.

KOHAN, Walter O. **Infância**. Entre educação e filosofia**.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

Lacerda, Alexandre. **Diversidade na educação:** conceitos, políticas e práticas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

LÉLIA GONZALEZ. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=L%C3%A9lia_Gonzalez&oldid=64071873 >. Acesso em: 25 jul. 2022.

LEMOS, André. **Mídias locativas**: Estudos das margens das redes móveis. Salvador: EDUFBA, 2018.

LEMOS, André. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. Porto Alegre: Sulina, 2018.

LISBOA, Alveni. Para que servem as Hashtags no Instagram? **Canaltech**. Disponível em:<https://t.ctcdn.com.br/Jr3pUCJwvgV7vVu3SB5B4ARxmE=/720x405/smart/filters:format(webp)/i564731.jpeg>. Acesso em: 9 set. 2022.

LIVINGSTONE, Sonia; HOLDEN, Katharine J.; BOVILL, Moira. **As crianças e o ambiente**

LOUREIRO, Rodrigo. Instagram pode mudar algoritmo da rede social após relatos de racismo. (2020). **Exame**. Disponível em:< https://exame.com/tecnologia/instagram-

pode-mudar-algoritmo-da-rede-social-apos-relatos-de-racismo/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MACHADO, Lia Zanotta. **Psicologia Social e Cultura**: Teorias, Métodos e Práticas. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARIA BEATRIZ NASCIMENTO. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Maria_Beatriz_Nascimento&oldid=62373450>. Acesso em: 5 set. 2022.

MARTINS, Ilton Cesar. **O racismo nas redes sociais:** o mundo virtual é feito por pessoas de carne e osso. Disponível em:< http://www.vvale.com.br/geral/racismo-redes-sociais> Acesso em :12 set. 2022

MELTWATER. Disponível em: https://www.meltwater.com/. Acesso em: 10 jul. 2023.

MILTON SANTOS. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Milton_Santos&oldid=63745928>. Acesso em: 5 set. 2022.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais**. Cronos: R. Pós-Grad. Cl. Soc**. UFRN, Natal, v.12, n.12, p.09-22, jul./dez. 2011.

MLABS. Como usar hashtag no Instagram? 2020. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/como-usar-hashtag-no-instagram >. Acesso em Jul. 2022.

MONTESSORI, Maria. **Da Infância à Adolescência**. Trad. Sonia Maria Alvarenga. Rio de Janeiro, RJ: ZTG Editora, 2006

MORAIS, Yasmim. **Digital influencers denunciam racismo algoritimo no Instagram**. 2020. Disponível em: https://negre.com.br/digital-influencers-denunciam-racismo-algoritmico-do-instagram/. Acesso em: 8 Jul. 2022.

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. **Educ. Soc.,** Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1203-1235, dezembro 2003

MOURA, C. L. (2020). Cultura afro-brasileira e educação antirracista: desafios e possibilidades. **Revista da ABPN**, v.12, n.29, p. 92-107.

MWAMWENDA, T. S.**.** Psicologia Educacional – Uma perspectiva africana. Maputo: Texto Editores. NEUSA SANTOS SOUZA. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Neusa_Santos_Souza&oldid=63291261>. Acesso em: 5 set. 2022.

NUNES, Rosemeri Coelho. **Mídias aplicadas na educação e AVEA.** 2. ed. rev. Florianópolis: IFSC, 2013.

O'CONNELL, A.; RUSSO, N. . **Modelos de conquista**: reflexões de mulheres eminentes na psicologia. Nova York: Columbia University Press, 1983.

OSHIRO, Ariane. **Clínica Ser Luz**. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/clinicaserluz/posts/4734927749903360/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

P.I.M.E. (2009, Junho). Criança [Editorial]. **Revista Mundo e Missão**, n.15, v.5, p 5-15.

PACHECO, Elza Dias. **Televisão, criança, imaginário e educação:** Dilemas e Diálogos. Campinas: Papirus, 1998.

PASSERO, Isaldete Ribeiro Silva**. Diversidade étnico-racial: uma releitura do estereótipo da mulher negra em textos publicitários.** 2018. 117f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Mato Grosso, Sinop, 2018.

PEIXOTO, J**.** Tecnologia e mediação pedagógica: perspectivas investigativas. In: ASSAR, M. C. M.; SILVA, F. de C. T. (Org.). **Educação e pesquisa no Centro-Oeste**: políticas públicas e formação humana. Campo Grande: UFMS, 2012, vol. 1, p. 283-294.

PONTE, Cristina. Lisboa (Portugal). Entrevista. 19 mai. 2016.

PRETTO, Nelson De Luca. **Educações, Culturas e Hackers:** escritos e reflexões. Salvador, Bahia: Edufba, 2017.

RODRIGUES, Jonathan. **O que são Redes Sociais?** Saiba tudo sobre Instagram, Linkedin, Facebook e mais. Disponível em: < https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais/> Acesso em 18 ago. 2022.

ROSSI, Natália Martins. **Estresse Tóxico na Infância:** Impactos no desenvolvimento e intervenção psicoterapêutica. São Paulo: Vetor Editora, 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de Imagens.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul:** Justiça contra o Epistemicídio. Nova York: Routledge, 2014.

SANTOS, Elisama**. Educar fala muito sobre nós** [...] 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/elisamasantosc/photos/a.405218876352935/1025563490985134/?type=3> Acesso em: 2 jul. 2022.

SANTOS, Jussara Nascimento dos. **Infância negra e mídias digitais: uma análise de canais do *youtube* realizados por meninas negras.** 2018. 212 f. Tese

(Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Paulo, 2018.

SARMENTO, Manoel José Jacinto. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceptuais e praxeológicos. In: R. T. Ens e M. Garanhani (Orgs.). **Sociologia da infância e a formação de professores.** Curitiba, PR: Champagnat Editora, 2013, p. 13-46.

SARMENTO, Manoel José Jacinto. **Gerações e Alteridade**: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educação & Sociedade**. CEDES, 2005.

SARMENTO, Manoel José Jacinto. **Visibilidade Social e Estudo da Infância**. In: V. M. R. Vasconcellos, Vera M. R., M. J. Sarmento (Orgs.). **Infância (in)Visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

SARMENTO, Manuel. A Reinvenção do Ofício de Criança e de Aluno. **Atos de Pesquisa em Educação**, FURB, Blumenau, v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez., 2011. Disponível em: <www.furb.br>. Acesso em: 25 ago. 2022.

SHOWMETECH. **História do celular e smartphone**. Disponível em: https://www.showmetech.com.br/historia-do-celular-e-smartphone/. Acesso em: 18 maio. 2023.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Branqueamento e branquitude no Brasil.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves**. Entre Brasil e África:** construindo conhecimento e militância. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

SOUSA, Agnaldo Afonso de. **Narrativas de negros na tv**: o que dizem as crianças? 2009. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Belo Horizonte (UFMG), Belo Horizonte, 2009.

SOUZA, Karina. Aquilombamento, tecnologia ancestral preta. **Efigênias**. Disponível em:< https://www.efigenias.com.br/2022/07/aquilombamento.html>. Acesso em: 10 abr.2023.

TAPSCOTT, D. **Geração Digital:** A crescente e irreversível ascensão da Geração Net. São Paulo: Makron Books, 1999.

TAVARES, Maria Paula Castro. O impacto da publicidade na infância e na adolescência: reflexões e desafios. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v.11, n. 30, p. 139-159, set./dez., 2014.

THE INTERCEPT BRASIL. **Censura Invisível.** Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/16/tiktok-censurou-rostos-feios-e-favelas-para-atrair-novos-usuarios/>. Acesso em: 8 jul. 2022.

TOLENTINO, Luana. **A mãe preta**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2019.

TRAMA. Racismo algorítmico: os impactos no marketing de influência. (2021). Disponível em:<https://www.tramaweb.com.br/racismo-algoritmico-mkt-influencia/>. Acesso em:10 abr. 2023.

UNICEF. Situação mundial da infância - 2020. Brasília (DF): Escritório da Representação do UNICEF no Brasil, 2020.

VAIANO, Bruno. **O experimento psicológico com bonecas que venceu a segregação racial nos EUA.** 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-experimento-psicologico-com-bonecas-que-venceu-a-segregacao-racial-nos-eua/> Acesso em: 8 jul. 2022.

VALENTE, Jonas. Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa. **Agência Brasil**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/04/instagram-relembre-as-maiores-mudancas-da-rede-social-de-foto.ghtml>. Acesso em: 12 jul. 2022.

VEEN, W. e VRAKKING, B. **Homo Zappiens:** educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VIERA, Kaue. Como o racismo algoritmo se vale da ausência de negros na tecnologia. **Hypeness**. 2019. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/08/como-o-racismo-algoritmo-se-vale-da-ausencia-de-negros-na-tecnologia/> Acesso em: 2 jul. 2022.

VOLPATO, Bruno. **Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2022**. Disponível em: < https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> Acesso em: 10 jul. 2022.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WE ARE SOCIAL. Disponível em: https://wearesocial.com/. Acesso em: 24 jun. 2023.

WINNICOTT, Donald Woods **Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil**. Trad. Joseti Marques Xisto Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanete Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

ZANINI, Marilha Condé Coelho. Assistir, ouvir, ler e narrar**:** o papel da mídia nas construções identitárias étnicas. **Revista De Antropologia**, 2005, v.48, n.2, p.699-736.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

- **Entrevista com Abdias – 11 anos**

1. Quais perfis no *Instagram* você acompanha?

Eu gosto de perfis de jogos, moda, empoderamento kids, fotografia, desfiles.

2. Quais seus perfis favoritos?

Ah, acho que 3 tipos. De jogos, moda e fotografia. De jogos eu gosto do Flakes Power. De moda, tem o Diego Rodrigues, eu já tirei foto com ele. E de fotografia o Tio Beto, sempre que tem eventos no shopping ele que tira as fotos e faz os vídeos.

3. O que te chama atenção nestes perfis?

Os de jogos é por causa que fala de jogo né, e eu jogo e tal. Os de moda é porque, como que fala, é porque tem as roupas bonitas, estilosas e tal. E de fotografia porque eu amo participar de tirar foto.

4. Como surgiu a ideia de fazer seu perfil?

Foi a amiga da faculdade da minha mãe que chegou nela e perguntou por que ela não tinha feito um perfil ainda pra mim, por causa dos meus olhos azuis que ela achava bonito e outras pessoas também. Aí quem tava gerenciando e ensinou minha mãe tudo foi a amiga dela. Por alguns meses e anos a amiga dela que tava e depois ensinou ela. O perfil ficou maior por causa da foto com a Gio Ewbank, um dia eu fui num desfile e ela estava lá tirando foto com os fãs dela. Aí ela me chamou e disse: olha o genro do Bruno Gagliasso. Ela tirou a foto e postou, aí no outro dia subiu o número de seguidores, eu tinha uns 3000 e foi pra 20000 seguidores. Minha mãe estranhou até, achou que era alguma coisa que tava errada, depois ela viu que era foto.

5. Como se sente ao produzir conteúdo para o *Instagram*?

Me sinto leve, feliz, sinto que eu tô fazendo as pessoas sorrirem, assim, as crianças da minha pele se desenvolverem, a expandir, tal.

6. Quais temas ou assuntos você compartilha no seu perfil?

Ó, no meu perfil tem mais moda, fotografia e cabelo. Cabelo crespo e cacheado. Mais imagens, *reels* minha mãe às vezes fala pra eu fazer, fazer uma dancinha, mas eu não gosto.

7. Quanto tempo você se dedica à produção destes conteúdos?

Não tem bem um tempo. Por exemplo, se vamos falar sobre hidratação do cabelo e tal, vai uma hora mais ou menos, porque é tudo minha mãe que faz. Conforme surgem as coisas. Eu não fico muito no *instagram*, primeiramente faço as coisas dentro de caso, depois jogo, saio, estudo.

8. Você acredita que é possível aprender algo no *Instagram*? O quê? Pode nos citar algum exemplo?

Sim, dá para aprender várias coisas. Eu mesmo me desenvolvi, a falar mais e tal, para o público. Antes era muito tímido, sempre que via uma pessoa que vinha falar comigo, me escondia atrás da minha mãe. Agora respondo, falo: oi, tudo bem! E me comunico bem melhor.

9. Você acredita que aprendeu algo ao acompanhar algum perfil no *Instagram*? Se sim, pode nos relatar?

Foi respondida na questão anterior.

10. Quais as experiências você pode nos relatar com a produção de conteúdo para o seu perfil?

Assim, eu já sofri preconceito. Um dia eu tava em uma festa do pijama, minha mãe me deixou lá. Como tinha cama elástica e tal, todo mundo brincando. Aí tinha uma menina lá, ela tava sozinha eu chamei ela pra brincar, e ela falou: não quero brincar com você não preto! Aí eu fiquei magoado, fiquei lá no canto. Mas na rede social eu tive experiências boas, fiz propaganda, já viajei, conheci outras pessoas, por causa do Instagram.

Anotações do caderno de campo[33]: Sobre a entrevista - Abdias trabalha como modelo, faz fotos para eventos. Estava muito disponível para entrevista, sorria o tempo todo durante a conversa. Fez a entrevista sem a mãe, que ficou aguardando em outro espaço no cômodo, organização decidida por eles. Quando falava dos trabalhos e coisas que já tinha feito parecia muito orgulhoso de si. ***Sobre o perfil do Instagram*** *(observação das publicações recentes)* - Perfil voltado para divulgação de marcas através de fotos e vídeos. Há postagens que remetem a cultura e a estética afro, como valorização do cabelo. Não há postagens recentes abordando a temática racial especificamente com conteúdo.

- **Entrevista com a responsável por Abdias**

1. Como foi o processo de criação do perfil da criança no *Instagram*?

Então, Luiz sempre chamou bastante atenção. Mas eu não era ligada a rede social. Quando eu ingressei na faculdade eu o levava porque não tinha com quem deixar, daí uma amiga de lá começou a me incentivar a abrir um perfil pra ele, fazer umas fotos e tal. Eu não sabia mexer muito bem, ela mesma fez o perfil e me deu a senha. Comecei a tirar umas fotos básicas com meu celular, a resolução era péssima e eu não entendia nada do assunto. Era de vez em quando só que eu postava. Tinha umas quatro ou cinco fotos só. Aí incentivaram eu colocar ele numa agência, coloquei. Um dia faltou uma criança e ele foi encaixado pra um desfile, uma correria, muita gente e eu meio perdida ainda. Foram tirar fotos e no outro dia eu vi a foto dele em várias páginas na internet, com a Gio, e assim a gente começou. Aprendi na marra a lidar com Instagram, com redes sociais.

2. Você percebeu alguma mudança de comportamento ou manifestação emocional após a criação do perfil? Se sim, qual(is)?

Falando em redes sociais, estar no meio de pessoas que a gente não sabe quem é que está do outro lado da tela, sabemos que tem a parte boa e a parte ruim. Tivemos

[33] Caderno de campo é onde anotamos observações e constatações que foram realizadas pela pesquisadora envolvendo as entrevistas e a observação dos perfis.

muitos frutos bons, graças a Deus. Abdias se desenvolveu muito na questão da fala, só ficava atrás de mim, ele não queria falar, não queria sair nem interagir com outras crianças. E a partir do momento que a gente começou nesse caminho, ele passou a se abrir, a falar, se desenvolver, comecei a buscar ajuda de profissionais como fono, coloquei no teatro, mas foi tudo através do Instagram, que me abriu assim um mundo que meu filho poderia ter, que não tinha só aquilo ali para oferecer a ele. E as partes negativas, o preconceito, como esse ambiente que ele contou, foi numa festa do pijama com digitais influencers. Ele nunca tinha dormido fora de casa, longe do pai e de mim. E aconteceu isso. As meninas que trabalhavam no local acolheram ele e tal. E ele não quis contar, só soube um mês depois. Isso é comum nesse meio. Não aconteceu de termos nenhum comentário racista em foto, vídeo, nas redes. Mas acontece, quando você faz matéria, um trabalho que envolve crianças com a pele mais clara, a gente vê nitidamente que existe aquela divisão, elas ficam mais juntas entre si, o grupo fica mais na frente, a propaganda passa mais tempo dessas crianças. Mas eu sempre trabalho isso com ele, desde pequeno, por conta dos olhos dele que chamam bastante atenção. As primeiras situações de racismo e preconceito aconteceram já dentro da escola, então sempre trabalhei essa questão com ele, da pele dele. Trouxe nossa árvore genealógica toda para ele conhecer. Então antes do Instagram já tínhamos esse cuidado. Uma vez um coleguinha da sala disse que ele não podia ter olho azul, porque ele era preto, não branco, que ele tinha que se pintar de branco. [Abdias interrompe a entrevista da mãe e diz: lembra que nesse dia, no carro, na volta eu perguntei: mamãe, eu posso me pintar de branco?]. Ele tinha uns três anos. Então eu comecei a estudar, a ler mais sobre isso. Porque a gente fica sem saber o que fazer nas primeiras vezes. Comecei a trabalhar com ele, você é lindo, sua cor é linda. E também através desse primeiro preconceito, veio a questão do cabelo dele também. Porque em casa minha mãe, que também é negra, sempre teve o cabelo alisado. Eu também não sabia muito bem lidar com o meu, porque alisava o cabelo desde criança. Foi aí que eu deixei o cabelo dele crescer, natural, para entender que ele era bonito daquele jeito, para ele se conhecer. E hoje ele faz isso através do perfil dele, pra outras crianças.

3. Você acompanha outros perfis infantis no *Instagram*? Quais?

Sim. Procuro seguir crianças negras. Crianças que falam de empoderamento negro, de cabelo, pele. Sempre procuro trazer pra ele, mostrando, olha que lindo filho, olha isso que legal. Sempre que ele está no Instagram eu tô junto, que eu que gerencio. Às vezes nos sentamos juntos para responder os comentários.

4. Considera que os perfis infantis têm um potencial educativo? Por quê?

Tem muitos que sim. Que tem um conteúdo bem legal, de empoderamento, ou de linguagem, tem de mães solo, de maternidade, que ensinam muitos assuntos. Tem perfis que são bem legais.

5. Você acha seu/sua filho/filha tem aprendido com este processo de criar conteúdo para internet?

Além da questão da fala, que já comentei, também tem outras questões, como música, ele gosta muito de aprender, dos instrumentos, ele vê outras crianças tocando, fica interessado. Aulas de inglês, tem crianças que divulgam, né. Crianças de outros estados, com outros sotaques, ele quer saber, conhecer. Eu acho essa troca muito bacana! A questão é você ter um perfil que você administre e fique sempre de olho, quem está te seguindo, quem você segue e tal. Para que seu filho não veja coisas que não é pra ele, pra idade dele. E a comunicação dele, que pra mim foi o que mais melhorou.

6. Quanto tempo a criança se dedica a produção de conteúdo no *Instagram*?

Não tem um tempo fixo. Ele passa pelo Instagram, vê o que gosta, quando tem que postar algo, tem o tempo de criar conteúdo, assim vai. Mas tudo sob a minha supervisão.

7. Como se dá a dinâmica de gestão do perfil e escolha do conteúdo?

Normalmente eu faço uma planilha, quinzenal ou por semana com o que vamos gravar e quando vamos postar. Ele estuda de manhã, então nos programamos para tarde. Eu tento deixar muita coisa já pensada para não ficar muito tempo com ele nisso, senão acaba ficando uma coisa cansativa e chata pra ele. Se for foto, ele fotografa o dia todo sem reclamar, ele gosta muito, foto e passarela. Mas a questão mesmo de

fazer um vídeo, um reels, fazemos um por semana, ou a cada quinze dias. Eu levo uma ideia pra ele, a gente conversa e decide.

***Anotações do caderno de campo**:* A mãe de Abdias também se apresentou bastante disponível para a nossa conversa. Em alguns momentos dizia expressões como: bom, você sabe como é. né? Você entende,né? Relacionado a algum assunto ligado à questão racial.

- **Entrevista com Neusa – 07 anos**

1. Quais perfis no *Instagram* você acompanha?
Eu gosto da Ana curiosa, do Ebam kids, da Clarinha de São Paulo e da Duda Pimenta.

2. Quais seus perfis favoritos?
Acho que a Ana curiosa, o Ebam kids e a Clarinha.

3. O que te chama atenção nestes perfis?
Hum, ter a ver comigo e meus gostos. Ter representatividade.

4. Como surgiu a ideia de fazer seu perfil?
Minha mãe criou por causa dos meus trabalhos. Para ter perfil, para trabalho de agência.

5. Como se sente ao produzir conteúdo para o *Instagram*?
Eu gosto muito, fico feliz em tirar fotos, gosto bastante de fazer vídeos, adoro falar com as pessoas. Às vezes não tenho vontade de produzir conteúdo porque estou cansada ou irritada. [A mãe complementou: Ela gosta de fazer as coisas no seu tempo e ter que manter uma frequência acaba sendo um pouco cansativo as vezes].

6. Quais temas ou assuntos você compartilha no seu perfil?

Compartilho sobre o meu dia a dia, tiro bastante fotos, posto vídeos dançando, arrumando o cabelo. Posto fotos de publis de lojas, faço lives. Assuntos sobre empoderamento.

7. Quanto tempo você se dedica à produção destes conteúdos?

Ah, é mais quando não tenho aula, e quando tenho algum trabalho, uma foto.

8. Você acredita que é possível aprender algo no *Instagram*? O quê? Pode nos citar algum exemplo?

Sim. Você aprende a ter empoderamento. Teve um dia na escola que eu defendi um menino, um aluno. Foi pelo empoderamento que eu sabia falar sobre as diferenças das pessoas, dizendo que cada pessoa é diferente da outra, cada uma tem uma cor de pele, alguns tem cabelo loiro, alguns tem cabelo preto, crespo, liso, de vários tipos.

9. Você acredita que aprendeu algo ao acompanhar algum perfil no *Instagram*? Se sim, pode nos relatar?

Sim, aprendi muitas coisas. Eu me sinto tranquila, sinto mais segurança, me sinto incentivada.

10. Quais as experiências você pode nos relatar com a produção de conteúdo para o seu perfil?

Hum, não tô lembrando. [A mãe relata: No geral as experiências são boas. Uma marcante foi uma publicidade para a empresa Dove, para o produto Dove Man Care, onde buscaram crianças negras que tivesse o pai também negro, nós precisamos viajar para São Paulo para a seleção e ela e o pai foram selecionados para gravar. Uma experiência negativa foi de um comentário em que uma criança disse que ela só conseguiu chegar onde chegou e a conquistar visibilidade no perfil por conta do pai, que ganhou uma edição de um programa musical e por ser backing vocal de uma cantora famosa. Que só alcançou o que alcançou pelo pai ser famoso/ter contato com uma pessoa pública muito famosa, por ela não era bonita].

Anotações do caderno de campo**: **Sobre a entrevista - Neusa parecia um pouco tímida, foi entrevistada ao lado da mãe e em alguns momentos olhava para ela, como

se pedindo complementação a sua fala. Foi bastante simpática e não aparentou desconforto com nenhuma pergunta**. *Sobre o perfil do Instagram*** *(observação das publicações recentes)* - Perfil com várias postagens trazendo especificamente a temática racial, tanto em vídeos, quanto em legendas e hashtags. Várias postagens tratamento sobre empoderamento negro e conscientização do racismo. Alguns trabalhos para marcas como ensaios e propagandas.

- **Entrevista a responsável por Neusa**

1. Como foi o processo de criação do perfil da criança no *Instagram*?

De início o intuito do perfil era apenas para postar fotos. Houve muito incentivo das pessoas, por conta da sua beleza, em procurar uma agência para se tornar modelo, mas por medo eu não tive interesse. Depois de 4 anos tomei coragem e procurei uma agência. Após ter sido agenciada foram surgindo alguns trabalhos no mercado publicitário, como comerciais, publis de empresas, o que a motivou a continuar.

2. Você percebeu alguma mudança de comportamento ou manifestação emocional após a criação do perfil? Se sim, qual(is)?

Sim, percebi que ela ficou mais autoconfiante, mais segura.

3. Você acompanha outros perfis infantis no *Instagram*? Quais?

Eu acompanho a Cecília Alcântara e Clarinha, gosto bastante.

4. Considera que os perfis infantis têm um potencial educativo? Por quê?

Não muito. Na verdade, entre os que ela acompanha sim, mas de modo geral não são todos. A gente vê muitos perfis buscando mais visualizações com conteúdo que engajam, como dancinhas ou *trends* que estão em alta e nem sempre são adequadas para crianças ou tem algum objetivo legal.

5. Você acha seu/sua filho/filha tem aprendido com este processo de criar conteúdo para internet?

Aprende diariamente através da representatividade a se empoderar, que ela tem o seu espaço, que crianças como ela também conseguem ir longe, que são talentosas.

6. Quanto tempo a criança se dedica a produção de conteúdo no *Instagram*?

Geralmente os conteúdos são produzidos aos domingos, pois é quando ela tem mais tempo livre, não tem aula e está mais descansada. Juntas alimentamos um calendário com as publicações do mês que serão postadas.

7. Como se dá a dinâmica de gestão do perfil e escolha do conteúdo?

Geralmente uso um calendário para definir os conteúdos. Minha filha também canta, então as lives que ela produz geralmente são com cantores, pessoas do teatro ou do meio musical. As lives são sempre sobre música e os conteúdos são baseados no calendário. Eu preparo ela introduzindo o assunto durante a semana para ela ir se familiarizando, até o momento de fazer a ação ou conteúdo. A Neusa é embaixadora de uma plataforma de influencers e lá também são definidos os conteúdos.

***Anotações do caderno de campo**:* A mãe de Neusa se mostrou bastante confortável durante a entrevista, e mesmo após o término das perguntas, seguimos conversando por mais alguns minutos.

- **Entrevista com Beatriz – 10 anos**

1. Quais perfis no *Instagram* você acompanha?

Eu acompanho a Mc Sofia, a Duda Pimenta, Hugo Amaral. Eu acompanho um monte de perfis, agora não lembro todos, porque tem cada perfil com uns nomes diferentes.

2. Quais seus perfis favoritos?

Os favoritos são da Mc Sofia e da Duda Pimenta.

3. O que te chama atenção nestes perfis?

O conteúdo, né. As danças, a maneira que elas se vestem, as músicas que elas gravam, os penteados dela, e o empoderamento também.

4. Como surgiu a ideia de fazer seu perfil?

Assim, eu ia pros bailinhos black e sempre dançava, aí meus pais pensaram em criar um Instagram pra mim.

5. Como se sente ao produzir conteúdo para o *Instagram*?

Eu me sinto alegre. Eu sinto que eu vou ensinar outras meninas a fazer. Eu faço tiktok, eu danço, então se isso tá comigo, eu me sinto feliz!

6. Quais temas ou assuntos você compartilha no seu perfil?

Dança, empoderamento, como a menina aprender a gostar dela mesma. Às vezes posto minha rotina de dia a dia. As vezes posto algumas gracinhas, umas dublagens e tudo mais, mas é uma coisa bem alegre sempre que tem no meu perfil, danças com grupo de dança com várias crianças, isso me deixa muito feliz.

7. Quanto tempo você se dedica à produção destes conteúdos

Assim, quanto tempo? eu não tenho um tempo certo. Tenho meus tempos livres que às vezes eu gravo um vídeo, fazer uma foto e tudo mais.

8. Você acredita que é possível aprender algo no *Instagram*? O quê? Pode nos citar algum exemplo?

Sim, dá pra aprender bastante coisa. Eu aprendi a gostar do meu cabelo. Até tem um vídeo que eu fiz a mó tempão sobre isso, que ficou conhecido. Também aprendi várias danças. Tem danças no Instagram que eu vejo várias e junto numa coreografia só.

9. Você acredita que aprendeu algo ao acompanhar algum perfil no *Instagram*? Se sim, pode nos relatar?

Sim, essas coisas que aprendi foram acompanhando outros perfis. Eu aprendo bastante coisa. Digamos que aprendo a melhorar meu humor também, às vezes tô mais irritada, consigo dar uma relaxada.

10. Quais as experiências você pode nos relatar com a produção de conteúdo para o seu perfil?

Eu já vivi várias coisas boas, meus shows. Uma campanha pra Pampili, que foi muito legal. Essas são coisas positivas, que eu fiz e gostei. Me faz bem.

Anotações do caderno de campo**: **Sobre a entrevista - A mãe da Beatriz tinha sinalizado que ela era muito tímida, que apesar de ser artista é uma cantando e uma fora do palco. Que as vezes por conta da timidez pode se perder um pouco nas palavras, que talvez fosse necessário que eu reformulasse as perguntas durante a entrevista. Beatriz foi muito simpática, e aparentou estar confortável durante a conversa. ***Sobre o perfil do Instagram*** *(observação das publicações recentes)* - Perfil com várias postagens com a temática racial, danças e posts tratando especificamente sobre o racismo. A identidade visual como um todo, roupas, cabelos, traz muitos elementos da cultura negra.

- **Entrevista com a responsável por Beatriz**

1. Como foi o processo de criação do perfil da criança no *Instagram*

Então, ela tem desde que nasceu, a gente não alimentava com tanta frequência, mas tem desde bebezinho mesmo. Tinha alguns parentes que moravam longe e era uma forma de compartilhar com a família, com as minhas tias e amigos que não moravam perto e queriam acompanhar o crescimento dela. E quando começamos com conteúdo, foi postando looks, a Beatriz sempre gostou de se vestir diferente, nunca gostou muito de usar rosa, nem vestido. Aí eu comecei ver alguns perfis estrangeiros e comecei a postar os looks dela.

2. Você percebeu alguma mudança de comportamento ou manifestação emocional após a criação do perfil? Se sim, qual(is)?

A gente sempre tomou cuidado com isso, meu marido e eu, a gente gosta de compartilhar coisas interessantes, a Beatriz já viralizou com vídeos sobre coisas pessoais, como desabafo, como o vídeo que ela fala do cabelo dela, que estourou o vídeo. Fomos fazendo assim conforme ela foi se descobrindo enquanto menina negra e crespa, a gente sempre compartilhou coisas que achamos que seria relevante ajudar

outras meninas, mas nada tanto de rotina íntima. Tem uns dois anos que ela tem mais noção da rede social, da imagem dela, porque a gente sempre limitou bastante os acessos e tudo mais. E ela sabe dividir as coisas, de vida real e rede social, muito bem, apesar da pouca idade. Na escola ela nem gosta que fiquem falando, ah você fez show em tal lugar, evento. Ela lá é apenas Beatriz. E a gente tem bastante cuidado com as redes, até mesmo por causa dos *haters* né. E como é um conta profissional, não pode ficar na mãe dela né, uma criança de 10 anos. E ela trabalha com marcas, canta e faz apresentações.

3. Você acompanha outros perfis infantis no *Instagram*? Quais?

Como tenho a produtora infantil, eu acompanho os das nossas crianças, durante muito tempo eu fiz o trabalho de social mídia, auxiliando algumas mães nas redes sociais, lá no início, mas hoje não faço mais. Acompanho as crianças, mas não profissionalmente. Acompanho também outras produtoras ou projetos. Crianças negras estou sempre olhando. Assim, perfis que tenham mesmo segmento que o meu, sempre que posso acompanho.

4. Considera que os perfis infantis têm um potencial educativo? Por quê?

Acredito que sim, porque hoje a gente corre muito pra internet. Então os pais que estão dispostos a ir atrás, por exemplo muita gente vem até a mim ou conhece a Beatriz por isso, o filho sofreu uma situação de racismo na escola, ou não tô conseguindo lidar com o cabelo dele, não sei o que eu faço, ou não tô conseguindo lidar com algumas questões raciais na minha família e vou procurar quem possa me ajudar. Acho que estes perfis não tem que ser só, assim, eu trabalho com fotografia, gosto muito de postar as crianças lindas maravilhosas com suas fotos, mas acho que os perfis precisam ter uma pegada social também, esse engajamento, essa militância, mesmo que seja leve. Eu sempre falo isso, eu acho injusto com a criança a gente tacar assim, ó o mundo é racista, então você vai ter que sempre militar, porque perde a infância e perde a inocência. Mas acho que ela tem que ter consciência, de uma forma leve. Ó, seu cabelo é bonito, você é linda, olha essa música, olha esse autor aqui, esse livro. Para que ela construa a militância sem que ela tenha que sofrer tanto. Porque quando a gente não constrói isso, a gente já vem com várias pedras, isso é cruel com a criança. Então uma das formas que a gente encontrou dela se p u acho

que ela começou a ter noção maior da responsabilidade dos atos dela, das coisas que fazemos e das consequências, principalmente nas redes, como influenciadora. Até com essa coisa do cancelamento, quando teve a situação da Karol Conká, ela se interessou em saber. Ela se preocupa em mostrar o quarto arrumado, as coisas limpas, pensar que pode influenciar outra pessoa. Ela começou a perceber também como as informações chegam muito rápido na internet.

6. Quanto tempo a criança se dedica a produção de conteúdo no *Instagram*?

A Beatriz é muito livre, a gente não tem um tempo determinado, nem um cronograma. Então é tudo quando surge a ideia ou um trabalho, um evento, um show. Temos as outras demandas da casa, da família, a gente trabalha, não dá pra dar conta de tudo, a gente dedica o que a gente pode. Ela já ganhou e perdeu muitos seguidores, o Instagram tem disso, mas muitos também são haters que meu marido vai bloqueando antes dela ter acesso. A gente já conversou com ela sobre número de seguidores, a gente não tem preocupação com isso. A internet dá retorno pra ela, mais pelos shows, ou uma fala que eu escrevo junto com ela e postamos algo legal. A gente registra mais os shows, fotos e eu vou alimentando quando vai dando. A gente não gosta de jogar essa responsa de ter que gerar conteúdo pra ela. Fazemos conteúdo mais focando nela enquanto artista, o que ela produz e sempre a mensagem positiva pra meninas, fortalecimento infantil. E acredito que no futuro, ela crescendo, vai defender ainda mais essa bandeira do fortalecimento principalmente das meninas negras.

7. Como se dá a dinâmica de gestão do perfil e escolha do conteúdo?

Respondida na questão anterior.

***Anotações do caderno de campo**:* A mãe da Beatriz foi bastante disponível durante nossa conversa, além das perguntas abordamos outros assuntos transversais, a entrevista correu tranquila.

- **Entrevista com Carolina – 06 anos**

1. Quais perfis no Instagram você acompanha?

Eu sigo a Elis MC, Shopping de Madureira, Pampili, Midi, Ana Clara Luz e Radassa.

2. Quais seus perfis favoritos?

Eu gosto mais da Pampili e da Midi.

3. O que te chama atenção nestes perfis?

Acho legal, me fez crescer.

4. Como surgiu a ideia de fazer seu perfil?

Eu queria ser modelo e foi feito para entrar na agência Midi.

5. Como se sente ao produzir conteúdo para o Instagram?

Me sinto bem, orgulhosa, tudo é tranquilo.

6. Quais temas ou assuntos você compartilha no seu perfil?

Minhas fotos, eu também danço.

7. Quanto tempo você se dedica à produção destes conteúdos?

Pouco tempo, pois eu estudo, vou para a escola.

8. Você acredita que é possível aprender algo no Instagram? O que? Pode nos citar algum exemplo?

Sim. A fazer cabelo, filtros, maquiagem.

9. Você acredita que aprendeu algo ao acompanhar algum perfil no Instagram? Se sim, pode nos relatar?

Sim, eu aprendi muitas coisas. Aprendi a dançar, aprendi a cantar, a me soltar mais.

10. Quais as experiências você pode nos relatar com a produção de conteúdo para o seu perfil?

Me sinto bem. [A mãe relembra: “inclusive no colégio hoje, explica pra ela o que aconteceu com a amiguinha”]. A amiguinha no colégio, tinha uma garota que era mais

ou menos grande, e junto com outra menina me perguntaram: qual o seu Instagram? Eu disse o nome. Aí elas foram lá escreveram e me seguiram. Me sinto orgulhosa.

Anotações do caderno de campo**: **Sobre a entrevista - Carolina pareceu confortável durante a entrevista, dava algumas pausas para compreender as perguntar e depois respondia com um sorriso. Respondia o que era perguntado sem se prolongar. ***Sobre o perfil do Instagram*** *(observação das publicações recentes)* – Algumas postagens sobre questões raciais. As publicações em geral são trabalhos de divulgação de marcas.

- **Entrevista a responsável por Carolina**

1. Como foi o processo de criação do perfil da criança no Instagram?

Foi tranquilo, eu achei que seria um pouco complicado, vou tentar fazer porque eu gostaria muito que ela entrasse numa agência. A irmã dela mais velha era modelo, mas ela não quis mais. Como eu gostava de levar, pra passear, eu gosto muito dessas coisas de modelo, pensei em levar a pequenininha e ela acabou gostando. Eu passeio, levo ela, é até uma distração pra minha cabeça, pra ela. A gente vai conhecendo muita gente, as lojas, os perfis.

O pessoal que tirou foto na época da minha filha mais velha indicou. Eu perguntei se eles conheciam alguma agência de modelo que seja confiável e eles falaram que tinha a Midi, mas que você precisaria ter Instagram. Aí eu fiz e tentei. Só que fiquei 2 anos pra tentando entrar na Midi, eu estava quase desistindo, pensei em excluir o Instagram, e foi quando eles enviaram uma cartinha que entre milhares de crianças ela conseguiu entrar. E de lá pra cá a gente não saiu mais.

Antes disso ela começou fazendo fotos com a Crespinho, começou também com a Pâmela fotógrafa, pequenininha com um aninho, como anjinho.

1. **Você percebeu alguma mudança de comportamento ou manifestação emocional após a criação do perfil? Se sim, qual(is)?**

Ela era mais quietinha, se soltou mais, dança. Ela se preocupa com o conteúdo, com os seguidores dela.

2. **Você acompanha outros perfis infantis no Instagram? Quais?**
   Sim, a Elis MC que eu gosto muito, que canta. A Ana Clara Luz.

3. **Considera que os perfis infantis têm um potencial educativo? Por quê?**
   Acho que sim. Ensina várias coisas, como cabelo, dança, maquiagem, filtros.

4. **Você acha que seu/sua filho/filha tem aprendido com este processo de criar conteúdo para internet?**
   Acho que sim, ela mesma às vezes tira fotos, ela assiste aos vídeos sobre cabelo e faz trancinhas no cabelo, ela gosta muito de tirar fotos com os filtros. Aprende a dançar.

5. **Quanto tempo a criança se dedica a produção de conteúdo no Instagram?**
   Às vezes na dança o tempo é coisa de meia hora. Quando tem ensaio fotográfico dura em torno de 3, 4 horas, pois tem várias crianças para tirar foto e acaba demorando.

6. **Como se dá a dinâmica de gestão do perfil e escolha do conteúdo?**
   A gente não pode postar qualquer coisa não. Hoje mesmo nós fomos tirar foto dela. Só podemos postar na internet depois que o conteúdo dela sair na loja primeiro pra depois postar. Em casa também, cuidamos com o que postamos, se está com as pernas fechadas, cuidamos com a roupa. O conteúdo é mais voltado para os trabalhos com modelo, como as fotos. Conforme os trabalhos vão surgindo vamos nos organizando.

***Anotações do caderno de campo**:* a mãe de Carolina esteve bem disponível para nossa conversa, respondeu às perguntas tranquilamente, não se prolongando muito nas respostas.

- **Entrevista com Alberto – 7 anos**

1. **Quais perfis no *Instagram* você acompanha?**

Ah, dos meus amigos, primos. [A mãe informa que é ela quem gerencia o perfil, enquanto o filho cria os conteúdos].

2. Quais seus perfis favoritos?

São mais das pessoas conhecidas mesmo.

3. O que te chama atenção nestes perfis?

Na verdade, eu uso mais outro site para conversar e interagir, um site de jogos onde converso com meus primos e amigos pelo chat.

4. Como surgiu a ideia de fazer seu perfil?

Não lembro direito. Eu também tenho outras coisas, como por exemplo *YouTube.*

5. Como se sente ao produzir conteúdo para o *Instagram*?

Acho legal! Acho que eu já tô com 8 mil seguidores.

6. Quais temas ou assuntos você compartilha no seu perfil?

Deixa eu me lembrar... Hum, seguidores! Fotos e vídeos de Jobs.

7. Quanto tempo você se dedica à produção destes conteúdos?

Ah, não muito, faço mais vídeos, boomerang.

8. Você acredita que é possível aprender algo no *Instagram*? O que? Pode nos citar algum exemplo?

Acho que sim. A ser mais gentil com as pessoas, vendo vídeos.

9. Você acredita que aprendeu algo ao acompanhar algum perfil no *Instagram*? Se sim, pode nos relatar?

A dançar.

10. Quais as experiências você pode nos relatar com a produção de conteúdo para o seu perfil?

Um dia quando eu tava na aula de basquete um pessoal de outra cidade veio perguntar se eu tinha *Instagram* e eu passei meu perfil e todo mundo gostou, viram

minhas fotos. Eu passei o *Instagram* da minha mãe também, depois foram até falar com ela pra elogiar meu perfil.

Anotações do caderno de campo: ***Sobre a entrevista -*** Alberto pareceu à vontade durante a entrevista. Respondeu as perguntas rapidamente, com bastante espontaneidade. Me olhava sorrindo ao responder. ***Sobre o perfil do Instagram*** *(observação das publicações recentes)* **-** Perfil mais voltado para divulgação de marcas através de fotos e vídeos. Postagens enaltecendo a beleza negra através do Black Power e tranças nagô.

- **Entrevista a responsável por Alberto**

1. Como foi o processo de criação do perfil da criança no *Instagram*?

Então, o Alberto começou a fazer fotos bem novo, ele tinha um ano e meio mais ou menos e como meio de divulgação a própria agência me indicou a fazer um *Instagram* pra ele e uma página no *Facebook* e começar a postar fotos dos trabalhos dele pra ser meio que uma vitrine. Em 2020 eu comecei a criar mais conteúdo para o perfil dele, mas infelizmente não consegui manter, é uma coisa que eu quero até voltar a fazer. Eu fazia mais conteúdo de cabelo, porque o Alberto é bastante representativo com a questão do cabelo, muitas mães vêm me chamar elogiando o cabelo dele e tal. Eu recebia bastante mensagens falando sobre isso, sobre trança, o Alberto também trançava bastante o cabelo, sobre cuidados com o cabelo, rotinas de hidratação e etc. Também fazia alguns posts geralmente falando sobre infância negra, algumas questões que tinham no cotidiano do Alberto, algumas falas que ele trazia. Só que com o tempo eu não consegui manter essa periodicidade que é exigido. Aí eu voltei atrás e decidi voltar a manter o perfil mais como vitrine mesmo com trabalhos dele. Às vezes eu posto alguns stories mostrando a rotina dele, mostrando ele na aula de basquete, de teatro, ou quando ele tá brincando.

2. Você percebeu alguma mudança de comportamento ou manifestação emocional após a criação do perfil? Se sim, qual(is)?

Quando ele tinha dois anos e meio, que a gente estava nesse ritmo de produção de conteúdo, ele começou a ficar um pouco revoltado, o que me fez analisar até que ponto também vale, porque tem que ser prazeroso, lúdico, legal e engraçado pra ele, e ele levar isso na brincadeira senão não faz sentido. Estava bem pesado, tinha que produzir bastante conteúdo, havia uma cobrança bem grande, inclusive eu até comecei a me questionar pois ele era o único negro que tinha na plataforma, a realidade das outras mães era muito diferente da minha realidade, mães que poucas delas trabalhavam e passavam boa parte do dia voltadas para o grupo e produzindo conteúdo para os filhos. Eu me sentia numa corrida, minha realidade era totalmente diferente. Bom, você com certeza entende o que estou falando! Então ele começou a ficar bastante estressado, porque a gente produzia os conteúdos todo final de semana para ir publicando durante a semana. A regra da plataforma era fazer três publicações e dois vídeos durante a semana, então eu optei por tirar ele porque não estava sendo legal a experiência que ele estava tendo. Hoje, da forma que está, ele já tem outra experiência, ele gosta que eu mostre pra ele as fotos com todos os trabalhos que ele faz, ele gosta de ver quantas curtidas ele tem nas fotos, então eu vejo que isso impacta na autoestima dele, ele gosta. Ou quando as pessoas falam pra ele que seguem ele no *Instagram,* isso ajuda realmente na construção da autoestima dele, porque todo mundo que vem falar é de uma forma positiva, tanto é que agora ele mesmo apresenta pra todo mundo o *Instagram*.

3. Você acompanha outros perfis infantis no *Instagram*? Quais?

O Infância Preta eu gosto de acompanhar. Tem o Poder Preto Kids onde a gente formou essa rede e a gente sempre acompanha. Tem a Revista Ébano Brasil que eu gosto bastante. Tem o [inaudível] Infância Preta também que traz bem essa questão de afrocentrar a infância, eu gosto muito porque ali eles trazem bastante conteúdo, com indicação de livros, formas de a gente falar, sobre questões do racismo, trabalhando a valorização, empoderamento. Tem o Mães Pretas também que eu acho muito bacana.

4. Considera que os perfis infantis têm um potencial educativo? Por quê?

Sim, acho que desde trabalhar a representatividade, a trazer formas lúdicas da gente trabalhar isso sabe, ações, formas da gente se munir, materiais que a gente pode usar, desenhos animados com personagens pretos. Através destas páginas eu vou descobrindo conteúdo, formas de abordar, ou então mostro para o Alberto também, porque teve um momento que ele estava bem desanimado com o cabelo dele, aí eu comecei a mostrar outras crianças pretas, meninos pretos com cabelo Black Power. Chegou um momento que eu parei pra analisar e pensar o que meu filho estava consumindo sabe, muito conteúdo branco realmente que é o que mais se vê, então eu disse nossa, eu preciso buscar desenhos, referências negras pra ele também nesse sentido. Eu usei muito destas páginas tanto para a questão dos livros, quanto também para a questão dos desenhos, o que pra mim é ótimo poder contar com essas ferramentas, com pesquisadores, que trazem a temática à tona pra ser trabalhado com ele.

5. Você acha que seu(sua) filho(filha) tem aprendido com este processo de criar conteúdo para a internet?

Ele tem aprendido, mas ele está começando a entender o que que é isso. Ele é muito visual, então em questões visuais ele tem aprendido muito. E assim, eu pretendo aos poucos ir apresentando isso pra ele à medida que ele vai crescendo e aprendendo realmente.

6. Quanto tempo a criança se dedica a produção de conteúdo para o *Instagram*?

Quando o Alberto tinha dois anos e meio ele fez parte de uma plataforma para digital influencer. Uma plataforma aqui de Santa Catarina, com 14 crianças, onde eles recebiam roupas das marcas e acessórios para divulgação. Então nessa época a gente estava mais focado nisso, toda semana tinha que produzir, vídeos, fotos, em torno de 3, 4 conteúdos por semana. Nós fizemos durante um tempo, mas com a correria do dia a dia eu não consegui manter pois demandava bastante, e ele com apenas dois anos e meio era preciso respeitar o tempo dele também. Mas foi num período em que eu havia começado meu mestrado também e precisei voltar atrás com a plataforma, a experiência foi muito legal, mas não havia possibilidade de continuar naquele momento.

Hoje em dia essa parte de produção de conteúdo é mais quando ele tem recebidos, é mais pontual, bem espaçado o tempo, a gente não tá mais com um cronograma, com algo efetivo.

7. Como se dá a dinâmica de gestão do perfil e escolha de conteúdo?

É mais de acordo conforme vão surgindo os trabalhos. Na época em que eu estava produzindo conteúdo eu trazia bastante sobre questões raciais, de como eu me vejo enquanto mãe de uma criança negra. A gente estava até com um grupo no *WhatsApp* bem potente de crianças negras, o Poder Preto Kids, onde havia muita troca e apoio, quando alguém fazia uma postagem todos iam lá comentar e interagir com o post, a gente fazia todo esse movimento. Porque principalmente dentro deste meio digital e da moda o racismo está presente, ele se apresenta de diversas formas, então a gente sempre se fortalecia e fazia esse movimento para melhorar o engajamento.

Anotações do caderno de campo: a mãe de Alberto se mostrou bastante disponível antes mesmo da entrevista, ao fazer contato pela primeira vez ela se apresentou bastante acessível, disse saber da importância desse tipo de pesquisa e que participaria com alegria.

- **Entrevista com Milton – 10 anos**

1. Quais perfis no *Instagram* você acompanha?

Página Você Sabia, perfis de crianças que fazem trabalho de modelo, páginas de comida.

2. Quais seus perfis favoritos?

A que eu mais gosto de ver é o perfil Você Sabia.

3. O que te chama atenção nestes perfis?

Eu gosto muito de saber curiosidades de todos os tipos.

4. Como surgiu a ideia de fazer seu perfil?

A gente fez porque eu queria ser modelo.

5. Como se sente ao produzir conteúdo para o *Instagram*?

Eu acho legal.

6. Quais temas ou assuntos você compartilha no seu perfil?

A gente posta meus trabalhos, fotos e o meu dia a dia.

7. Quanto tempo você se dedica à produção destes conteúdos?

Depende do dia e do trabalho, por exemplo, quando é foto normalmente é mais demorado, mas quando é vídeo é rapidinho.

Só sigo uma rotina com os stories, mas com os outros trabalhos depende.

8. Você acredita que é possível aprender algo no *Instagram*? O que? Pode nos citar algum exemplo?

Acho, ah por exemplo, comida, dança, indicação de leitura.

9. Você acredita que aprendeu algo ao acompanhar algum perfil no *Instagram*? Se sim, pode nos relatar?

Acho, a fazer comida no micro-ondas e também sobre curiosidades.

10. Quais as experiências você pode nos relatar com a produção de conteúdo para o seu perfil?

Às vezes eu quero brincar na rua e preciso gravar vídeo ou fazer fotos. Conteúdo com prazo pra entregar quando fecha parceria.

Anotações do caderno de campo: ***Sobre a entrevista*** - Milton parecia bastante tranquilo durante a entrevista, respondeu às perguntas de forma sucinta e fez algumas perguntas para compreender melhor do que se tratava a pesquisa. ***Sobre o perfil do Instagram*** *(observação das publicações recentes)* **-** Perfil voltado para divulgação de marcas através dos ensaios realizados pelas marcas contratantes e várias postagens pessoais do dia a dia com fotos e vídeos trazendo o que está em

alta no momento nas redes. Sem publicações recentes diretamente ligadas a temática racial.

- **Entrevista com a responsável por Milton**

1. Como foi o processo de criação do perfil da criança no *Instagram*?

Foi pensado e criado para gerar mais visibilidade por conta do interesse do Milton em trabalhar como modelo. Então foi essencial criar o *Instagram* dele pra gente fazer essa divulgação.

2. Você percebeu alguma mudança de comportamento ou manifestação emocional após a criação do perfil? Se sim, qual(is)?

Não, até que o Milton é bem tranquilo em relação a isso, mesmo antes de ter internet, ele sempre foi muito bem resolvido em relação a questões raciais. Não mudou o desenvolvimento dele. Ele sempre se achou o mais bonito, sempre foi muito firme em assumir a negritude dele, porque realmente nessa fase é muito complicado, pois a gente cria uma página no *Instagram* para crianças pretas e a gente entende que o alcance da gente é sempre menor do que de uma criança branca. É muito mais difícil a gente ter um grande número de seguidores comparado a uma criança branca que as vezes tem um conteúdo muito inferior e ainda assim consegue muito mais seguidores. Tanto é que já faz seis anos que fizemos o *Instagram* dele e mantemos praticamente o mesmo número de seguidores, enquanto tem criança que a gente acompanha, que criou o perfil em menos de um ano e já estão com dezoito mil seguidores.

É muito árduo, o racismo está tão impregnado na nossa sociedade que até nas mídias sociais a gente tem que lutar muito, ser sempre o melhor pra gente conseguir ter o mesmo espaço sabe, o mesmo direito.

3. Você acompanha outros perfis infantis no *Instagram*? Quais?

Como a gente sabe que o *Instagram* é seletivo na entrega de conteúdo se tratando de questões raciais, eu sempre dou prioridade em acompanhar perfis de crianças pretas. Eu sigo pessoas brancas também, mas a prioridade são crianças pretas

como forma de tentar fortalecer. Gosto muito do perfil Poder Preto Kids. Tem a Clarinha de São Paulo. Tem a Resiliência Kids, que ensina como lidar com os filhos.

4. Considera que os perfis infantis têm um potencial educativo? Por quê?

Sim, o próprio Poder Preto Kids, que na verdade é um IG que a gente já fez parte, quem fundou foi a Jeane. Ela criou o perfil pois passava por uma fase de depressão, ela via que a família dela não estava se aceitando enquanto pretos, e ela começou a ficar preocupada com filho, também negro. Ele tinha o cabelo black power e ainda muito pequeno, com três anos, ela estava passando por muitas situações na escola relacionadas ao cabelo e questões ligadas ao racismo. Ela então observou nas redes sociais que não era somente com o filho dela, mas que muitas crianças passavam por esse mesmo problema, de crianças alisando o cabelo ou raspando. Foi aí que ela criou o perfil Poder Preto Kids e convidou algumas mães a fim de empoderar estas crianças pretas. E tem muita criança que ela ajudou, que ela pôde conhecer pessoalmente.

É muito triste a gente ter que ensinar nossas crianças a serem fortes desde muito pequenas para aprenderem a lidar com o racismo.

5. Você acha que seu(sua) filho(filha) tem aprendido com este processo de criar conteúdo para a internet?

Sim, ele aprende muita coisa nesse processo, a realmente se reconhecer como criança preta, o lugar que ele ocupa na sociedade, vendo outras páginas e conteúdos. Ele tem gostado de se comunicar e conhecer outras pessoas, outras culturas. Até finanças e controle financeiro ele tem aprendido, porque ganha algo com a internet, pensa sobre como e onde gastar, aprende até como encontrar aulas de inglês grátis.

6. Quanto tempo a criança se dedica a produção de conteúdo para o *Instagram*?

Antes se dedicava mais e tinha um cronograma de conteúdo, tempo e tarefas. Mas demanda muito, eu tenho outro trabalho e as demandas familiares. Hoje a gente leva de um jeito mais leve, postamos prioritariamente os conteúdos de trabalhos, parcerias, etc.

7. Como se dá a dinâmica de gestão do perfil e escolha de conteúdo?

Hoje por conta da falta de tempo não dá para fazer toda a quantidade de publicações que as plataformas digitais exigem. Priorizamos os trabalhos e tentamos acompanhar mais as trends ou alguma data específica importante.

Anotações do caderno de campo: a mãe de Milton pareceu confortável durante toda a entrevista, respondeu às perguntas. Foi bastante simpática e indicou uma reportagem que ela havia lido recentemente sobre a temática da pesquisa.

- **Entrevista com Lélia - 7 anos**

1. Quais perfis no *Instagram* você acompanha?

Eu olho perfis de crianças negras, perfis de maquiagem.

2. Quais seus perfis favoritos?

Revista Ébano Brasil, Ébano Kids, perfis de modelos negras infantis, minha amiga Mariá eu gosto bastante de acompanhar.

3. O que te chama atenção nestes perfis?

Me chama a atenção sobre a pele negra, que eu aprendo mais coisas.

4. Como surgiu a ideia de fazer seu perfil?

Eu não lembro, era mais nova quando minha mãe criou.

5. Como se sente ao produzir conteúdo para o *Instagram*?

Eu gosto, as vezes minha mãe não deixa, porque ela fala que não é coisa de criança. Mas eu me sinto bem, me sinto orgulhosa e feliz.

6. Quais temas ou assuntos você compartilha no seu perfil?

Eu compartilho bastante fotos, não tenho muito de dança. Sobre empoderamento negro também, sobre cabelo e sobre como a criança negra pode se gostar. Tem vários livros de crianças negras também.

7. Quanto tempo você se dedica à produção destes conteúdos?

No final de semana mesmo, porque as vezes tá bem ocupados e no final de semana temos mais tempo.

8. Você acredita que é possível aprender algo no *Instagram*? O que? Pode nos citar algum exemplo?

Sim é possível pra mim. Eu aprendo a me gostar, a amar outras pessoas, a amar o meu cabelo.

9. Você acredita que aprendeu algo ao acompanhar algum perfil no *Instagram*? Se sim, pode nos relatar?

Acredito que sim. Sobre empoderamento negro, aprender a me gostar.

10. Quais as experiências você pode nos relatar com a produção de conteúdo para o seu perfil?

Nunca teve nada de negativo, eu não olho muito também o *Instagram*. Às vezes eu me sinto muito cansada, porém tem que fazer né, eu gosto.

Anotações do caderno de campo: ***Sobre a entrevista*** - Lélia respondeu espontaneamente as perguntas e pareceu confortável durante toda entrevista, abriu um sorriso quando nos vimos pela câmara. ***Sobre o perfil do Instagram*** *(observação das publicações recentes)* **-** Perfil traz a temática racial pelo viés da representatividade nos trabalhos para as marcas e empresas e também nas postagens pessoais, valorizando a cultura negra.

- **Entrevista a responsável por Lélia**

1. Como foi o processo de criação do perfil da criança no *Instagram*?

Foi quando entramos no mundo da moda por conta dos trabalhos e o pessoal dizia muito que se você fizer um *Instagram* ela vai ganhar mais visibilidade. Foi quando eu criei o *Instagram* pra ela, comecei postando umas fotos dela menorzinha, porque ela faz foto desde quando saiu da maternidade a Olívia fotografa. Eu comecei aos poucos e quando vi do nada já eram cinco mil seguidores e eu não tinha nem noção daquilo. A gente também começou a se vincular a Revista Ébano Brasil, e aquilo deu pra gente além de muito conhecimento, muita visibilidade também e foi indo.

2. Você percebeu alguma mudança de comportamento ou manifestação emocional após a criação do perfil? Se sim, qual(is)?

Não, a Lélia é uma mini adulta consciente, ela sabe dosar muito bem sabe, ela se entrega pouco nas redes, não fica muito tempo.

3. Você acompanha outros perfis infantis no *Instagram*? Quais?

Sim, canais de crianças pretas e perfis de empoderamento negro, como o perfil da Revista Ébano Brasil.

4. Considera que os perfis infantis têm um potencial educativo? Por quê?

Tem sim. Ela aprende muito sobre pertencimento, grupos de amigos que fez através da internet, conversam, do jeito deles sobre as questões que envolvem as crianças negras.

5. Você acha que seu(sua) filho(filha) tem aprendido com este processo de criar conteúdo para a internet?

Ela não só aprende como também ensina outras crianças.

6. Quanto tempo a criança se dedica a produção de conteúdo para o *Instagram*?

Aos finais de semana, pois priorizamos a escola.

7. Como se dá a dinâmica de gestão do perfil e escolha de conteúdo?

Usamos os Jobs. Aproveitamos todos os temas que estão em destaque na internet e no país em geral.

Anotações do caderno de campo: a mãe de Lélia foi muito receptiva quando realizamos o primeiro contato, tivemos um pouco de dificuldade de acertar as agendas para realização da entrevista, mas quando agendamos tudo ocorreu de forma tranquila.